

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

**MARIANA CRISTINA PINTO MARINO**

***FUGERE URBEM ET LOCUS AMOENUS QUAERERE: UMA ANÁLISE  
ECOCRÍTICA DE MARCOVALDO OU AS ESTAÇÕES NA CIDADE, DE ITALO  
CALVINO***

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**CURITIBA**

**2018**

MARIANA CRISTINA PINTO MARINO

***FUGERE URBEM ET LOCUS AMOENUS QUAERERE: UMA ANÁLISE  
ECOCRÍTICA DE MARCOVALDO OU AS ESTAÇÕES NA CIDADE, DE ITALO  
CALVINO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, do Departamento de Linguagem e Comunicação – DALIC, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens. Área de Concentração: Linguagem e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin

Coorientador: Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida

CURITIBA  
2018

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**

---

M339f Marino, Mariana Cristina Pinto  
2018 *Fugere urbem et locus amoenus quaerere : uma análise ecocrítica de Marcovaldo ou As estações na cidade, de Italo Calvino / Mariana Cristina Pinto Marino.-- 2018.*  
134 f.: il.; 30 cm.

Disponível também via World Wide Web.  
Texto em português com resumo em inglês  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens. Área de Concentração: Linguagem e Tecnologia, Curitiba, 2018.  
Bibliografia: f. 130-134.

1. Calvino, Italo, 1923-1985. Marcovaldo ou As estações na cidade. 2. Guattari, Félix, 1930-1992. As três ecologias. 3. Ecocrítica. 4. Ecologia humana - Filosofia. 5. Ecologia na literatura. 6. Natureza na literatura. 7. Literatura moderna - Séc. XX - História e crítica - Aspectos sociais. 8. Linguagem e línguas - Dissertações. I. Cantarin, Márcio Matiassi, orient. II. Almeida, Rogério Caetano de, coorient. III. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens. IV. Título.

CDD: Ed. 22 - 400

---

Biblioteca Central do Câmpus Curitiba - UTFPR  
**Bibliotecária: Luiza Aquemi Matsumoto CRB-9/794**

### TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 13

A Dissertação de Mestrado intitulada "*Fugere urbem et locus amoenus quaerere: uma análise Ecocrítica de Marcovaldo ou As Estações na Cidade, de Italo Calvino*", defendida em sessão pública pela candidata Mariana Cristina Pinto Marino, no dia 23 de fevereiro de 2018, foi julgada para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, área de concentração Linguagem e Tecnologia e aprovada em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens.

**BANCA EXAMINADORA:**

- Dr. Márcio Matiassi Cantarin (orientador – PPGEL/UTFPR)
- Dr. Roberto Francavilla (membro avaliador – Universidade de Gênova)
- Dr.<sup>a</sup> Naira de Almeida Nascimento (membro avaliador – PPGEL/UTFPR)

A via original deste documento encontra-se arquivada na Secretaria do Programa, contendo a assinatura da Coordenação após a entrega da versão corrigida do trabalho.

Curitiba, 01 de março de 2018.

*Paula Ávila Nunes*

Carimbo e Assinatura do(a) Coordenador(a) do Programa

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paula Ávila Nunes  
Coordenadora  
PPG em Estudos de  
Linguagens (UTFPR/CT)

À avó Dirce, sob a sombra de alguma esplendorosa mangueira;

Às mulheres e aos homens que acreditam, de alguma forma, na  
possibilidade de retorno à natureza, à solidariedade, à alma selvagem.

## AGRADECIMENTOS

É um privilégio — em tantos níveis— ter a oportunidade de agradecer pela conclusão (após quase 24 meses de intensas experiências vividas no contexto da pós-graduação) de uma dissertação de mestrado. Num país em que a crise na educação, principalmente a básica é, segundo o antropólogo Darcy Ribeiro, “um projeto”, e face à reiteração dessa máxima, sentida diariamente com maior impacto desde os abusos contra os professores, suas condições de trabalho, cortes em seus honorários e aumento da jornada de trabalho não somente no estado do Paraná (sem mencionar as infelizes e violentas cenas vivenciadas pela classe professorial no fatídico 29 de abril de 2015), é, sem dúvida, um privilégio ainda acreditar e defender o ensino de qualidade no Brasil. Num ambiente de retrocessos em tantas áreas no país, de maior assujeitamento do proletário a condições de trabalho insalubres, em que a miséria e a descrença agigantam-se, assim como o preço da gasolina, do botijão de gás, da vida, soa um tanto quanto desimportante agradecer pela execução de um trabalho que, às vistas das novas-velhas demandas sociais de mercado, configura-se tão insignificante.

É por isso que sinto que tenho tanto a agradecer. Novamente, repito: é um privilégio poder pensar a arte, a literatura, o subjetivo, a tecnologia, a estética mesmo estando todos nós atrelados a um sistema de crenças tão utilitarista e imediato, que devora a tudo o que não é capitalizável. É uma alegria poder, ainda, pensar o impalpável, e, como diria Manoel de Barros, “dar respeito às coisas e aos seres desimportantes” como, por exemplo, a arte, a literatura, a natureza, as plantas, os animais e, enfim, o trabalhador que, por mais que seja o maior responsável pela manutenção de todo o ciclo produtivo do capitalismo industrial, é o mais explorado, tendo a sua vida rebaixada à desimportância.

Portanto, antes de tudo, gostaria de agradecer à CAPES/Fundação Araucária pela oportunidade a mim confiada, a partir de bolsa-auxílio recebida mensalmente, de pensar o desimportante com relevância e responsabilidade. Mais: igualmente reconheço o valor de ambas as instituições por, diferentemente do discurso hegemônico proferido contra as Ciências Humanas, validarem as discussões nessa grande área, assim como reconhecerem a seriedade da aproximação estabelecida entre linguagem e tecnologia.

Ao Programa de pós-graduação em Estudos de Linguagens e seu competentíssimo corpo docente, agradeço pela coragem e vontade em assumir, diante da comunidade acadêmica interna e externa, o compromisso de honrar, seriamente, com o estudo do desimportante (principalmente dentro de uma Universidade Tecnológica, muitas vezes alheia ao ensino das

Ciências Humanas). Aos colegas, com quem tive a sorte de partilhar momentos de tanta leveza, mesmo diante do desafio de cumprir com excelência os objetivos que conscientemente nos propusemos a alcançar, meu muito obrigada. Agradeço principalmente à amiga Maria Lígia Freire Guilherme, uma pessoa excepcional e uma excelente pesquisadora, pelos momentos de angústia compartilhados e superados. Você foi (e é) muito importante não só para a conclusão desta dissertação, como também serviu (e serve) de inspiração sincera e profunda (como mulher, como pesquisadora, como amiga) para mim (e sei que para outras pessoas) mesmo sem talvez se dar conta disso. Às queridas Fernanda Bogoni, Margareth Laska de Oliveira, Priscila Murr, Jessica Bianchi, Caroline Marzani e aos queridos Vinícios Mazzuchetti, Lúcio Ruthes, Igor Padilha, Adriano Fonsaca e Bernardo Schaffer, um imenso obrigada por estarem sempre presentes, cheios de ideias, de energia, de vida. Eu acredito em um mundo melhor por causa de vocês. Aos demais colegas, um carinho especial com uma pontinha (antecipada) de saudade.

Ao Vitor Caldas, um parágrafo (e um canto do meu coração) só para ele.

À Tassia Setti, Natasha Saboredó, Suellen Breda, Thais Correia, Aneliana da Silva Prado, Bruna Dias, Belisa Ventura, Daniella Féder, Renata Torres, Carolina Lambert, Lívia Anicet, Míriam Custódio, Iara Scricco, Gabriela Lacerda, Gisele Silva, Valéria Queiroz, Francianne Velho, Michele Torinelli, Anna Gemelli, Ana Flávia Nascimento, Larissa Araújo, Maria Luísa Nascimento, Gisele Eberspacher, Marina Branco, Flávia Bagio, Daniele Santos, amigas de Letras, do teatro e da vida, por serem mulheres tão especiais. Ao Jeferson Torres e Juliano Ribeiro, meus amigos para todas (e quaisquer) horas. Um carinho bem especial para os queridos Lúcio Ruthes, Igor Padilha, Thiago Govatski, Cleverson Honório e Thiago Roliude (que me apresentou *Marcovaldo ou as estações na cidade* num verão).

Agradeço, de todo o coração, ao meu orientador, professor Márcio Matiassi Cantarin, por ter aceitado adentrar ao bosque comigo (eu sei que Eco é um dos seus favoritos!). Muito obrigada por todos os ensinamentos (acadêmicos e da vida) compartilhados. Ao professor Rogério Caetano de Almeida, muitos agradecimentos pela coorientação desta pesquisa, mas não somente por isso: demos boas risadas, sem dúvida. À professora Naira Nascimento, a quem admiro tanto (desde a época da graduação), um carinhoso agradecimento ao aceitar participar da leitura deste trabalho. Ao professor Roberto Francavilla, a quem tive a felicidade de conhecer mesmo que à distância, agradeço pela disposição e aceite em participar da banca de defesa final, assim como pelos relevantes apontamentos ainda na banca de qualificação. Ao professor Vinícius Lima, por quem tenho muita admiração, meu muito obrigada.

Ao Grupo de Teatro Revanche, liderado caótica e apaixonadamente pela professora Maurini Souza, um agradecimento mais do que especial. Vocês fazem parte das minhas

melhores lembranças. Quanto à Maurini, sem palavras para descrever o quão agradecida eu sou por ter a sorte e a felicidade de aprender tanto contigo. Um muito obrigada à professora Paula Ávila Nunes, por toda a dedicação junto ao seu trabalho como coordenadora; Às professoras Rossana Finau, Maria de Lourdes Remenche, Nívea Rohling e Alice Matsuda e aos professores Cristiano de Sales, Roberlei Bertucci e Marcelo Fernando de Lima, um grande (e especial) abraço.

Não há palavras para descrever o quão feliz e agradecida sou por ter ao meu lado Yuri Amaury, Yuri, um companheiro excepcional que, durante a minha trajetória no mestrado (mas não só), não mediu esforços para ajudar, contribuir, agregar, acarinhar, abraçar e, sobretudo, alimentar uma força de crenças baseada na compreensão e na exaltação das melhores virtudes deste trabalho tão desimportante (e de sua autora que aqui vos fala). Em um mundo machista em que as mulheres e suas vozes são frequentemente subestimadas, é um alento para o meu coração tê-lo comigo, lado a lado. Sei que juntos continuaremos a crescer —sempre.

À tia Maria Odete, uma das pessoas mais doces e mais leitoras que conheço. Este trabalho é seu, é para você, é sobre você (porque eu sou um pouco você). À família, que sempre (e tanto) torceu, vibrou e gritou por mim, meu carinho enorme e incomensurável: vó Carolina, tão amada, tia Margarete, João Vítor, tia Ju, Xan, Miguel, tia Marta, Tata, Lulu, Isa, tio Osnilo, tia Delza, Dario, os avôs Leleu e João, que tanto fazem falta, assim como à avó Dirce, a quem dedico, de todo o coração, estas páginas.

Por último-e-por-primeiro (mas não menos importante — e como poderia ser?), é engraçado como as palavras faltam nessas horas, tamanha é a alegria que sinto ao mencionar minha mãe e meu pai. Ana Paula e Renato. Aqueles que sempre, e em qualquer momento da minha vida, cultivaram em mim a importância de estudar, de conhecer outras realidades, da força da empatia, da aceitação do diferente, do direito inalienável que todas e todos temos de amar e sermos amadas e amados. A eles dedico tudo e agradeço por cada pedacinho deles em mim. Para vocês (e só poderia ser para vocês):

“Como se ama o silêncio, a luz, o aroma,  
O orvalho numa flor, nos céus a estrela,  
No largo mar a sombra de uma vela,  
Que lá na extrema do horizonte assoma;  
(...)  
Assim eu [vos] amo, assim; mais do que podem  
Dizer-to os lábios meus, — mais do que vale  
Cantar a voz do trovador cansada”.



*Na solidão, ou nesse estado deserto em que estamos cercados de seres humanos que, porém, não simpatizam conosco, amamos as flores, a relva, a água e o céu.*

P. B. Shelley

## RESUMO

MARINO, Mariana Cristina Pinto. *Fugere urbem et locus amoenus quaerere: uma análise Ecocrítica de Marcovaldo ou as estações na cidade*, de Italo Calvino. 2018. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

A presente pesquisa propôs a análise de todos os vinte contos que compõem a obra *Marcovaldo ou As estações na cidade* (2015 [1963]), de Italo Calvino. O foco das análises voltou-se para o protagonista, Marcovaldo, um trabalhador pobre e em permanente estado de desconforto com as mudanças ocorridas no contexto social pós-guerra, especialmente na Itália, no período de seu milagre econômico, que foi impulsionado pelo fim de medidas protecionistas na economia (GINSBORG, 2003). Ao tentar romper com esse cenário, buscando a beleza genuína da natureza, Marcovaldo vê-se experienciando situações que sempre o levam ao descontentamento, intrinsecamente ligado a um novo tipo de relação humana e social, construída a partir não somente da consolidação das sociedades capitalistas modernas, como igualmente da imposição de um padrão único de comportamento à sociedade — a *mutação antropológica*, como proposto por Pier Paolo Pasolini (1978, 1997). A pesquisa debruçou-se sobre o olhar Ecocrítico (GARRARD, 2006), despertado pela obra em questão, que sugere, a partir da Literatura (e da incorporação de outras áreas como a Sociologia, a Biologia, a Antropologia), o estudo da natureza, suas relações com a mulher e o homem e o refinamento da percepção acerca de questões ecológicas frágeis, captadas com mais afinco a partir da década de 1960 (PIGA; MANSANO, 2015), apesar de as mudanças de perspectiva sobre a sensibilidade em relação à natureza estarem em constante modificação principalmente desde o Iluminismo (THOMAS, 2010 [1983]). A esta pesquisa foram igualmente incorporados pressupostos da Ecosofia (GUATTARI, 2006 [1989]), que sugere um ressignificar de procedimentos e discursos hegemônicos advindos do sistema sócio-político-econômico capitalista. Para tanto, fez-se necessário, conjuntamente, compreender problemáticas concernentes à conjuntura ambiental do século XX e seu impacto sobre as classes menos favorecidas economicamente (BOFF, 1995), assim como assimilar os desdobramentos referentes ao ecologismo dos pobres (via econômica baseada na justiça social), preconizado por Joan Martínez Alier (2014 [2007]), tendo em vista a classe social à qual Marcovaldo pertence. Alicerçada nos princípios descritos, a esta pesquisa coube, portanto, analisar as interações de Marcovaldo e sua família com a natureza e suas possibilidades, suas modificações e incorporação a um efervescente mercado consumidor, com vistas a refletir sobre a crise ecológica (das três ecologias, conforme Guattari) e assinalar hipóteses de superação para a mesma, por meio da apologia de um convívio menos predatório do ser humano relativamente aos outros seres que ao seu lado coabitam na Terra.

**Palavras-Chave:** Ecocrítica. Marcovaldo. Italo Calvino.

## ABSTRACT

MARINO, Mariana Cristina Pinto. *Fugere urbem et locus amoenus quaerere: an ecocritical analysis of *Marcovaldo or the Seasons in the City*, by Italo Calvino*. 2018. Master's dissertation. (Master's in Language Studies) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

The present research proposed the analysis of all twenty short stories that compose the book *Marcovaldo or the seasons in the city* (2015 [1963]), by Italo Calvino. The analyses focused on the protagonist, Marcovaldo, an impoverished proletarian that finds himself in a continuous state of discomfort with the changes that occurred in the post-war social context, especially in Italy during the period of the economic miracle, which was driven by the end of protectionist measures in the economy (GINSBORG, 2003). In trying to break away from this scenario, seeking the genuine beauty of nature, Marcovaldo ends up experiencing situations that always lead him to a discontent that is inextricably linked to a new kind of human and social relationship, built not only on the consolidation of modern capitalist societies, but also on the imposition of a single standard of behavior on society – an anthropological mutation, as proposed by Pier Paolo Pasolini (1978, 1997). The research focused on the Ecocritical approach (GARRARD, 2006), awakened by the object, which suggests the study (incorporating references from areas such as Sociology, Biology and Anthropology to Literary Theory) of nature, its relationship with women and men, and the refining of perceptions about delicate ecological issues, captured more intensively since the 1960s (PIGA, MANSANO, 2015), although the changes in perspective on sensitivity to nature are constantly shifting, mainly since the Enlightenment (THOMAS, 2010 [1983]). This research also integrated the assumptions of Ecosophy (GUATTARI, 2006 [1989]), which suggests a re-signifying of hegemonic procedures and discourses derived from the capitalist socio-political-economic system. In order to do so, it was necessary, jointly, to understand issues related to the environmental context of the twentieth century and its impact on economically disadvantaged classes (BOFF, 1995), as well as to assimilate the consequences related to the environmentalism of the poor, advocated by Joan Martínez Alier (2014 [2007]), in view of the social class to which Marcovaldo belongs. Based on the principles described, this research therefore had to analyze the interactions of Marcovaldo and his family with nature and its possibilities, its modifications and assimilation into an effervescent consumer market, aiming to reflect on the ecological crisis (of the three ecologies, according to Guattari) and point out hypotheses of overcoming it, by means of the apology of a less predatory human conviviality in relation to the other beings that, with them, live on planet Earth.

**Key words:** Ecosophy. Ecocriticism. Marcovaldo. Italo Calvino.

## LISTA DE ABREVIATURAS

1. Cogumelos na cidade .....	CNC
2. Férias num banco de praça .....	FBDP
3. O pombo municipal .....	OPM
4. A cidade perdida na neve .....	ACPN
5. O tratamento com vespas .....	OTCV
6. Um sábado de sol, areia e sono .....	USSAS
7. A marmita .....	AM
8. O bosque na rodovia .....	OBNR
9. Ar puro .....	AP
10. Uma viagem com as vacas .....	UVCAV
11. O coelho venenoso .....	OCV
12. O ponto errado.....	OPE
13. Onde o rio é mais azul .....	OREMA
14. Lua e GNAC .....	LEG
15. A chuva e as folhas .....	ACEAF
16. Marcovaldo no supermercado .....	MNS
17. Fumaça, vento e bolhas de sabão .....	FVEBDS
18. A cidade toda para ele .....	ACTPE
19. O jardim dos gatos obstinados .....	OJDGO
20. Os filhos de Papai Noel .....	OFDPN

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PRIMÍCIAS .....</b>	<b>13</b>
1.2	MARCOVALDO OU OS CAMINHOS POSSÍVEIS .....	16
<b>2</b>	<b>A FLOR E A NÁUSEA .....</b>	<b>20</b>
2.1	DAS NARRATIVAS PRIMORDIAIS À TECNOCRACIA: UM PANORAMA DA EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM E DA TÉCNICA ATÉ O EXCEPCIONAL SÉCULO XX.....	29
2.1.1	<i>Da linguagem primordial à artística: um panorama histórico desde as civilizações míticas .....</i>	<i>33</i>
<b>3</b>	<b>RESSIGNIFICANDO MAGNA MATER.....</b>	<b>38</b>
3.1	A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CIVILIZADO: UMA RETOMADA HISTÓRICA.....	40
3.2	A ARTICULAÇÃO DOS TRÊS REGISTROS ECOLÓGICOS: UM SOAR URGENTE .....	43
3.3	O ECOLOGISMO DOS POBRES .....	47
3.4	A MUTAÇÃO ANTROPOLÓGICA .....	51
3.5	MODERNIDADE .....	55
3.6	INQUIETAÇÃO AMBIENTAL: UMA RETOMADA HISTÓRICA.....	59
3.6.1	<i>Responsabilidade ambiental e as articulações atuais: um retorno possível? .....</i>	<i>63</i>
<b>4</b>	<b>NATUREZA IDEALIZADA .....</b>	<b>68</b>
<b>5</b>	<b>NATUREZA MODIFICADA.....</b>	<b>87</b>
5.1	NATUREZA MODIFICADA E O <i>FLÂNEUR ÀS AVESSAS</i> .....	102
<b>6</b>	<b>NATUREZA CONSUMISTA.....</b>	<b>106</b>
<b>7</b>	<b>(des)CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>127</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>129</b>

## 1 PRIMÍCIAS

A obra *Marcovaldo ou as estações na cidade*<sup>1</sup>, de Italo Calvino, é composta por vinte pequenos contos que contam com a figura do proletário Marcovaldo como protagonista: homem simples, ingênuo, em constante busca por um refúgio em meio à natureza — ou o que restou dela, já que os ambientes naturais encontrados pelo trabalhador ao longo da obra sofreram intervenções e cerceamentos impostos pelas novas necessidades urbanísticas (e humanas) advindas da consolidação das sociedades capitalistas industriais, nos séculos XIX e XX. Ambientados em um espaço não nomeado, mas essencialmente urbano, os contos podem ser lidos independentemente, como episódios isolados da vida de Marcovaldo, apesar de também poderem ser compreendidos como parte de um enredo maior. Além disso, eles estabelecem entre si outra correlação para além do protagonismo de Marcovaldo: são as estações do ano e as (im)possibilidades despertadas por elas que ocasionam os incidentes vividos pelo trabalhador e guiam suas desventuras.

Incumbido do sustento de seis filhos e de sua esposa Domitilla, Marcovaldo experimenta uma realidade muito distante da que lhe seria aprazível. Compartilhando com a família o ínfimo espaço de somente um cômodo, o proletário protagonista sente-se sozinho (mesmo ao redor de seus semelhantes), desconcertado, em face de uma existência agressiva e excludente que o iguala somente a outro alguém “falsamente vivaz, cansado e escravo” (CALVINO, 2015 [1963], p. 13) — realidade de tantos a partir da terceira fase da modernidade, iniciada no século XX, conforme Marshall Berman (1996 [1982]).

Em contrapartida, apesar de “todas as agressões do dia” (CALVINO, 2015 [1963], p. 12), Marcovaldo põe-se a percorrer a cidade durante seu tempo livre (ou no caminho que permeia a casa e o trabalho) por uma ótica ingênua, otimista e, acima de tudo, resiliente, que compõe a aura de uma pessoa simples e extremamente desgastada pelas poucas possibilidades que encontra na vida moderna. Neste sentido, há uma espécie de *flânerie* às avessas pelo espaço urbano, afinal não se trata uma busca pelos espaços recônditos da urbe que trazem poeticidade à vida, mas uma espécie de anti-modernidade

---

<sup>1</sup> A obra, originalmente publicada na Itália, em 1963, foi escrita entre 1952 e 1963. Optou-se por trabalhar com uma edição mais atualizada e traduzida para o português, da Companhia das Letras.

e/ou uma busca pelo idílico na cidade<sup>2</sup>, já que a realidade se mostra deveras atordoante junto às inovações advindas da consolidação do sistema capitalista industrial. Destarte, o anseio pelo contato com a natureza torna-se uma forma de escapar de todas essas efervescências provindas das novas demandas de mercado e de suas falsas promessas; é no contato com o natural que a individualidade de Marcovaldo é complementada e se legitima:

(...) tinha um olho pouco adequado para a cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelado num ramo, uma pena que se deixasse prender numa telha não lhe escapavam nunca: não havia mosca no dorso de um cavalo, buraco de cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças da estação, seus desejos mais íntimos e as misérias de sua existência (CALVINO, 2015 [1963], p. 7).

A primeira edição de *Marcovaldo ou as estações na cidade* foi publicada em 1963 em Turim, pela Giulio Einaudi Editore (ou simplesmente Einaudi), e fez parte de uma coleção de livros juvenis, apesar de Calvino ter começado a publicar os contos do volume separadamente a partir de 1952, na terceira página do *L'Unitá*, jornal reconhecido por seus posicionamentos de esquerda<sup>3</sup>. Em 1966, a obra foi reeditada numa coleção de textos para primeiro grau. O texto de apresentação do livro trazia:

Dentro da cidade de concreto e asfalto, Marcovaldo vai em busca da Natureza. Mas ainda existe a Natureza? A que encontra é uma Natureza ardilosa, falsificada, comprometida com a vida artificial. Personagem engraçada e melancólica, Marcovaldo é o protagonista de uma série de fábulas modernas (CALVINO, 2015 [1963], p. 138).

Diferentemente da recepção na Itália, que enquadra a obra nas categorias de leitura infantil e juvenil, no Brasil assume, com a primeira edição publicada pela Companhia das Letras, em 1994, o caráter de literatura estrangeira, tendo seu autor, Calvino, sido pouco

---

<sup>2</sup> É a partir dessa perspectiva de análise (uma das possíveis) que o título desta pesquisa se fundamenta: assumindo uma das máximas do período Neoclássico (na Europa entre 1756 e 1825), o “fugir da cidade para um lugar ameno e agradável” (*Fugere urbem et locus amoenus quaerere*) representa a essência do desejo de Marcovaldo de escapar da cidade, mas não só dela: igualmente do sistema que a rege e que assujeita o protagonista e sua família a uma vida de limitações e miséria.

<sup>3</sup> É sabido que o autor participou do movimento de resistência ao fascismo na Segunda Guerra Mundial e foi membro do Partido Comunista até o ano de 1956, anterior à publicação de *Marcovaldo ou as estações na cidade*.

conhecido no país por *Marcovaldo ou as estações na cidade*, e mais por *As cidades invisíveis*, de 1972 (assim como *Marcovaldo*, publicado pela Companhia das letras em 1994) e *O cavaleiro inexistente*, de 1959 (também publicado no Brasil pela mesma editora no ano de 1994). O pequeno alcance da obra no Brasil proporciona, então, uma limitada fortuna crítica (em português) pertencente à análise da obra, como foi constatado ao ser feita a revisão bibliográfica para o desenrolar desta pesquisa. A produção, composta em sua maioria por artigos (CLEMES, 2013; FERRAZ, 2011; PIEROBON, 2012), também conta com a monografia de Cledes (2011) na área da História. As pesquisas têm como mote, assim como este trabalho, observar as relações de Marcovaldo e a natureza, realmente inegáveis; porém, nenhuma delas assume o foco ecocrítico, conferindo a esta pesquisa um caráter inédito no que diz respeito aos estudos da *Ecocrítica*.

À vista disso, a obra referida de Calvino foi selecionada como nosso objeto de estudo. A partir da personagem Marcovaldo e suas dúvidas e contradições, foram avaliados novos conceitos de humanidade estabelecidos durante a terceira fase da modernidade sob o viés da *ecocrítica*, uma corrente de pensamento surgida no final dos anos 1990 que tem como mote o estudo das afinidades entre a literatura e o meio ambiente. De caráter interdisciplinar, assim como o programa no qual este trabalho está inserido, a ecocrítica objetiva envolver, em seus estudos, variadas áreas do conhecimento, como Ecologia, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Botânica, Biologia e Direito Animal. Esses pressupostos são de grande valia para esta pesquisa, pois pretende-se explorar como Marcovaldo não trata o meio natural por uma visão binária e ocidental de homem X natureza. Há que se levar em conta a classe social do protagonista e as relações de interação estabelecidas por ele dentro desse contexto cujas transformações tecnológicas-industriais lhe causam, em sua maioria, desconforto, e não a melhoria de sua condição<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> O presente trabalho considera o *pobre* como categoria de análise, tendo em vista a obra *Os pobres na Literatura Brasileira* (1983, organizada por Roberto Schwarz), apesar de na obra de Calvino serem poucas as menções a esse termo; Calvino geralmente retrata esses indivíduos como *trabalhadores* ou *proletários*, apesar de o uso do termo *pobre* ser bastante explícito em *Os filhos de Papai Noel*, por exemplo.



## 1.2 MARCOVALDO OU OS CAMINHOS POSSÍVEIS

*O acontecimento da vida e do texto (...) sempre se desenvolve na  
fronteira de duas consciências, de dois sujeitos*

Mikhail Bakhtin

A história do universo, que data mais de 15 bilhões de anos, está ameaçada, nas palavras de Leonardo Boff (1995), por uma “lógica que explora as classes e submete os povos aos interesses de uns poucos países ricos e poderosos” (BOFF, 1995, p.11). É notório o colapso que permeia as relações dicotômicas hodiernas, tais como o meio rural *X* o meio urbano, o coletivo *X* o individual, o subjetivo *X* o objetivo. Destarte, faz-se necessário, a partir desses pressupostos, compor “um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos” (SANTOS, 2010, p. 85).

À vista disso, é necessário definir que a análise dos contos presentes na obra referida dar-se-á calcada na *poética da alteridade*, em que o “vir-a-ser, do indivíduo e do sentido, está fundado na diferença” (SOBRAL, 2007, p. 106) e na capacidade de compreender, que se trata de

exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. (...). Ao buscar compreender é preciso exercitar também o entendimento das contradições: o ser que compreende, compreende na ação e na linguagem e ambas têm como características serem conflituosas e contraditórias pelos efeitos do poder, das relações sociais de produção, das desigualdades sociais e dos interesses (MINAYO, 2012, p. 623).

Após definir o viés pelo qual essa pesquisa se desenvolveu, é imprescindível referir as diferentes vozes que recortaram esse estudo: deste modo, o texto se apresenta dividido em seis capítulos. No segundo, uma síntese geral de aspectos considerados importantes para a contextualização da obra em questão é realizada. Dissertou-se, igualmente, sobre aspectos políticos e sociais relevantes à produção de *Marcovaldo ou as estações na cidade* num contexto pós-guerra. Ainda neste capítulo, também se reflete sobre uma face violenta da modernidade que se lança de maneira abrupta sobre o indivíduo — sua falta de lugar e inoperância no mundo com o qual interage,

tecnologicamente ou não —, o que genericamente tratamos aqui como mal-estar do homem moderno; sugere-se, ademais, discutir questões sobre a modernidade, a cidade e os novos entraves da sociedade frente às transformações urbanas e de sensibilidade. A partir do detalhamento das fases das sociedades modernas, divididas em três, Marshall Berman (1996 [1982]) expõe a rapidez das transformações sociais ocorridas principalmente na terceira fase, na qual Marcovaldo se encontra. Os estudos de Berman sobre a modernidade também sugerem a definição de um “novo homem”, que não se enquadra na perspectiva singela da personagem analisada no presente trabalho. Outrossim, é de finalidade, ainda no primeiro capítulo desta pesquisa, levantar questões acerca da evolução da técnica e da linguagem, como ambas se relacionam e seu papel fundamental no que tange às narrativas orais e escritas.

O terceiro capítulo, destinado a explicitar como os desdobramentos teóricos sobre os quais essa pesquisa se debruçou dialogam, conjuntamente, com conceitos concernentes à *ecocrítica*, à *ecosofia* e ao *ecologismo* dos pobres, a fim de, subsequentemente, inferir as instâncias do desconforto sentido por Marcovaldo devido ao seu afastamento do mundo natural, suas condições de vida e seu relacionamento com a consolidação do sistema capitalista e com o processo de urbanização.

No que se refere à composição de um modelo de conhecimento outro, que questione as oposições binárias (ou dialéticas), temos o que Jonathan Culler (2016) define como *nova ética*. O surgimento de movimentos que rompem com os discursos hegemônicos (tais como o feminista, negro, o *queer* e o pós-colonial) são prova de que as teorias do século XX, calcadas num cientificismo dialético, estão dando espaço a outras formas de pensar o mundo. Um desses movimentos de *retorno à ética* consiste nos estudos ecocríticos.

Em relação à conjuntura internacional recente, o impacto do desenvolvimento tecnológico atrelado ao progresso industrial e de produção em massa (e para a massa) pode ser observado de maneiras diversas ao longo do globo. As desigualdades não ocorrem, como dito anteriormente, somente no que diz respeito à questão econômica, mas também de acesso das populações a uma nova configuração social. Essa problemática, encontrada em *Marcovaldo ou as estações na cidade*, é multifacetada: abrange questões econômicas, sociológicas, urbanísticas, filosóficas e ecológicas, de maneira que cria uma discussão interdisciplinar, extremamente pertinente ao quadro hodierno, e em consonância com a linha de pensamento ecocrítica.

Para Joan Martínéz Alier (2014 [2007], p.9), “a economia está impulsionada para o consumo”. Isso ocorre porque todas as manifestações da vida moderna são oriundas dos progressos tecnológicos e da urbanização desenfreada. O processo migratório do campo para a cidade ocorreu com mais intensidade ao longo do século XX, em que a população do planeta quadruplicou, chegando, no ano 2000, a quase seis bilhões<sup>5</sup> de habitantes. A explosão demográfica explica-se: “o capitalismo solicita novos territórios, acelerando os tempos da produção” (*ibidem*, p. 290). Esse processo urbanizatório descomedido reflete as desigualdades sociais pertinentes ao contexto das sociedades modernas, mais especificamente a partir da segunda metade do século XX. O capítulo em questão também apresenta, a partir das discussões teóricas explicitadas, novas perspectivas ambientais mundiais, que envolvem grandes e pequenos projetos de tomada de consciência da população e que têm grande apelo e motivação devido à atual situação climática planetária.

Os quarto, quinto e sexto capítulos, destinados à análise dos contos selecionados, discute questões acerca da história do homem e do mundo natural, trazendo à luz pressupostos do colapso global frente às profundas mudanças ocorridas na natureza ao longo da Idade Moderna e intensificadas no século transcorrido. Há que se pontuar o distanciamento desta pesquisa para com teorias apocalípticas sobre o fim dos tempos: o que se pretende evidenciar aqui é como a linguagem estética, atrelada a áreas comuns à discussão deste tema tão relevante e hodierno, contribui sobremaneira para a reflexão acerca da crise planetária que permeia não apenas o natural, mas também o subjetivo e o social, como já postulado por Félix Guattari (2006 [1989]). Para o autor francês, a ausência da subjetividade individual fora “devastada pela era industrial do século XIX e da primeira metade do século XX” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 48). Desse modo, as ideias de Guattari sobre um novo modelo social calcado na subjetividade e coletividade serão de interesse na presente pesquisa. Para além disso, são igualmente discutidas questões acerca da idealização da natureza, suas modificações e serventia a um novo contexto, motivado pela imposição de um padrão único de comportamento (e pensamento), manifestando laços estreitos com a consolidação do sistema capitalista e com a efervescência do mercado consumidor.

---

<sup>5</sup> Segundo uma revisão da ONU, publicada em junho de 2017, a população mundial alcançou 7,6 bilhões de pessoas. A estimativa é que esse número chegue a 8,6 bilhões em 2030.

Do mesmo modo, desperta-se, a partir desta pesquisa, o anseio de fomentar a reflexão acerca da natureza da desigualdade social, que ocorre em respeito não somente à distribuição de renda, mas também ao acesso e distribuição de recursos tecnológicos adaptados a diferentes contextos, mais especificamente, sociais. Ademais, pretende-se refletir conscientemente acerca das novas relações sociais estabelecidas a partir do alicerçamento do sistema capitalista industrial, da padronização comportamental, do aviltamento da subjetividade humana e da transformação de valores, antes considerados coletivos, agora individuais e individualistas. Essa nova forma de relacionar-se está intrinsecamente ligada à linguagem, responsável por disseminar as constantes transformações nos âmbitos social, político e cultural, a partir das novas invenções e oportunidades criadas pelo homem. Portanto, a tríade tecnologia, linguagem e sociedade se concatena, permeando todas as relações humanas, uma vez que, segundo Milton Vargas (2009, p.10), a técnica, a linguagem e a humanidade irromperam no mesmo período histórico, cerca de meio milhão de anos atrás.

## 2 A FLOR E A NÁUSEA

*Preso à minha classe e a algumas roupas, vou de branco pela rua cinzenta.  
 Melancolias, mercadorias, espreitam-me.  
 Devo seguir até o enjôo?  
 Posso, sem armas, revoltar-me?  
 (...)  
 As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.  
 (...)  
 Vomitar este tédio sobre a cidade.  
 Quarenta anos e nenhum problema  
 resolvido, sequer colocado.  
 Nenhuma carta escrita nem recebida.  
 Todos os homens voltam para casa.  
 Estão menos livres mas levam jornais  
 e soletram o mundo, sabendo que o perdem.  
 Carlos Drummond de Andrade*

*Marcovaldo ou as estações na cidade*, como já referido, é uma obra escrita por Italo Calvino, na Itália do século XX, no período que compreende a década de 50 e o início dos anos 60. Faz-se, portanto, necessário depreender alguns aspectos relacionados ao contexto de produção das vinte pequenas narrativas contidas na obra no que tange a aspectos econômicos, políticos e sociais de um país em movimentada recuperação pós Segunda Guerra Mundial.

A Itália teve parte de sua população dizimada na participação na Guerra — de 4% a 6% (HOBSBAWM, 2016, p. 50) —, porém não é possível mensurar, de fato, a perda do país em termos de números de mortes. Iniciada a conflagração ao lado das potências do Eixo (Alemanha e Japão), quase um ano depois do início da guerra (em 1940), e mesmo contando com somente dois meses de munição nos estoques, o país, sob o governo fascista de Benito Mussolini, apoia a Alemanha nazista de Adolf Hitler, pois supunha a vitória rápida do Eixo perante os Aliados (Estados Unidos, Império Britânico, União Soviética e China) após conquistas significativas da Alemanha sobre a Polônia, a Noruega, os Países Baixos (hoje Holanda), a Bélgica e a França (HOBSBAWM, 2016, p. 46). Não obstante, a perspectiva de Mussolini ruiu ao longo da participação italiana na Guerra, que durou, de fato, até o ano de 1943, dois antes do fim do conflito, quando, ao vislumbrar a derrocada do Eixo — após a Alemanha finalmente sofrer, a partir de 1942, as primeiras derrotas, e a Itália ter aproximadamente 200 mil soldados aprisionados na

África —, o Grande Conselho Fascista retira seu apoio ao líder italiano. O fascismo, portanto, entra em declínio: no mesmo ano em que a Itália “trocou de lado [unindo-se aos Aliados] e de regime político em 1943 (...) não foi inteiramente tratada como território ocupado, mas como um país derrotado com um governo reconhecido” (HOBSBAWM, 2016, p. 50), o *Duce* é preso.

A partir de 1947, com o fim da Guerra e a instauração de políticas para a recuperação de países europeus, como o Plano Marshall<sup>6</sup>, a Itália ainda não se encontrava, mesmo no início da década de 50, em circunstâncias satisfatórias (econômica, política e socialmente): segundo Paul Ginsborg (2003), houve um grande movimento migratório, especialmente para o Canadá, a Argentina, os Estados Unidos, a Venezuela e outros países próximos a Itália, como a França, a Bélgica e a Suíça; parte da economia era voltada à agricultura e as condições de saneamento eram infaustas:

Italy in the mid 1950's was still, in many respects, an underdeveloped country (...) Most Italians still earned their living, if they earned it all, in the traditional sectors of the economy: in small technologically backward, labour-intensive firms, in the public administration, in a great proliferation of small shops and trades, in agriculture. Standards of living remained very low. In 1951 the elementary combination of electricity, drinking water and an inside lavatory could be found in only 7.4 per cent of Italian households (...) Agriculture was still by far the largest single sector of employment. In the census of 1951 the category 'agriculture, hunting and fishing' accounted for 4.2 per cent of the working population, and its figure rose to 56.9 per cent for the South<sup>7</sup> (GINSBORG, 2003, p. 210).

Apesar dos impasses envolvendo muitos níveis da economia e da infraestrutura Italiana, essa perspectiva estava prestes a se modificar: nos anos compreendidos entre 1958 e 1963 (este último, data de publicação de *Marcovaldo ou as estações na cidade*),

---

<sup>6</sup> O Plano Marshall, também conhecido como Programa de Recuperação Europeia, foi uma iniciativa dos Estados Unidos que visava à reconstrução de países europeus após a Segunda Guerra Mundial. Implantado em 1947 em 14 países, incluindo a Itália, o programa de incentivo fiscal e tecnológico ficou ativo por um período de 4 anos.

<sup>7</sup> “A Itália, em meados da década de 1950, era ainda, em muitos aspectos, um país subdesenvolvido (...) A maioria dos italianos ainda ganhava a vida nos setores tradicionais da economia: em pequena firmas de tecnologia atrasada e mão-de-obra intensiva, na administração pública, em uma grande proliferação de pequenas lojas e comércios, na agricultura. Os padrões de vida permaneceram muito baixos. Em 1951, a combinação elementar de eletricidade, água potável e um lavatório interno só pode ser encontrada em 7,4% dos lares italianos (...) A agricultura era, de longe, o maior setor de emprego. No censo de 1951, a categoria "agricultura, caça e pesca" representava 4,2% da população trabalhadora, e seu valor subiu para 56,9% no Sul”- Tradução livre da autora.

o mundo assistiu ao início de uma total revolução social na Itália. Em menos de duas décadas, o país “became one of the major industrial nations of the West”<sup>8</sup> (GINSBORG, 2003, p. 212). É certo que a Segunda Guerra, mesmo com todo o seu potencial de destruição bélica, instaurou, nos países Ocidentais, um período de progressos inexprimíveis: a Era de Ouro havia substituído a da Catástrofe.

A Segunda Guerra Mundial, na verdade, trouxe soluções, pelo menos por décadas. Os impressionantes problemas sociais e econômicos do capitalismo na Era da Catástrofe aparentemente sumiram. A economia do mundo ocidental entrou em uma Era de Ouro; a democracia política ocidental, apoiada por uma extraordinária melhora na vida material, ficou estável; banuiu-se a guerra para o Terceiro Mundo (HOBSBAWM, 2016, p. 59).

Com o fim do protecionismo, foi necessária a renovação do sistema produtivo italiano: a modernização da indústria foi indispensável para acelerar os setores que já estavam em movimentação. Adicionando a isso obras de infraestrutura como a construção de estradas, a economia externa foi alimentada, a diminuição das taxas de juros tornou-se uma realidade e, portanto, a estabilidade econômica atribuía uma nova faceta a uma Itália arrasada pelas ambições da guerra. É notório que a Era de Ouro italiana carrega algo de opressor em sua estrutura: “(...) it is quite clear that the ‘miracle’ could not have taken place without the low cost of labour then prevalent in Italy”<sup>9</sup> (GINSBORG, 2003, p. 214). A demanda por empregos foi, obviamente, preenchida de forma vertiginosa. Em 1961, ano do censo no país, “the number of those employed in industry had already reached 38 per cent of the working population (...) The agricultural sector had declined to 30 per cent of the working population”<sup>10</sup> (*ibidem*, p.216).

Essa nova dinâmica estrutural no país é relatada e denunciada em *Marcovaldo ou as estações na cidade*: faz-se clara a intervenção do capital externo não somente nas ruas, mas em todas as possibilidades de compra advindas do milagre econômico. Marcovaldo — exemplo da classe trabalhadora da época —, ao se deparar com uma cidade modificada a cada instante, que nunca dorme ou silencia, desconforta-se em face de uma *distorção*

<sup>8</sup> “se tornou uma das maiores nações industriais do Ocidente”. Tradução livre da autora.

<sup>9</sup> “é bastante claro que o “milagre” não poderia ter ocorrido sem o baixo custo do trabalho, então prevalente na Itália”. Tradução livre da autora.

<sup>10</sup> “o número de trabalhadores empregados na indústria já atingia 38 por cento da população trabalhadora (...) A participação dessa mesma população trabalhadora no setor agrícola tinha diminuído para 30 por cento”. Tradução livre da autora.

*dos padrões de consumo*<sup>11</sup>. Contudo, por mais que tentasse inserir-se na nova lógica do sistema, estava impossibilitado de desfrutar de toda essa esquizofrenia consumista (como muito bem expresso em *Marcovaldo no Supermercado*<sup>12</sup>), já que a classe social à qual pertencia ainda não havia ascendido o suficiente para render-se aos prazeres do consumo exacerbado. É, então, no mal-estar da sensação de não pertencimento ao *modus operandi* voltado a uma sociedade de consumo, que Marcovaldo busca se reconectar com a natureza e sua singularidade, livrando-se, assim, de um contato com esse novo mundo que o faz reviver “as coisas de todos os dias, ásperas e hostis” (CALVINO, 1963 [2015], p. 27).

Com a *distorção dos padrões de consumo* e o investimento maciço no aperfeiçoamento da indústria, o financiamento de melhorias coletivas desapareceu. O que houve, portanto, fora a negligência estatal relacionada a todos os itens de necessidades básicas, como escolas, hospitais e transporte: o interesse que cercava o progresso dos padrões de vida era reduzido à desenfreada produção de bens de consumo, em especial os eletrodomésticos. Em 1967, por exemplo, a Itália era o terceiro maior produtor de geladeiras no mundo, ficando somente atrás dos Estados Unidos e do Japão; na Europa, liderava o topo da produção (GINSBORG, 2003, p. 215). O surgimento desse tipo de indústria desperta e reforça novos padrões sociais, como comportamentos individualistas e o alheamento relativo a uma responsabilidade social:

These improvements in the standard of living were enormously welcome. However, it must be noted that the Italian model of development, like so many others, lacked the dimension of collective responsibility. The state had played an important role in stimulating rapid economic development, but it then defaulted on governing the social consequences. In the absence of planning, of civic education, of elementary public services, the individual family (...) sought salvation in private spending and consumption: on using a car to go to work, on private medicine and on private nursery schools in the absence of state ones. The ‘miracle’ was thus an exquisitely private affair, which

---

<sup>11</sup> Segundo Ginsborg (2003, p. 216), a *distorção dos padrões de consumo* ocorre na era de ouro italiana por falta de uma visão mais ampla e social, que engloba a população e todas as suas necessidades relativas à saúde, educação e transporte público, enfatizando a importância da prosperidade individual (e concernente ao clã familiar), e ignorando demandas públicas e coletivas.

<sup>12</sup> Esse conto será explorado no capítulo 2, destinado às análises dos textos presentes na obra de Calvino. Rapidamente, o enredo da pequena narrativa expõe a incapacidade de Marcovaldo e sua família, dentro de um supermercado, de realizarem todos os seus desejos de compra, devido à impossibilidade econômica de adquirirem os produtos.



reinforced the historic tendency of each Italian Family to fend for itself as best it could <sup>13</sup> (GINSBORG, 2003, p. 240).

Ainda nesse período, houve um grande movimento — a partir da definitiva instalação do capitalismo industrial na Itália — no que se refere à mudança de sensibilidade em relação aos espaços público e privado (mudança essa já ocorrida, anteriormente, ainda no século XIX, em algumas cidades como Paris e Londres, em que o conceito de *cosmopolitismo* foi amplamente vivenciado por seus habitantes a partir das modernas e faustas reformas citadinas ocorridas). Essas transformações advindas das diversas possibilidades de consumo foram estimuladas pela alienação política da população, em que o interesse pela participação nesse contexto (que principalmente era despertada nos jovens), fora claramente substituída pelo *fetichismo das mercadorias*<sup>14</sup>: “A atenção era desviada das condições sociais sob as quais os objetos eram feitos para os objetos em si mesmos” (SENETT, 1988 [1974], p. 184). Ademais, com o início da entrada dos aparelhos televisores nas residências, das propagandas com forte apelo de consumo voltado às mulheres<sup>15</sup> e crianças, com os ideais de moral relacionados à composição e estruturação familiar, e com a intensa desmotivação dos jovens na participação política, a Itália estava, portanto, deslocando a vida pública para a privada, reforçando novos padrões de afastamento da construção coletiva da sociedade:

---

<sup>13</sup> “Essas melhorias no padrão de vida foram enormemente bem-vindas. No entanto, deve-se notar que o modelo de desenvolvimento italiano, como tantos outros, não abarcava a dimensão da responsabilidade coletiva. O estado desempenhou um papel importante ao estimular o rápido desenvolvimento econômico, mas, em seguida, impugnou o governo sobre as consequências sociais. Na ausência de planejamento, de educação cívica, de serviços públicos elementares, a família individual (...) procurou a salvação em gastos e consumo privados: usando um carro para trabalhar, em medicina privada e em escolas infantis privadas na ausência de estatais. O "milagre" foi, portanto, um fato genuinamente privado, que reforçou a tendência histórica de cada família italiana de se salvaguardar da melhor maneira possível”. Tradução livre da autora.

<sup>14</sup> O termo, utilizado pela primeira vez por Karl Marx em sua obra *O Capital*, está atrelado diretamente às noções de alienação da força de trabalho; Marx discute as forças objetivas e subjetivas na produção de mercadorias.

<sup>15</sup> Esse apelo da propaganda televisiva, voltada especialmente às mulheres e crianças, pode ser facilmente compreendido como forma de subverter a lógica imposta na Primeira Guerra Mundial e, de forma permanente, na Segunda Grande Guerra: “a revolução no emprego de mulheres fora do lar” (HOBSBAWM, 2016, p. 51) já não interessava ao mercado do pós-guerra, de longe mais lucrativo se se estreitassem as amarras das relações patriarcais, a partir de reestruturações do discurso hegemônico da época acerca do alicerçamento das estruturas familiares, incentivadoras da manutenção da figura feminina essencialmente em espaços de âmbito privado, como o lar. Tendo sido afastada da vida política e pública do país, a nova mulher italiana, como bem expõe Ginsborg (2003, p.44), era exaltada nas revistas e propagandas: sempre muito bem vestida, a ‘*tutta casa e famiglia*’ estava continuamente com a residência impecável, brilhante e rodeada de bens de consumo duráveis.

Usando as relações familiares como padrão, as pessoas percebiam o domínio público não como um conjunto limitado de relações sociais, como no Iluminismo, mas consideravam antes a vida pública como moralmente inferior. A privacidade e a estabilidade pareciam estar unidas à família: é em face dessa nova ordem ideal que a legitimidade da ordem pública será posta em questão (SENETT, 1988 [1974], p. 35).

Outrossim, as relações tecidas pelos indivíduos nas sociedades capitalistas modernas são um tanto quanto contraditórias e confusas<sup>16</sup>: “A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades” (BERMAN, 1996 [1982], p.21). Orientada a seguir um modelo único de vivências, baseado nos padrões ditados pelo mercado consumidor, a população italiana (parte da moderna humanidade), motivada pelas propagandas e programas televisivos, insere-se, mais frequentemente, em uma política globalizada suscitada pela incorporação do conceito do *american way of life*. O mal-estar do indivíduo frente a essa sociedade relaciona-se com a experiência demasiadamente privada: “quanto mais é privatizada a psique, menos estimulada ela será e tanto mais nos será difícil sentir ou exprimir sentimentos” (SENETT, 1988 [1974], p. 16), ou seja, quanto mais afastado de uma responsabilidade coletiva e mais próximo de uma alienação da força de trabalho, voltada para a obtenção de bens de consumo, menos o indivíduo é capaz de ater-se aos interesses relativos à própria subjetividade:

[...] o capitalismo manipulador apropria-se do tempo livre dos indivíduos, destitui suas vidas de sentido, incorpora os valores mais reacionários ao hedonismo de massa e estabiliza padrões de gosto e entendimento no mais baixo nível, onde a manipulação possa exercer-se livremente. O resultado é a *mutação antropológica*<sup>17</sup> dos povos e sua completa redução a um modelo único (NAZÁRIO, 1983, p. 49, grifo nosso).

A tentativa de redução da população italiana a um modelo único está intimamente atrelada ao notório progresso industrial e ao desenvolvimento tecnológico nesse mesmo campo, o que permitiu ao país produzir uma vasta diversidade de produtos e a responder de forma positiva à criação da organização regional denominada *Mercado Comum*<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Para ilustrar as relações confusas e contraditórias a respeito das sociedades capitalistas modernas, expostas por Berman, é interessante apontar que a Itália teve, de 1944 a 1989, mesmo sendo cenário de todas as transformações decorrentes do capitalismo industrial (e sua consolidação), o maior Partido Comunista do Ocidente.

<sup>17</sup> Esse conceito será amplamente discutido no capítulo concernente à fundamentação teórica.

<sup>18</sup> O Mercado Comum foi incorporado à União Europeia em 1993.

(Common Market), também conhecida como *Comunidade Econômica Europeia* (European Economic Community - EEC) ou *Comunidade Europeia* (European Community - EC). O objetivo inicial do *Mercado Comum* foi promover integração econômica e estabilidade diplomática na Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial. O acordo entre seis países, conhecido como *Tratado de Paris*, foi assinado no início de 1951 pela Bélgica, França, Luxemburgo, Itália, Países Baixos (atualmente Holanda) e Alemanha Ocidental. Mesmo não prevendo o *boom* econômico ocorrido em 1958, o Estado italiano investiu na construção de autoestradas, essenciais para atender à economia externa do setor privado. Além disso, “Monetary stability, the nontaxation of business interests, the maintenance of favourable lending rates by the Bank of Italy”<sup>19</sup> (GINSBORG, 2003, p. 214) contribuíram para o acúmulo de capital. Nesse contexto, a mudança de sensibilidade da população advinha do processo de modernização do setor industrial; a prosperidade relacionava-se a adquirir bens de consumo, despertando um enorme senso de individualismo, afastando os sujeitos da vida política, o que eliminou as possibilidades de ação contra essa nova ordem estabelecida (GINSBORG, 2003, p. 248). Na visão de Pier Paolo Pasolini<sup>20</sup>, elucidada por Luiz Nazário (1983, p. 44), a civilização do consumo é ditatorial:

Encontram-se a exploração e a modificação mecânicas da natureza; ao cabo das quais nada mais permanece intacto: o indivíduo médio da época de Leopardi<sup>21</sup> podia interiorizar a natureza e a humanidade na pureza ideal objetivamente contida nelas; o indivíduo médio de hoje só pode interiorizar um Fiat, um refrigerador, um fim de semana na praia.

A drástica mudança de sensibilidade dos sujeitos preconizada por essa civilização e mergulhada em novos discursos sobre a ordem e a aquisição sem precedentes de bens de consumo fora estimulada desde o final da guerra: de acordo com Marshall McLuhan

---

<sup>19</sup> “a estabilidade monetária, a não tributação dos interesses comerciais, a manutenção de taxas de empréstimos favoráveis pelo Banco da Itália”. Tradução livre da autora.

<sup>20</sup> Pasolini foi um pensador italiano. Além de escritor e poeta, seu trabalho também adquiriu relevância no cinema, tendo sido diversas vezes criticado pela irreverência, crítica social ácida e por tratar de tabus relacionados à nudez e ao sexo. Pasolini se opunha ferrenhamente às grandes transformações ocorridas na Itália a partir da abertura ao capital estrangeiro, afirmando que o capitalismo nada mais era (é) do que uma nova face do fascismo, pois reduzia a população a um único padrão de comportamento. Contemporâneo de Calvino, com quem até mesmo compartilhou desafetos, Pasolini teve uma vida controversa e solitária e uma morte trágica: foi assassinado brutalmente por um jovem que dizia ter sido aliciado pelo pensador, que nunca negara sua homossexualidade.

<sup>21</sup> Giacomo Leopardi é um dos mais importantes poetas italianos. Tendo vivido no século XIX, sua obra foi marcada pelo pessimismo e melancolia.

(nas palavras de Paul Ginsborg), por volta de 1947, um oficial estadunidense, na Itália, mostrou-se intimamente incomodado com a politização da população italiana. Para ele, “the Italians can tell you the names of the ministers in the government but not the names of the favourite products of the celebrities of their country”<sup>22</sup> (GINSBORG, 2003, p. 248). Essa realidade, já no início da década de 60<sup>23</sup>, havia se transformado consideravelmente:

O poder está na totalização dos modelos industriais; é uma espécie de possessão global das mentalidades pela obsessão de produzir e consumir. É um poder histórico, que tende a massificar a linguagem e o comportamento, (...) uma doença ideológica que ataca a alma e não poupa ninguém. Seu sintoma mais perceptível é a febre do consumo, uma febre de obediência a uma ordem não anunciada (...) Os jovens desprezam os antigos valores e absorvem os novos modelos impostos pela classe dominante (NAZÁRIO, 1982, p. 47).

É sob a perspectiva da redução do indivíduo a um modelo único que a obra *Marcovaldo ou as estações na cidade* foi articulada. Como forma de tecer críticas denunciativas à realidade instaurada, Calvino nos apresenta Marcovaldo como alguém que está distante de fruir a nova perspectiva social, obsessiva e histórica: primeiramente, porque a personagem não pertence à classe dominante ou em ascensão; segundo (e não menos digno de nota), segue o fato de que Marcovaldo parece compreender essas novas necessidades como sendo, nas palavras de Antonio Candido (referindo-se ao sociólogo francês Louis-Joseph Lebret), “bens compressíveis”, ou seja, dispensáveis como “os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas” (CANDIDO, 2011 [1988], p. 175). É possível ser observado, a partir da leitura das vinte narrativas presentes na obra, um movimento de Marcovaldo que resiste a esse bombardeio de possibilidades advindas dessa nova mentalidade voltada ao consumo, bem como discussões acerca das sociedades modernas, da grande explosão demográfica, da crescente expansão da urbe, das mudanças de significado que permeiam os espaços público e privado e da exclusão social da personagem e de sua família, presentes em um dos extremos das dicotomias modernas: “com o incrível progresso industrial, aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca

---

<sup>22</sup> “os italianos podem dizer os nomes dos ministros no governo, mas não os nomes dos produtos favoritos das celebridades do país”. Tradução livre da autora.

<sup>23</sup> É importante pontuar que a mudança ocorrida durante o período de ouro na Itália não se tratou de um processo homogêneo e totalizante, visto que boa parte do país ainda dependia sobremaneira da agricultura.

sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria” (*ibidem*, p. 171).

São inegáveis, portanto, as facilidades advindas desse progresso da técnica atrelados à indústria e aos investimentos nesse campo, mas que tiveram início, de fato, ao longo da Segunda Guerra Mundial. Não fosse por ela, a física nuclear não teria sido explorada, talvez os computadores não tivessem sido projetados (HOBSBAWM, 2016, p. 54); sem essa perspectiva, é possível que boa parte da melhora na vida da população italiana (e, de certa forma, da população mundial em suas Eras de Ouro) tivesse sido adiada da realidade ocorrida, especialmente, entre os anos 1958-1963: pela primeira vez na história do país, boa parte da “population had the possibility of living decently, of being warm and well clothed, of eating good food”<sup>24</sup> (GINSBORG, 2003, p. 249). Seguindo esse fenômeno mundial, a Era de Ouro foi, de fato, entrecortada pela produção em massa de alimentos, o que proporcionara o aumento da expectativa de vida da população em até sete anos. Não obstante, o *boom* capitalista — que promovera relevantes transformações na vida das populações dos grandes centros urbanos — pouco atingiu o hemisfério Sul ocidental e regiões periféricas das metrópoles do Norte, realidade que permitiu que “a riqueza geral jamais chegasse à vista da maioria da população do mundo” (HOBSBAWM, 2016, p. 255).

O contexto da Era de Ouro apontava para outras problemáticas, ignoradas, num primeiro momento, por seus excessos: as questões ecológicas e de poluição. Com o aumento sem precedentes da produção de manufaturas, da indústria da pesca, da carne, de grãos e de laticínios, a inquietação acerca das questões ambientais era limitada a grupos seletos e entusiastas da diversidade de espécies botânicas e animais. Por quase 20 anos, houve o alheamento da população e das governanças<sup>25</sup> às questões concernentes ao meio ambiente e à questão animal, consideradas, hodiernamente, de extrema importância, teoricamente, mas ainda sem grandes modificações efetivas no que tange à prática consciente em larga escala e à manutenção de leis agrárias, controle do desmatamento e ações contra a caça ilegal de animais. Para Eric Hobsbawm (2016, p. 257-258):

---

<sup>24</sup> “população teve a possibilidade de viver decentemente, de ser aquecida e bem vestida, de se alimentar de boa comida”. Tradução livre da autora.

<sup>25</sup> É curioso notar que as questões ambientais foram igualmente ignoradas por nações capitalistas e socialistas no mesmo período (décadas de 1960 e 1970, mais especificamente), enaltecendo a lógica antropocêntrica e especista das relações com a natureza. De algum modo, a postura atual dos governos de algumas potências, como os Estados Unidos da América de Donald Trump, por exemplo, tem recuado em acordos que tratavam desses assuntos, sob luz de um discurso semelhante, o que demonstra a urgência e atualidade das discussões propostas por este trabalho.

Durante a Era de Ouro, isso [a questão ecológica] chamou pouca atenção (...) porque a ideologia de progresso dominante tinha como certo que o *crecente domínio da natureza pelo homem era a medida mesma do avanço da humanidade* [grifo nosso] (...) não há como negar que o impacto das atividades humanas sobre a natureza, sobretudo as urbanas e industriais, mas também, como se acabou compreendendo, as agrícolas, aumentou acentuadamente a partir de meados do século. Isso se deveu em grande parte ao enorme uso de combustíveis fósseis (carvão, petróleo, gás natural etc.), cujo possível esgotamento vinha preocupando os que pensavam no futuro em meados do século XIX.

Mesmo tardiamente, a questão ambiental tem sido levada em consideração no contexto hodierno, tendo respaldo de um número significativo de organizações não governamentais, coletivos, grupos colaborativos, e também novas formas de pensar o cultivo da terra, como as técnicas de agroecologia, agrofloresta e a produção de alimentos orgânicos. Contudo, já em meados da década de 1950, *Marcovaldo ou as estações na cidade* seria mote de não somente uma denúncia da realidade social, mas igualmente de uma realidade ambiental, calcada na lógica de o ser humano acreditar compor o topo da hierarquia animal e, por consequência, sentir-se no direito de explorar a natureza de maneira irresponsável. Mesmo no ápice da “racionalidade técnica e do domínio sobre a natureza” (CANDIDO, 2011 [1988], p. 171), a possibilidade de serem resolvidas questões em benefício da humanidade e do planeta parece estar tão distante do contexto atual como do já transcorrido, não somente no período da Era de Ouro italiana, como também em diferentes conjunturas ao longo do século XX.

## 2.1 DAS NARRATIVAS PRIMORDIAIS À TECNOCRACIA: UM PANORAMA DA EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM E DA TÉCNICA ATÉ O EXCEPCIONAL SÉCULO XX

No que se refere aos conceitos sobre técnica, linguagem e tecnologia, há que se dedicar especial atenção, pois a obra em questão, *Marcovaldo ou as estações na cidade*, é ambientada em um contexto urbano repleto de transformações advindas de um processo de modernização, comum ao século XX, e também a um discurso hegemônico outro que permeia a humanidade e suas relações desde a Revolução Industrial, iniciada na segunda metade do século XVIII. As definições acerca de técnica, linguagem e tecnologia sofreram íntimas transformações e, portanto, é necessário ser traçado um itinerário que

permita o vislumbre da construção e reorganização dessas ideias até alcançar a segunda metade do século XX, “o período mais brilhante e criativo da história da humanidade” (BERMAN, 1996 [1982], p.23) — no qual Marcovaldo se encontra —, século esse em que as sociedades experienciam “mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2015 [1992], p.12), panorama visceralmente interligado ao aperfeiçoamento das técnicas e ao descomunal avanço da tecnologia. Destarte, a relevância da visão histórica neste trabalho é imprescindível, assim como “a distinção entre estes termos: técnica e tecnologia (...) [que] funda-se historicamente” (RÜDIGER, 2013, p. 73), fator semelhante no que concerne à linguagem.

O primeiro estágio da verdadeira técnica data, como aponta Milton Vargas (2009), de meio milhão de anos atrás, quando o homem assume o intuito de transformação de seu meio: “Nesse estágio é que aparece o que irá distinguir o homem do homínido: a intenção de usar o objeto como instrumento e de transformá-lo para melhor se valer dele” (VARGAS, 2009, p.8). Por consequência, desde o aprimoramento de uma ferramenta ou utensílio, ocorrido há milhões de anos, a técnica assume um caráter progressista, ou seja:

a técnica não se resume à invenção e uso de um instrumento. Ela tem a característica marcante de que, uma vez inventado o primeiro instrumento, desencadeia-se um processo de melhoria de suas formas e usos para satisfazer necessidades crescentes da humanidade (VARGAS, 2009, p.8-9).

No período Neolítico, aproximadamente seis mil anos atrás, o homem experienciou uma verdadeira revolução técnica com o aperfeiçoamento da agricultura e do plantio de alimentos, assim como o manuseio da cerâmica e a construção de cidades. No Egito antigo, assim como na Mesopotâmia, o conceito de técnica assumia um caráter simbólico, pois se acreditava que esta era um presente ofertado pelos deuses, realidade que se transforma posteriormente, no período denominado de axial (que ocorre entre 800 a 300 anos a.C.), “época em que os homens se individualizam como seres existentes num determinado local e num determinado tempo” (VARGAS, 2009, p.12). Para os gregos, a ideia de técnica é “uma forma de saber de que o homem se serve para produzir o que a natureza não lhe proporciona espontaneamente” (RÜDIGER, 2013, p.76) — conceito preconizado por Aristóteles —, porém, dentro de certos limites, a fim de que a ação humana não ultrapasse o valor da natureza. Já durante a Idade Média, pouco se foi explorado sobre técnica, tanto na reflexão quanto na aplicação. Houve, de fato, uma categorização da arte, tendo sido dividida em liberais, militares, mecânicas e servis

(RÜDIGER, 2013, p.83). A conjuntura da época não foi modificada intimamente no período do Renascimento, havendo somente “uma revalorização das artes liberais e de parte das artes mecânicas” (*ibidem*, p.83), não alterando, assim, a hegemonia do pensamento religioso que permanecia inabalável desde a Idade Média, sendo a reflexão da técnica voltada à salvação da alma.

Não obstante, é na Idade Moderna que o pensamento acerca da técnica desperta de forma distinta das demais, principalmente depois da reformulação de Francis Bacon, no acme do capitalismo comercial (ou mercantil), sobre o valor da ciência. Posteriormente, esta “passa a ser vista como instrumento de domínio da natureza e emancipação do indivíduo” (RÜDIGER, 2013, p. 83). Mais do que isso, as observações de Bacon também sugerem a hegemonia das artes mecânicas perante as demais, demarcando, portanto, “uma crescente e, hoje, consolidada identificação da técnica com a máquina” (*ibidem*, p.84). Galileu Galilei, Thomas Hobbes e René Descartes também contribuíram para equiparar a técnica à lógica matemática, reiterando o pressuposto da hegemonia das artes mecânicas, preconizado por Bacon. Enquanto Hobbes e Descartes emparelham o funcionamento do corpo humano ao de uma máquina, “Nos escritos de vanguarda, fala-se cada vez menos em salvação da alma” (*ibidem*, p.85). Destarte, o pensamento norteador do período de grandes promessas advindas da máquina — ou prometeísmo<sup>26</sup> —, era alicerçado em meio a uma sociedade que vivencia a fulgência do processo de mecanização:

O principal resultado dessa profunda metamorfose histórica nos fundamentos da concepção de mundo é que, falando em termos gerais, o campo da técnica passou a ser outro. As técnicas industriais ou artes mecânicas serviam até então sobretudo para a fabricação de utensílios. O aparecimento da expressão tecnologia foi concomitante ao surgimento da era da máquina. (...) O pensamento mecanicista foi desde o início maquinístico, e sua justificativa prática e discursiva buscada do mesmo modo no conhecimento científico que, então, começava a se expandir pelo Ocidente (RÜDIGER, 2013, p.88-89)

É sob esse novo pensamento que a Revolução Industrial é consumada na Inglaterra, no século XVIII e com ela, a primeira referência à tecnologia que, inicialmente, fora “uma simples disciplina pela qual se estudam e se sistematizam os

---

<sup>26</sup> Segundo a mitologia grega, Prometeu é um titã que teria roubado o fogo dos deuses para dá-lo aos mortais. Essa ação faz com que o homem se torne superior a todos os outros animais. Aqui, Francisco Rüdiger teria se valido da referência como uma forma de comparar o fogo ao atrelamento do processo científico à técnica.



processos técnicos. Lentamente ela vai se desdobrando em pesquisa sobre as propriedades dos materiais de construção ou dos industriais” (VARGAS, 2009, p. 15), e, gradativamente, [a tecnologia] vai sendo atrelada à ideia da busca pelo conhecimento científico, pressuposto tão defendido, anteriormente, por Galileu Galilei. É, portanto, nessa primeira fase da modernidade definida por Marshall Berman (1996 [1982]), que vai do século XVI ao final do XVIII, que as sociedades começam a despertar para esse novo contexto ao vivenciarem “o primeiro estágio do expansionismo tecnológico” (LANDES apud RÜDIGER, 2013, p.89). Já a segunda fase da modernidade, a partir do século XIX, em frenética expansão, é alimentada por várias fontes (como a científica, a industrial e a tecnológica); as sociedades (principalmente as da Europa e dos Estados Unidos) refastelam-se com as modificações (quase) impostas por essa nova lógica, “[n]a qual o progresso técnico era apenas um dos meios para a aquisição de outros bens que o poder sobre a natureza e a prosperidade material” (RÜDIGER, 2013, p.90), conjuntura esta peculiar à visão prometeística em constante ascensão no século das locomotivas a vapor, das grandes reformas urbanas e do avanço do progresso promovido pela marcha maquinística e industrial:

O Ocidente conhece (...) uma extraordinária expansão de várias formas de conexão tecnológicas, que se estendem dos sistemas de telefonia e de energia elétrica até as malhas de transporte e as redes de rádio e, em seguida, de televisão. Entre 1890 e 1920, a figura do artefato cede lugar à do sistema como eixo de imposição da era maquinística (RÜDIGER, 2013, p.94-95).

No século XX, na terceira fase da modernidade, com a expansão do processo de globalização, esse atrativo cenário começa – a partir de dialéticas quase impostas – a entretecer os próprios dramas humanos. Com o surgimento dos sujeitos descentralizados (HALL, 2015 [1992]), “seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal” (BERMAN, 1996 [1982], p.27), de identidades fragmentadas, instáveis, desunificadas, o desconforto frente a essa nova realidade passa a se desenvolver entre os indivíduos e é provocado, essencialmente, pelas transformações decorrentes do mundo social moderno. Dessarte, “o espírito prometeico de uma tecnologia triunfante, que sinalizava à humanidade o melhor dos mundos possíveis” (SEGAL; MATTELART apud

RÜDIGER 2013, p.97) é posto em dúvida e, em coexistência com essa narrativa, a fáustica<sup>27</sup> começa a alçar-se:

Nessa época (...) passam a conviver com as narrativas prometeicas outras, cujo conteúdo aponta para a erosão da comunidade, o declínio do indivíduo, a complexidade da máquina e a inesperada perda da própria liberdade humana no contexto por ela formado (...) mal-estar espiritual na nova civilização (RÜDIGER, 2013, p.99).

A partir da arte literária e estética, “a racionalização tecnológica da vida começa a ser questionada de maneira ao mesmo tempo sensível e reflexiva” (RÜDIGER, 2013, p. 100). É sob esse contexto da terceira fase da modernidade e das primícias da contranarrativa fáustica que a obra *Marcovaldo ou As estações na cidade* insere-se e dá vida a seu protagonista, tão desgostoso com a súbita necessidade de enquadrar-se em uma cidade rapidamente modificada, repentinamente submetida aos interesses de um sistema febril, incomplacente e que faz despertar em Marcovaldo o desconforto da sensação de não pertencimento em meio a um centro amplamente urbanizado, cuja realidade não contempla “pradarias, montanhas rochosas, florestas equatoriais, ilhas onde se vive coroados de flores” (CALVINO, 2015 [1963], p.71): está tão somente subjugada a “um processo sistêmico, cujo sentido é resolver os problemas da sociedade através do controle tecnológico” (BENIGER apud RÜDIGER, 2013, p.95), o qual é denominado tecnocracia.

### 2.1.1 *Da linguagem primordial à artística: um panorama histórico desde as civilizações míticas*

Assim como “A tecnologia deve ser tratada no contexto das relações sociais e dentro de seu desenvolvimento histórico” (GRINSPUN, 2001, p. 71), pressuposto igualmente empregado por Francisco Rüdiger (2013), a mesma análise deve realizar-se com a evolução da linguagem. Os dois contextos evolutivos (o da técnica e o da linguagem) coexistem, e ambos se originaram numa análoga conjuntura, no mesmo momento “em

---

<sup>27</sup> De acordo com Marshall Berman (1996 [1982], p.70), “os motivos de Fausto são claramente não-capitalistas”. Apesar de em toda a trama ter buscado, a partir da incessante sede de conhecimento, obstinadamente pelo progresso técnico, o Fausto de Goethe objetivava oferecer ao povo, como forma de legado, tudo o que fora construído por ele a partir do patrocínio advindo de Mefisto, figura diabólica a quem prometeu a alma. Ou seja, a relação aqui é a de que a era fáustica, iniciada, segundo Rüdiger (2013), no século XX, seja um período de reflexão acerca do progresso tecnológico e a quem ele, de fato, serve.

que o homem diferenciou-se, do hominídeo, com a utilização de um instrumento” (VARGAS, 2009, p.10), fundamentando-se, assim, o surgimento desse sistema simbólico que permite, desde as eras primordiais, a assimilação de conhecimento e a possibilidade do aperfeiçoamento do espaço ao redor. Assim, “se poderia entender como conclusão que a técnica, a linguagem<sup>28</sup> e a humanidade apareceram num mesmo momento, ainda que esse momento tenha durado centenas de séculos” (*ibidem*, p.11).

Por conseguinte, a cooperação entre os grupos ancestrais foi decisiva no processo de evolução da linguagem. Como explicita Marshall Poe (2011), a capacidade cerebral humana é tanto maior quando o ajuntamento de indivíduos é amplo, isto é, quanto mais esses indivíduos estão aptos a se comunicarem através da linguagem, e, posteriormente, da fala. Ainda segundo o autor, “We involved talking because it enabled us to make better tools, or to share more information, or to exchange gossip, or impress members of opposite sex”<sup>29</sup> (POE, 2011, p. 27), corroborando a ideia de a técnica estar intrinsecamente atrelada à origem da linguagem, e reiterando o pressuposto de que esta auxiliou povos primitivos a executar diferentes funções.

Com o advento da fala, a presença de narrativas fez-se recorrente, primeiramente, como um recurso organizativo social e, subsequentemente, como forma de esclarecer a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas. Como já exposto no tópico anterior, as narrativas primordiais de civilizações como a egípcia, a mesopotâmica e a grega fundamentaram-se no mito com o intuito de ilustrar as transformações sociais provindas da linguagem e do domínio de certas técnicas, relacionadas, especialmente, à agricultura e à arquitetura:

Desse relato pré-histórico pode-se intuir o que foi a técnica em origem. Entretanto, ela tem uma história, ao longo da qual evoluiu adquirindo, em cada época, novos aspectos que se iam somando àquele inicial. Ela está presente nas civilizações míticas; aquelas que, como a egípcia e mesopotâmica, são regidas por mitos - contos sobre os feitos de deuses

---

<sup>28</sup> Os conceitos de linguagem, trazidos à luz pelos autores em questão, referem-se, majoritariamente à humanidade, portanto, uma conceituação antropocêntrica e especista. É necessário reiterar que a linguagem não é um meio sistemático de comunicação estritamente humano, vide inúmeros estudos e observações acerca da vida animal e vegetal. Considera-se *A Grande Orquestra da Natureza*, do músico e naturalista Bernie Krause, um relevante exemplar para aprofundar essas questões. Mesmo diante de tal reflexão, é necessário afirmar que este estudo fundamenta-se nas concepções de linguagem humanas, uma vez que a produção artística e literária, como definimo-las, são criações da mulher e/ou do homem.

<sup>29</sup> “Estávamos envolvidos em conversar porque isso nos permitiu desenvolver melhores ferramentas, ou compartilhar mais informações, ou mexericar, ou impressionar os membros do sexo oposto”. Tradução livre da autora.

e heróis que, por sua ação, instituem as crenças, a sabedoria, a organização social e, também, suas técnicas (VARGAS, 2009, p. 11).

Juntamente às narrativas míticas e sua contribuição acerca do entendimento do mundo, é despertada, nessas civilizações primitivas, a edificação da subjetividade individual. A partir das estórias de heróis e deidades, os sujeitos ampliaram o alcance no que toca à compreensão de suas inquietudes e anseios:

No mundo pré-moderno, a mitologia era indispensável. Ela ajudava as pessoas a encontrar sentido em suas vidas, além de revelar regiões da mente humana que de outro modo permaneceriam inacessíveis. Era uma forma inicial de psicologia. As histórias de deuses e heróis que descem às profundezas da terra, lutando contra monstros e atravessando labirintos, trouxeram à luz os mecanismos misteriosos da psique, mostrando às pessoas como lidar com as crises íntimas. Quando Freud e Jung iniciaram a moderna investigação da alma, voltaram-se instintivamente para a mitologia clássica para explicar suas teorias, dando uma nova interpretação aos velhos mitos (ARMSTRONG, 2005, p.15).

Concomitantemente com o aprimoramento da técnica, a linguagem narrativa também se aperfeiçoara, sendo atrelada a formas diversas como a teatral (vide as grandes apresentações nas arenas da Grécia Antiga), a musical, fundamental na consolidação social durante o período da Idade Média (por exemplo, com as cantigas trovadorescas e os grandes festivais, celebrados em época carnavalesca<sup>30</sup>) e, notoriamente, a escritural, que, nas primícias, assumiu uma importante função no que tange à documentação de pequenas transações, à organização de tarefas cotidianas e à reflexão acerca do cosmos, da ética e dos primeiros regimes governamentais.

A partir da primeira fase da modernidade (BERMAN, 1996 [1982]), ou o início da Idade Moderna, o contexto Ocidental, especialmente europeu, possibilitou o surgimento da cultura impressa, necessidade essa advinda do capitalismo mercantil, uma vez que se tornara fulcral dispor de um “required literacy to operate effectively”<sup>31</sup> (POE, 2011, p.116), visto a intensa demanda decorrente dessa realidade: “catalogues, contracts, sureties, indemnities, orders, delivery schedules, transit papers, bills of lading,

---

<sup>30</sup> Essa conjuntura pode ser melhor explicitada por Mikhail Bakhtin na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, originalmente publicada em 1968.

<sup>31</sup> “grau de instrução para atuar de forma efetiva”. Tradução livre da autora.

inventories, receipts, invoices, account books, tax documents, bank statement and so on”<sup>32</sup> (POE, 2011, p.116).

O advento da prensa, a partir de 1450, no Ocidente, igualmente propicia uma circunstância favorável à vivacidade da linguagem literária, num primeiro momento atrelada às narrativas religiosas, sobretudo bíblicas. Todavia, em razão da extrema necessidade em se fazer adequar àquele novo cenário, uma maior parcela da população tem a possibilidade de estudar a leitura e de se alfabetizar, do mesmo modo que é aberta a oportunidade da produção literária, embora somente à classe burguesa, ainda que sendo ferrenhamente controlada por príncipes e sacerdotes. A partir do grande interesse da população por essa notável invenção, a demanda intensa (tanto da produção quanto do consumo literário) dificulta a censura das obras, proporcionando, igualmente, a criação de gêneros literários antes inéditos. De acordo com Marshall Poe (2011, p.87), “a third of all books in early seventeenth-century England were unauthorized”<sup>33</sup>. Destarte, a linguagem literária (artística, em geral), assume, socialmente, uma importância outra: a do contra-discurso hegemônico. A transcendência artística, como enuncia Herbert Marcuse (2007 [1977], p. 17-18), dispõe de lógica distinta: ela “termina na emergência de outra razão, outra sensibilidade, que desafiam a racionalidade e a sensibilidade incorporadas nas instituições dominantes (...). A obra de arte representa, portanto, a realidade, ao mesmo tempo em que a denuncia”.

É, portanto, a partir da “transformação estética através da remodelação da linguagem” (MARCUSE, 2007 [1977], p. 18) que a obra literária contribui para a formação subjetiva dos seus leitores, assim como as narrativas primordiais e míticas, já referidas anteriormente, exatamente por lidar com fatos relacionados à essência humana e social e por exaltar, apesar da sujeição dos indivíduos a uma conjuntura permeada por imposições, todas as possibilidades da mente e do corpo:

Enquanto o homem e a natureza não existirem numa sociedade livre, as suas potencialidades reprimidas e distorcidas só podem ser representadas numa forma *alienante*. O mundo da arte é o de outro *Princípio da Realidade*, de alienação — e só como alienação é que a arte cumpre uma função *cognitiva*: comunica verdades não

---

<sup>32</sup> “catálogos, contratos, fianças, indenizações, ordens, prazos de entrega, papéis de trânsito, contas de embarque, estoques, recibos, faturas, livros de conta, documentos fiscais, extrato bancário e assim por diante”. Tradução livre da autora.

<sup>33</sup> “um terço de todos os livros no início do século XVII na Inglaterra eram censurados”. Tradução livre da autora.

comunicáveis numa outra linguagem; *contradiz* (MARCUSE, 2007 [1977] p. 19).

Destarte, é sob o *princípio da realidade alienante* que o objeto perscrutado *Marcovaldo ou as estações na cidade* torna-se relevante no sentido em que expõe, a partir da *transformação estética através da remodelação da linguagem*, uma realidade denunciativa da pobreza, do abuso do trabalho e da sujeição do protagonista, Marcovaldo, a todas as determinações sociais exigidas por uma sociedade moderna desigual, recheada por indivíduos que “projetam nos bens que consomem, cada vez mais envoltos por um véu tecnológico, as faculdades sensíveis e intelectuais que lhes são próprias como indivíduos e como coletividade” (RÜDIGER, 2013, p. 102). É exatamente para romper com a lógica abusiva instaurada pelo prometeísmo que as diferentes formas estéticas, permeadas de suas linguagens singulares, “não faz[em] mais do que ocasionar um afastamento passageiro das pressões das necessidades vitais, não sendo suficientemente forte[s] para nos levar a esquecer a aflição real” (FREUD, 2011[1930], p.12), posto que o discurso artístico não somente reflete a realidade como ela é, mas também a refrata. Sendo assim, “Ele [o signo] pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc.” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2015 [1979], p. 32), fundamentando, portanto, e efetivamente, a função da linguagem artística, anteriormente sugerida.

### 3 RESSIGNIFICANDO *MAGNA MATER*

Como já mencionado anteriormente, a obra *Marcovaldo ou as estações na cidade* será analisada, sobretudo, a partir dos pressupostos ecocríticos. Faz-se necessário, portanto, discutir questões relacionadas a essa linha de pensamento e conectá-la à obra em questão, com o intuito de salientar a relevância desse engajamento não somente no âmbito da análise literária aqui proposta, mas também no que tange às situações ambientais e ecológicas globais hodiernas. Surgida no final dos anos 1990, a Ecocrítica é considerada uma linha de pensamento que se configura como o estudo das relações entre a literatura e o meio ambiente:

Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrados na Terra (GLOTFELTY *apud* GARRARD 2006, p.14).

A Ecocrítica ocupa-se de diversas áreas do conhecimento, além da Literatura, como a Antropologia, a Ecologia, a Filosofia, a Botânica e a Biologia, entre outras. De caráter interdisciplinar, assume uma postura “confessadamente política” (GARRARD, 2006, p. 14) e moral no que se refere às questões relacionadas ao meio ambiente e seus respectivos estudos. É também interessante perceber, para além dessa particularidade interdisciplinar, que a ecocrítica tende a considerar a natureza por dois vieses: o primeiro, relacionado à ideia de que a noção de natureza é, de fato, construída cultural e socialmente; o segundo, de que ela realmente existe, mas não a partir (e somente) da lógica reducionista que a subjuga aos interesses do homem e do capital, lógica essa surgida desde a Revolução Científica dos séculos XVII e XVIII, que estabeleceu oposição entre o homem e a natureza ao considerá-lo superior a ela. Mesmo considerando o ambiente natural por esses dois vieses, a ecocrítica não busca, “portanto, um discurso mais verdadeiro ou esclarecedor sobre a natureza, porém, uma retórica mais eficaz de transformação e amenização” (GARRARD, 2006, p. 106) dos efeitos ambientais causados pela alienação das mulheres e dos homens sobre o mundo natural e seu funcionamento, “isolados das lições ensinadas pela natureza” (MCKIBBEN *apud* GARRARD, 2006, p. 236).

Destarte, a personagem Marcovaldo compartilha de uma visão mais integral do mundo, mais *ecocêntrica*, estando aberto aos ensinamentos advindos de espaços e manifestações naturais. Isso fica nítido, por exemplo, nos contos *Cogumelos na cidade* e *O tratamento com vespas* em que, a partir de experiências negativas advindas da ingestão de cogumelos encontrados no asfalto e do manejo com vespas, Marcovaldo (e consequentemente os membros de sua família) acaba por aprender lições acerca do funcionamento desses elementos naturais, como os fungos e os insetos, exatamente por tentar sujeitá-los a necessidades humanas. É claro que essa sujeição se interliga à premência por sanar a fome ou a dor, e, portanto, não se pode enquadrar Marcovaldo na mesma lógica alienante da exploração da natureza que visa somente ao lucro. Ainda assim, mesmo com os infortúnios apresentados nas narrativas, o trabalhador não rompe os laços com a natureza, nem mesmo a nega: ao contrário, estreita-os, demonstrando uma relação de respeito e de consciência sobre os limites de sua interferência no meio natural.

Para Jonathan Culler (2016), a ecocrítica, dentro da nova teoria literária, tem se estabelecido a partir do rompimento de lógicas discursivas binárias. Há uma tendência a buscarmos (não somente na literatura) uma *virada ética*, a contestarmos os discursos hegemônicos, a desestruturar normativas opostas como, por exemplo, a relação homem *versus* natureza, relação esta que faz repercutir diversas formas de violência, por considerar única e exclusivamente o ser humano<sup>34</sup> como detentor de necessidades no mundo. Para o autor, a ecocrítica então emerge, “centrada na questão da terra que convoca a literatura e as sensibilidades literárias a pensar sobre o meio ambiente e os impactos que os seres humanos nele exercem” (CULLER, 2016, p. 91). Ainda, para o autor, a ecocrítica

pode explorar textos que falam da natureza, de como os diferentes grupos tratam a natureza de forma distinta, pode enfatizar as celebrações da natureza para promover a consciência ecológica, ou pode, ainda, abordar de modo mais direto os usos humanos da natureza (CULLER, 2016, p. 92).

Isto posto, a literatura, portanto, assume um papel fundamental ao estimular e propor discussões não somente no âmbito do meio natural e ecológico, mas igualmente no que diz respeito à ética que rompe com padrões pré-estabelecidos de pensamento.

---

<sup>34</sup> Culler é um dos autores que se utilizam, no âmbito das reflexões sobre teorias literárias, das questões antropocêntricas para justificar a violência reproduzida a partir da dominação da natureza (pelo homem) para a exploração. Há outros autores (que serão mencionados mais adiante) que, por outro lado, preferem empregar, ao invés do termo antropocentrismo, o *androcentrismo*, por afirmarem que a mulher nunca pôde ser considerada o centro de nenhuma relação de poder devido às sólidas bases sociais patriarcais, comum às civilizações ocidentais.



Destarte, o estudo da obra *Marcovaldo ou as estações na cidade* pelo viés ecocrítico faz-se deveras importante, pois apresenta, assim como o que foi postulado por Jonathan Culler, acontecimentos naturais característicos das estações do ano, permitindo a reflexão acerca das organizações citadinas a partir das mudanças de temperatura e de condições climáticas; também trata da personagem Marcovaldo e de como esta possui diferente olhar ao tratar a natureza e suas formas de manifestação. Esses apontamentos contribuem, certamente, para a promoção de uma consciência ecológica, avivada a partir da leitura e da linguagem literária.

### 3.1 A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CIVILIZADO: UMA RETOMADA HISTÓRICA

*Deus fez o campo, e o homem, a cidade*  
William Cowper

A ideia de que a “civilização humana’ era uma expressão virtualmente sinônima de conquista da natureza” (THOMAS, 2010, p. 33) é iniciada ainda no período do Renascimento (XIV- XVI) e, posteriormente, reforçada no Iluminismo:

Esse movimento, além de tardio na história da humanidade, só se produziu uma única vez. Para retomar uma fórmula muito conhecida de Descartes (...), o homem se fez então “mestre e senhor” da natureza. Resultou daí um extraordinário desenvolvimento das ciências e das técnicas, mas também a exploração desenfreada de uma natureza composta, a partir de então, de objetos sem ligação com os humanos: plantas, animais, terras, águas e rochas convertidos em meros recursos que todos podemos usar e dos quais podemos tirar proveito. Naquela altura, a natureza havia perdido a sua alma e nada mais nos impedia de vê-la unicamente como fonte de riqueza (DESCOLA, 2016, p. 22-23).

O apelo ao campo começa a ser, portanto, a partir do século XIV, negativo: lá estão os cidadãos bestiais, não civilizados, doentes, loucos. A partir do crescimento desigual das cidades e da euforia da vida na urbe, a concepção sobre o campo passa a assumir um diferente posicionamento a partir do século XVII: distanciados do meio urbano, os habitantes campestres passam a ser reconhecidos, principalmente na literatura inglesa, como sendo moralmente superiores aos da cidade.

É preciso pontuar que essas oscilações entre os pensamentos morais sobre a cidade e o campo foram constantes principalmente entre os séculos XVII e XVIII. Os contextos campestres foram, de certa forma, idealizados pelos habitantes dos grandes centros em

expansão: de refúgio à casa de veraneio esteticamente projetada por paisagistas, a tentativa de reaproximação do homem (branco e burguês)<sup>35</sup>, consciente de sua superioridade, com o meio natural acabou sendo prejudicial aos números da natureza por circunstância da caça esportiva de animais, e até mesmo do abate para estudo das espécies: “dizem que entre 1500-1850 foi presumivelmente eliminada uma espécie a cada 10 anos. Entre 1850 e 1950, uma espécie por ano” (BOFF, 1995, p. 15). É necessário esclarecer que a aproximação do homem com o campo foi igualmente significativa, especialmente no final do século XVIII, em que, “encorajadas pela sua facilidade para viajar e por não estarem diretamente envolvidas no processo agrícola, as classes educadas vieram a atribuir importância sem precedentes à contemplação da paisagem e à apreciação do cenário rural” (THOMAS, 2010, p. 377).

É certo que a própria construção da ideia de civilização que parte da expansão das cidades também foi exploratória e devastadora para o meio natural. Mas um possível retorno do homem moderno à natureza já não era mais possível de ocorrer sob uma lógica que não a de supremacia do homem ao animal, ao vegetal, ao natural; ideia esta que se consolidou após a Revolução Industrial, pois subverteu e fundiu, definitivamente, a logicidade da produção de artefatos à (falsa) necessidade de bens de consumo:

Para os adeptos da ecologia profunda e os ecofeministas, a visão do universo como uma grande máquina, enunciada, entre outros, por Francis Bacon (1561-1626), René Descartes (1596-1650) e Isaac Newton (1642-1727), representou o golpe decisivo contra o universo orgânico habitado por nossos ancestrais. Se, como afirma Westling, os povos do Paleolítico veneravam uma figura fecunda de Magna Mater ou Grande Mãe, esses homens completaram o processo de aniquilação dela, iniciado com o domínio do deus celeste masculino judaico-cristão. Em vez da Terra como mãe nutriz, os filósofos naturais postularam um universo redutível a uma montagem de peças que funciona de acordo com leis regulares, as quais os homens, em princípio, poderiam conhecer em profundidade. Descartes, assim como Bacon, buscou a base de uma nova filosofia prática na qual, “conhecendo a força e a ação do fogo, da água, do ar, das estrelas, do céu e de todos os outros corpos que nos cercam”, ele e seus contemporâneos poderiam tornar-se “senhores e possuidores da natureza” (DESCARTES, 1986, p.49). A razão tornou-se o meio para chegar ao domínio total da natureza, já

---

<sup>35</sup> Pontue-se que a aproximação do homem da cidade ao campo só foi possível aos que pertenciam às altas classes burguesas, a artistas que dependiam do mecenato, a intelectuais que “desde muito costumavam encarar as pessoas não letradas como sub-humanas” (THOMAS, 2010, p. 52) e a curiosos jovens e escapistas que também dispunham de situação econômica privilegiada. As camadas menos abastadas da população ou estavam no campo, labutando “como seus cavalos” (THOMAS, 2010, p.52) ou na cidade, sem cultivar pensamentos de luxo que remetiam à vida confortável e arquitetônica do campo.

então concebida como um imenso mecanismo sem alma, que funcionava de acordo com leis naturais cognoscíveis (GARRARD, 2006, p.92).

No que tange ao período Romântico da literatura e das artes, no século XIX, houve um intenso movimento de autores que discutiam a importância de estarmos conectados ao meio natural, e que propunham uma fuga da cidade e suas turbulências a partir do contato mais próximo com a natureza e os animais. É interessante perceber que, nesse momento, autores como Percy Shelley (1792-1822) ousaram utilizar-se de manifestações da natureza para compor o eu-lírico de seus poemas. Em *The Cloud* (A Nuvem), de 1820, Shelley evoca a voz de uma nuvem como sendo “the daughter of Earth and Water”<sup>36</sup>, atribuindo, então, a ela uma importância tal por colocá-la como o eu central do poema, estratégia narrativa bastante atípica para a época. Faz-se proveitoso notar o uso de maiúsculas nas palavras “Earth” e “Water”, que lhes dá, portanto, destaque ao relacioná-las à ideia de entidades. A relação dos Românticos com a natureza, é fato, traz à tona discussões controversas: levando em consideração o pressuposto de que a natureza é um ideário construído, e que não existe, genuinamente, desde a primeira ação do homem primitivo sobre ela, a natureza então evocada pela linguagem estética do período é enaltecida de forma ideal e afastada: é tratada, portanto, pelo viés do *locus amoenus*. Em contrapartida, há outros autores que, de fato, abandonaram a vida na cidade e tentaram se estabelecer “na natureza selvagem”, como o caso de Henry David Thoreau (1817-1862). Insatisfeito, instalou-se no meio do bosque, perto do lago Walden, título de sua obra mais conhecida: Thoreau condena, no livro, a sociedade capitalista da época e sugere um modo de viver mais simples, baseado na auto-gestão (ele próprio, apesar de desconhecer a agricultura, logo no início de sua empreitada cultivou batatas e produziu pão). Não importa a perspectiva que seja assumida quanto à produção dos autores românticos: o que é certo é que muitos disseminaram ideias, em sua essência, anticapitalistas, ou propuseram uma reflexão acerca da era industrial e do aceleramento excepcional da vida. E mais: é no século XIX que as ideias contrárias à que propôs Descartes (entre outros de sua época) começam a tomar corpo e assumir importância em relação aos estudos ecológicos.

---

<sup>36</sup> “Eu sou a filha da Terra e da Água”. Tradução livre da autora.

### 3.2 A ARTICULAÇÃO DOS TRÊS REGISTROS ECOLÓGICOS: UM SOAR URGENTE

A *Ecosofia*, proposta por Félix Guattari no final dos anos 80, preconiza o repensar das ecologias social, mental e ambiental. A ressignificação das três, segundo o autor, permitiria às sociedades um aprimoramento das relações entre mulheres e homens; entre mulheres, homens e a natureza; e entre mulheres, homens e suas próprias psiques. Essas mudanças, segundo o autor, assumem uma importância tal devido a “fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície [da Terra]” (GUATTARI, 2006 [1989], p.7). Os registros ecológicos, sendo pensados de forma complementar por uma articulação ético-política, compõem, portanto, a Ecosofia. Para Guattari, o alinhamento dos três registros ecológicos, calcados numa perspectiva anticapitalista, tende a reaproximar a mulher e o homem de realidades solidárias, humanizadas e coletivas, opostas ao que o capitalismo industrial vem instaurando desde o século XVIII:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. Uma finalidade do trabalho social regulada de maneira unívoca por uma economia de lucro e por relações de poder só pode, no momento, levar a dramáticos impasses (GUATTARI, 2006 [1989], p.9).

A ecosofia social tem por finalidade desenvolver meios que permitam a reinvenção das relações interpessoais, sejam elas amorosas, fraternas ou de trato diário com outras pessoas, como no trabalho e no comércio, por exemplo. Segundo Guattari, é falacioso pensarmos em resgatar uma mundividência social de outrora, em que a densidade demográfica era mais reduzida e, assim, as relações sociais mais fortes, pois calcadas numa coletividade familiar, local e regional.

Já a ecosofia mental tem por desígnio permitir ao indivíduo reinventar sua relação com o corpo, libertando-se das amarras impostas principalmente pela “uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 16). Ou seja, o intuito é ressignificar padrões estabelecidos pelo discurso hegemônico social e midiático e permitir

a mulheres e homens retomar suas subjetividades a partir de uma reflexão crítica e não alienante. Ainda, para o autor, faz-se extremamente necessária a rearticulação dos três registros; caso contrário, continuaremos a experienciar uma “escalada de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres<sup>37</sup>” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 16-17) e, inevitavelmente, dos direitos recusados à população LGBTI<sup>38</sup>.

A ecosofia ambiental preocupa-se com os equilíbrios naturais: para Guattari, haverá um tempo em que serão necessários grandes empreendimentos para que sejam reguladas taxas de gases como o oxigênio, nitrogênio, ozônio e gás carbônico. A “aceleração dos ‘progressos’ técnico-científicos conjugada ao enorme crescimento demográfico faz com que se deva empreender, sem tardar, uma espécie de corrida para dominar a mecosfera” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 52). Essa intensa mecanização,

---

<sup>37</sup> Esse retrocesso que discute Guattari pode ser, nesse momento, percebido com maior vigor no Brasil por muitos processos (sejam emendas, liminares ou projetos de lei) em tramitação. Além da retirada dos direitos dos trabalhadores, que “flexibiliza” a jornada, diminui o tempo para a alimentação e precariza as condições de trabalho (questão essa que pode expor os trabalhadores a condições insalubres de trabalho ou permitir a execução do trabalho em condição análoga à escravidão), também o fanatismo religioso toma conta do nosso Estado dito laico na Constituição: a bancada Evangélica (que hoje conta com 90 parlamentares, entre eles pastores, cantores, delegados de polícia, empresários de comunicações, médicos, advogados), no Congresso Nacional do País e em processo de ascensão ideológica, é responsável por apresentar projetos que criminalizam o aborto até mesmo em casos de estupro. Essas discussões, permeadas por moralismo evidente e disseminação de discurso de ódio, só contribuem para vilipendiar os direitos da mulher sobre seu próprio corpo, compactuar ainda mais com os casos de estupro e feminicídio (que ocorrem com mulheres cis e trans) realizados no país e naturalizar a impunidade dos assassinos e agressores. Como se não bastasse, a Justiça Federal acatou parcialmente, no mês de setembro de 2017, a liminar contra a Resolução 01/99 do Conselho Federal de Psicologia, de 1999. Essa Resolução estabelece que a homossexualidade não pode ser tratada como doença. A liminar, portanto, tenta regularizar o uso de terapias de “reversão sexual” aos pacientes que se sentirem incomodados com a sua orientação sexual. Essas medidas reacionárias estão profundamente interligadas com o cenário de crise sócio-político-econômico-ético-moral que se instaurou no país: com a taxa de desemprego altíssima, o governo aproveita-se da situação frágil da população para aprovar medidas extremamente nocivas, especialmente atreladas a grupos minoritários, já que a preocupação que circunda o contexto social e político do país, para a população trabalhadora e desempregada, é o de sobrevivência face à situação econômica. Portanto, é de extrema necessidade que sejam discutidos os pressupostos ecocríticos e ecosóficos, que propõem saídas mais humanizadas ao cenário de crise (seja ela social, econômica, ecológica ou mental) e desvincula o capitalismo selvagem da única e possível solução para o reestabelecimento da dignidade humana.

<sup>38</sup> Não há unanimidade quanto à escolha da melhor sigla que abarca toda a diversidade desse movimento social. Consideraremos, no presente trabalho, a sigla LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexuais) por, segundo Regina Facchini (2003), representar o maior número de categorias discutidas no âmbito político no Brasil. Há alguns meios (acadêmicos e de comunicação) que utilizam a sigla LGBTI+, exatamente para englobar a diversidade do movimento não somente no âmbito nacional, mas internacional.

finalizada no lucro e na obtenção desenfreada de bens de consumo, acaba por alterar os equilíbrios naturais que movem os ecossistemas: basta que sejam modificadas as taxas de, ao menos, um desses gases primordiais na atmosfera terrestre, agilizadas pela queima de combustíveis fósseis sem precedentes, para que um desequilíbrio de grande escala ocorra em todo o mundo. É possível termos contato, de imediato, com grandes empreendimentos que visam à recuperação de espaços naturais degradados pela ação do homem: há, em muitos países, programas de recuperação de rios e nascentes devastados pela poluição, utilizados como reservatório de esgotos urbanos e lixo doméstico e industrial<sup>39</sup>.

Destarte, a articulação dos três registros ecológicos, segundo Guattari, se faz latente em nosso contexto contemporâneo e paradoxal, característico das sociedades modernas tardias. Para o autor, essa contradição advém da continuidade desenvolvimentista da sociedade, que conta com meios técnico-científicos capazes de solucionar “as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 12). O que ocorre, porém, é uma desorganização social e das forças subjetivas para apoderarem-se desses meios e torná-los proficientes para a causa ecológica, social e mental. Desse modo, devem ser construídas:

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em

---

<sup>39</sup> No Brasil, um dos grandes projetos de despoluição de rios é, sem dúvida, o do Tietê. Considerado morto biologicamente, há anos (mais especificamente desde 1992) passa por um processo de revitalização das águas, sem muito sucesso. É interessante apontarmos que, ao redor do mundo, grandes e importantes rios já tiveram suas águas recuperadas: alguns exemplos são o Tâmis, na Inglaterra, que já foi conhecido como o “Grande Fedor”, ainda no século XIX. O seu processo de despoluição levou cerca de 150 anos. O Reno, de grande extensão, conseguiu, após a despoluição, recuperar 63 das suas 64 espécies de peixes. O Sena, que banha Paris, abriga cerca de 30 espécies de peixes, e hoje é utilizado para atividades de lazer na cidade. No Brasil, em 2015, um crime ambiental de grandes proporções ocorreu no subdistrito de Bento Rodrigues, próximo ao município de Mariana, em Minas Gerais. O rompimento da barragem de Fundão, controlada pela empresa Samarco e contendo rejeitos de mineração (atividade intensa na região), atingiu o rio Doce, o que ocasionou o maior impacto ambiental da história brasileira, e o maior do mundo envolvendo barragens de detritos de mineração. A bacia hidrográfica do rio Doce abrange 230 municípios dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, e a poluição de suas águas causa, diretamente, efeitos sem precedentes no que concerne ao estabelecimento dos ecossistemas da região e do bem-estar da população local, que dependia da água do rio para se abastecer. Em 2016, a Samarco propôs um grande projeto de revitalização das águas do rio Doce. Quase dois anos após o crime, o plano de recuperação ainda não foi posto em prática.

que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época (GUATTARI, 2006 [1989], p.55).

Os pressupostos ecosófico assumem ampla importância no que diz respeito ao pensar sobre Marcovaldo, que, em seu contexto de vida, assume, mesmo que inconscientemente, um teor de ressignificação de si próprio e de suas relações com o entorno face à modernidade, à cidade e às realidades impostas a partir da evolução da técnica e das novas divisões de trabalho voltadas, como postulado por Guattari, ao lucro. Esse movimento de rearticulação preconizado por Marcovaldo, de “reapreciar a finalidade do trabalho e das atividades humanas em função de critérios diferentes daqueles do rendimento e do lucro” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 42) não é, ao que parece, vivido pela personagem de maneira consciente e engajada: Marcovaldo instaura sobre seu mundo um olhar voltado aos pequenos acontecimentos, extirpados da convivência diária e moderna por grande parte da população citadina. A articulação que parte de Marcovaldo e que nos salta aos olhos ao verificar a obra é calcada numa ingenuidade, numa abertura de olhos não para as mazelas da urbe, mas para a captação da essência primordial do pensamento desvinculado dos processos do capitalismo expansionista, especificamente. De forma não consciente e dissociada de um despertar de classe, o proletário, por conseguinte, propõe a “reconstrução das relações humanas” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 32-22) não em todos os níveis, como sugere Guattari, mas tenta rearticular preceitos orientados por uma coletividade e solidariedade hodiernamente escusadas; impossibilitado, portanto, de adquirir bens de consumo industrializados, o proletário necessita aproveitar-se dos recursos naturais e dos animais, mas não de forma exploratória, servindo-se somente (e em pequena escala) do que é ofertado pelas estações do ano. Ao buscar saídas para saciar os desejos despertados pela sociedade de consumo, que excluem Marcovaldo e sua família da bem-aventurança, a personagem encontra nos espaços naturais (modificados) e nas manifestações da natureza (como a neve, a neblina) o alento e o vigor que atribuem significados mais subjetivos à sua ecologia mental, rompendo, portanto, com a tendência ao desgaste das relações interpessoais de qualquer espécie:

As relações da humanidade com o socius, com a psique e com a "natureza" tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto (GUATTARI, 2006 [1989], p. 23).

### 3.3 O ECOLOGISMO DOS POBRES

A obra de Joan Martínez Alier, economista espanhol, propõe uma terceira via de reflexão e ação no que tange ao ativismo ambiental. Para o autor, tanto as correntes de “culto ao silvestre” (que tem por objetivo preservar a natureza e as espécies sem levar em consideração questões acerca da urbanização e da industrialização) quanto “[d]o credo da ecoeficiência” (que propõe uma saída para os contextos ambientais a partir da tecnologia, e continua incentivando a extração de seus recursos, mas de maneira sustentável, sem ater-se às questões industriais) não abarcam, em suas perspectivas, um olhar mais crítico e realista sobre os contextos de degradação do meio ambiente. Destarte, Alier destaca a terceira corrente, à qual se dedicará durante toda a obra:

O movimento pela justiça ambiental, o ecologismo popular, o ecologismo dos pobres, nascidos de conflitos ambientais em nível local, regional, nacional e global causados pelo crescimento econômico e pela desigualdade social. Os exemplos são os conflitos pelo uso da água, pelo acesso às florestas, a respeito das cargas de contaminação e o comércio ecológico desigual, questões estudadas pela ecologia política (...) este livro analisa tanto injustiças ambientais que completaram um século de existência quanto aquelas que ocorreram há poucos meses (ALIER, 2014, p. 39).

Alier, portanto, discute questões hodiernas acerca dos conflitos ecológicos de maneira teórica e bastante empática, sem demonstrar indiferença acerca das questões muitíssimo delicadas que perpassam, principalmente, populações em regiões de conflito, sejam estes advindos da exploração de recursos não renováveis, como o petróleo, ou pela mineração a céu aberto, construção de barragens e transposição de rios e processos de gentrificação, fatores esses que, a partir da demasiada emissão de gases poluentes, contribuem para enaltecer as implicações da mudança climática em todo o mundo. Refletindo sobre os grandes fluxos de matéria e energia impulsionados pelas civilizações calcadas no modelo urbanístico e industrial, Alier reitera que “Há um aumento do consumo de bens que acarretam grandes impactos ambientais” e que “a economia está impulsionada para o consumo” (ALIER, 2014, p. 215).

É significativa, também, a aproximação que o autor estabelece em relação à relação dos mais pobres com o meio ambiente: as populações menos abastadas tendem a favorecer a preservação dos recursos naturais, por não conseguirem, por questões de classe, compartilhar das mesmas oportunidades de aquisição de bens de consumo que a classe dominante, ou por estabelecerem com o meio natural outra relação, mediada pelo



respeito por suas manifestações e ciclos. Nesse sentido, voltam-se para uma lógica não exploratória da natureza, ainda assim sendo os que mais sofrem com a degradação do espaço comum, engendrada por interesses de grandes corporações privadas:

Nos dias de outrora, vibrantes comunidades viviam em equilíbrio com a natureza, manejando com prudência recursos de propriedade comum visando a satisfazer as necessidades da comunidade. Os britânicos<sup>40</sup>, entretanto, expropriaram os recursos comunais sem compensar os afetados, para desse modo explorar esses recursos comercialmente, minando assim a base provedora de recursos das comunidades locais e isentas por conta disso de qualquer culpa, essas comunidades foram obrigadas a explorar insustentavelmente quaisquer recursos que estivessem ao alcance das suas mãos. Após a independência, o Estado e seu principal agente, o Departamento Florestal, foram cada vez mais corrompidos pelos políticos, pelos empresários e pelas máfias florestais (MADSEN *apud* ALIER, 2014, p. 281).

A partir dos fatos considerados acima, o ecologismo dos pobres complementa discussões tecidas ao longo desse trabalho, não somente no que toca à questão ambiental pensada de forma mais ampla e atrelada à justiça social, mas também no que concerne ao contexto da personagem aqui analisada. Enquanto Marcovaldo busca por tentativas de não depender do contexto industrializado para se alimentar, em contrapartida é tomado pela realidade imposta por esse mesmo contexto aplicado à natureza: em *Onde o rio é mais azul*, por exemplo, os peixes da represa da cidade estão contaminados pela tintura tóxica das fábricas têxteis do entorno.

Outra questão importante da qual trata Alier é a respeito do tempo econômico e ao ecológico: ao ter sido acelerado o processo de produção para atender às demandas das sociedades capitalistas industriais, o tempo ecológico, regido pelas estações do ano e suas manifestações, foi submetido à lógica alienante da rapidez. Marcovaldo, porém, demonstra uma resistência ao ainda considerar o tempo ecológico, por compreender e

---

<sup>40</sup> Aqui, Alier refere-se a uma “narrativa ambiental modelo”, como encontrada na Índia, no período pós-colonial, e que também pode ser conhecida como SEN (Standard Environmental Narrative). Apesar de ser um fato ancorado na realidade da Índia, é certo que a apropriação dos espaços naturais, a partir da lógica empresarial voltada ao lucro, pode ser observada em diferentes países. É o caso do próprio Brasil, que sofreu, há pouco, uma tentativa do presidente ilegítimo Michel Temer, por meio de decreto oficial, de extinguir a RENCA (Reserva Nacional do Cobre e Associados), que está localizada na divisa entre o Sul e Sudoeste do Amapá com o Noroeste do Pará. A reserva, criada em 1984, dispõe de uma área equivalente à da Dinamarca, aproximadamente. O intuito do presidente era findar a reserva, que tem potencial para a exploração de minérios. No entanto (e felizmente), a Justiça Federal do Distrito Federal determinou a suspensão imediata de toda e qualquer articulação para acabar com a RENCA.

respeitar as estações do ano, seus desenrolares, possibilidades e limitações, desconhecidas por *chrónos*<sup>41</sup>:

Mas, ao serem modificadas as relações espaciais, as relações temporais também se alteram, dado que os espaços recém- incorporados deixam de ser governados pelo tempo de reprodução da natureza. O capitalismo solicita novos territórios, acelerando os tempos da produção. O antagonismo, notado faz muito tempo por Frederick Soddy, entre um tempo econômico que se comporta segundo uma ordenação temporal calcada na rapidez imposta pela circulação de capital, assim como por meio de uma taxa de juros, e um tempo geoquímico e biológico controlado pelos ritmos da natureza expressas na destruição irreparável da natureza e das culturas que valorizam de um modo diferente e seus recursos naturais. A natureza é um sistema aberto e alguns dos seus organismos crescem sustentavelmente em níveis muito rápidos. Contudo, não é este o caso das matérias-primas e dos produtos exportados pelo Terceiro Mundo. Ao atribuir preços de mercado à produção de novos espaços, os tempos da produção também são transformados. Nessa equação, ao menos aparentemente, o tempo econômico triunfa sobre o tempo ecológico (ALIER, 2014, p. 290).

Seguindo esse raciocínio, outro autor que trata das questões concernentes aos oprimidos por “[um]a lógica que explora as classes e submete os povos aos interesses de uns poucos países ricos e poderosos” (p. 11) é Leonardo Boff (1995). Para ele, todos os seres humanos devem ser libertados da ideia de o universo estar “*sobre* as coisas ao invés de estar *com* elas na grande comunidade cósmica” (BOFF, 1995, p. 12). Mesmo assumindo esse pensamento, o autor reitera que cerca de 1 bilhão de habitantes vivem em estado de miséria absoluta e, portanto, são os que mais estão ameaçados pela natureza (e suas drásticas mudanças) no contexto hodierno. Ainda, segundo Boff, há uma crise que permeia as sociedades ao redor de todo o mundo, que advém da falsa ideia de progresso,

---

<sup>41</sup> Na Grécia Antiga, utilizavam-se das palavras *chrónos*, *kairós* e *aión* para se referirem ao tempo. O primeiro era conhecido, na mitologia, como a personificação do tempo eterno e imortal, de natureza quantitativa e que se relacionava ao tempo cronológico; já o segundo estava relacionado a uma ideia mais filosófica sobre o tempo. *Kairós*, na mitologia, era a representação do deus do tempo oportuno, de natureza qualitativa, e que podia relacionar-se com a noção de tempo climático (como *weather*, em inglês). Já *aión* é dotado de uma temporalidade não numerada, e pode ser atrelado à concepção de destino. A partir da arquitetura das civilizações modernas, apenas uma noção de tempo foi propagada: a de *chrónos*, como bem pontua Boff (1995, p.43): “A natureza deriva de um longuíssimo processo cósmico. É a cosmogênese. O ‘relógio’ foi sendo montado lentamente, os seres foram aparecendo a partir dos mais simples para os mais complexos. Todos os fatores que entram na constituição de cada ecossistema com seus seres e organismos possuem sua latência, sua ancestralidade e em seguida a sua emergência. Eles são históricos. Todos estes processos naturais pressupõem uma fundamental irreversibilidade, própria do tempo histórico”.

fundamentada pela incorporação da concepção de *chrónos* de que todas as coisas (incluindo os recursos naturais) são eternos e infundáveis:

A crise significa: a quebra de uma concepção de mundo. O que na consciência coletiva era evidente, agora é posto em discussão. Qual era a concepção de mundo indiscutível? Que tudo deve girar ao redor da ideia de progresso. E que este progresso se move entre dois infinitos: o infinito dos recursos naturais da terra e o infinito do futuro. Os dois infinitos são ilusórios. A consciência da crise reconhece: os recursos têm limites, pois nem todos são renováveis; o crescimento indefinido para o futuro é impossível, porque não podemos universalizar o modelo de crescimento para todos e para sempre (BOFF, 1995, p. 16).

Dessarte, para Boff, é necessária a ressignificação das concepções do mundo no estado de crise. Ao assumirmos, primeiramente, que a ecologia é “um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos” (BOFF, 1995, p. 18), é sugerido, portanto, que subvertamos a lógica antropocêntrica (que na verdade, como o autor bem pontua, é androcêntrica, pois centraliza a figura do homem varão em detrimento da mulher, excluindo-a) e que haja um envolvimento em nível global para que as sociedades despertem o pensamento ecocêntrico, ou seja, aquele que considera todo ser vivo como importante dentro das relações ambientais; essa ideia de que todos estamos conectados a uma grande cadeia ecológica. Segundo Boff, esse novo paradigma ainda está sendo gerado, em meio ao paradigma ainda clássico das ciências “e seus famosos dualismos como a divisão do mundo entre material e espiritual, a separação entre a natureza e a cultura, entre ser humano e o mundo, razão e emoção, feminino e masculino” (BOFF, 1995, p. 29). A crise, portanto, se edifica a partir da dissolução dessas dialéticas impostas e sugere, à vista disso, uma nova vereda de retorno à ética:

O que está ocorrendo? Estamos regressando à nossa pátria natal. Estávamos perdidos, entre máquinas, fascinados por estruturas industriais, enclausurados em escritórios de ar refrigerado e flores ressequidas, aparelhos eletrodomésticos e de comunicação e sortos por mil imagens falantes. Agora estamos regressando à grande comunidade planetária e cósmica (...) À base desta nova percepção se sente a necessidade de uma utilização nova da ciência e da técnica com a natureza, em favor da natureza e jamais contra a natureza, Impõe-se, pois, a tarefa de ecologizar tudo o que fazemos e pensamos, rejeitar os conceitos fechados, desconfiar das causalidades unidirecionais, propor-se ser inclusivo contra todas as exclusões, conjuntivo contra todas as disjunções, holístico contra todos os reducionismos, complexo contra todas as simplificações. Assim o novo paradigma começa a fazer a sua história (BOFF, 1995, p. 30-32).

Faz-se necessário pontuar, portanto, que, de fato, há um movimento (não homogêneo e institucionalizado) por uma preocupação com, e um retorno a questões concernentes ao planeta e à preservação da vida (humana e não humana), como também uma maior conscientização no que tange ao aquecimento global, suas causas e consequências. Mesmo diante desse contexto alarmante, exposto por vários institutos de pesquisa renomados, como o *WorldWatch Institute*, que lança, desde 1984, relatórios sobre a condição ambiental terrestre, nasce forte um movimento conhecido como antiambientalista, que tenta negar e reduzir as pesquisas ambientais. Essa perspectiva defende, portanto, que a degradação dos recursos naturais e as mudanças climáticas sofridas na atmosfera do planeta não passam de um comportamento natural da Terra e não atrelam, de forma alguma, essas questões à exploração humana sem precedentes sobre o meio natural, à nova divisão do trabalho e à consolidação do capitalismo industrial e exploratório nas sociedades modernas ocidentais. Destarte, os ditos antiambientalistas vão na contramão de um pensamento baseado na justiça social, como proposto por Alier e Boff, declinando estatísticas relativas à situação de extrema pobreza que atinge o mundo todo, repudiando a ideia de que há, verdadeiramente, “pouquíssimos países com grande acumulação de bens e serviços à custa de 2/3 [de] marginalizados ou excluídos” (BOFF, 1995, p.106). Sob o olhar de Leonardo Boff, é possível afirmar que muito ainda deve ser feito para amenizar o grito da Terra e o grito dos pobres.

### 3.4 A MUTAÇÃO ANTROPOLÓGICA

*Eu não sei nem como nem quando  
alguma coisa de humano acabou*  
Pier Paolo Pasolini

Pier Paolo Pasolini, em seus escritos e reflexões sobre as mudanças ocorridas na Itália após a II Guerra Mundial, ilustra, principalmente em *Escritos Corsários* (1975) e *Cartas Luteranas* (1976), a ascensão do que o próprio pensador caracteriza como novo fascismo ou fascismo profundo. Diferentemente do primeiro, baseado numa aliança entre o Estado capitalista e a Igreja, e que tinha por finalidade manter incólumes a estrutura conservadora e cultural do povo e suas tradições, assim como ocorre no regime de Mussolini, o novo fascismo baseia-se em um outro acordo: da Empresa totalitária com o

Estado, perpetuando, dessa maneira, um totalitarismo ancorado nos pressupostos dos progressos tecnológico e industrial.

Destarte, é a partir de todos os milagres econômicos, fundamentados na democracia, que o novo fascismo se constitui, então, como a própria sociedade de consumo, que, na concepção de Pasolini, molda as maneiras de pensar, se vestir e ser, principalmente nutrindo um apelo maior aos jovens, aos quais Pasolini se referiu como infelizes, exatamente por estarem desgarrados da importância das culturas locais, substituídas, a partir da abertura da economia italiana ao capital estrangeiro, por padrões únicos e limitantes. Isto posto, após o aceite (não somente do Estado, mas igualmente da sociedade) de “la nueva forma del poder, el poder del consumismo, la ultima de las ruinas, la ruina de las ruinas<sup>42</sup>” (PASOLINI, 1997, p.12), é observado um movimento, advindo dessa nova cultura consumista, que tende a instaurar uma cultura das classes dominantes:

Porque hay - y esta es la cuestión - una idea conductora sincera o insinceramente comun a todos: la idea de que el peor de los males del mundo es la pobreza, y que por tanto la cultura de las clases pobres debe ser substituida por la cultura de las clases dominantes<sup>43</sup> (PASOLINI, 1997, p.16).

As profundas mudanças ocorridas, portanto, no novo fascismo, disfarçado de tolerante e democrático, causam à Itália (mas não somente a ela), o que Pasolini denominou *mutação antropológica*. Em comparação ao fascismo regido pelas instituições estatais e religiosas, o fascismo novo é responsável, então, por estabelecer essa transformação drástica e profunda no que se relaciona à composição social e às instituições pelas quais as sociedades modernamente tardias e industriais:

Este salto «cualitativo» se refiere por lo tanto, por igual a los fascistas como a los antifascistas: se trata en efecto del pasaje de una cultura, hecha de analfabetismo (el pueblo) y de humanismo andrajoso (las capas medias) de una organización cultural arcaica, a la organización moderna de la «cultura de masas». La cosa, en realidad, es enorme: es un fenómeno, insisto, de «mutación» antropológica. Sobre todo quizás porque lo que ha mutado son los caracteres necesarios del Poder. La «cultura de masas», por ejemplo, no puede ser una cultura eclesiástica, moralista y patriótica: ella está, en efecto, directamente ligada al consumo que tiene sus leyes internas y una autosuficiencia ideológica,

<sup>42</sup> “a nova forma do poder, o poder do consumismo, a última das ruínas, a ruína das ruínas”. Tradução livre da autora.

<sup>43</sup> “Porque há - esta é a questão - uma ideia condutora sincera ou insinceramente comum a todos: a ideia de que o pior dos males do mundo é a pobreza, e que, portanto, a cultura dos pobres deve ser substituída pela cultura das classes dominantes”. Tradução livre da autora.

capaz de crear automáticamente un Poder, que no necesita más de la Iglesia, Patria, Familia y otras supersticiones afines<sup>44</sup> (PASOLINI, 1978, p.19).

Os pressupostos apresentados por Pasolini no que diz respeito à mutação antropológica exercem uma contribuição proveitosa para a leitura de *Marcovaldo ou as estações na cidade*; afinal, a obra reflete o novo contexto social arquitetado na Itália de Marcovaldo: a partir dessa instauração do que Pasolini vem a chamar de modelo único, a personagem das narrativas estéticas não somente apercebe-se das mudanças advindas da cultura consumista e excludente, evidentes em sua experiência diária, como também é arrebatado por ela, no sentido em que vê a sua condição econômica e social ainda mais demarcada e distanciada desse modelo único de consumo, como em *Marcovaldo no Supermercado*, por exemplo.

São igualmente relevantes as concepções de Pier Paolo Pasolini adotadas nesse estudo porque, além de ser considerado um dos maiores intelectuais de sua época na Itália, tanto nos escritos como no cinema, Pasolini nutria, junto a Italo Calvino, uma relação conflituosa (de ideias) no que tange à observação das estruturas sociais instauradas no país. Em cartas abertas, os dois intelectuais discutiam suas posições, principalmente ao que se referia ao fascismo e seu novo semblante. Mesmo assumindo opiniões por vezes desacordadas, faz-se importantíssimo aproximá-los, pois tanto Calvino quanto Pasolini experienciaram todo esse desenrolar social pós-guerra e, de fato, suas contribuições (estéticas e jornalísticas) são, hodiernamente, documentos históricos que permitem a compreensão dessa efervescência advinda da sociedade de consumo. Em carta aberta a Calvino<sup>45</sup>, Pasolini exemplifica:

Es a este nivel de comunicaci3n lingüística que se manifiestan: a) la mutaci3n antropol3gica de los italianos; b) su completa homologaci3n con un 3nico modelo.

---

<sup>44</sup> “Este salto ‘qualitativo’ refere-se, portanto, tanto aos fascistas quanto aos antifascistas: é de fato a passagem de uma cultura, composta de analfabetismo (o povo) e do humanismo irregular (os estratos médios) de uma organização cultural, à organização moderna da “cultura de massa”. O fato, na realidade, é enorme: é um fenômeno, insisto, da “mutação” antropológica. Acima de tudo, talvez porque o que mudou são os personagens necessários do Poder. A “cultura de massa”, por exemplo, não pode ser uma cultura eclesíastica, moralista e patriótica: está, de fato, diretamente ligada ao consumo que tem suas leis internas e uma auto-suficiência ideológica, capaz de criar automaticamente um Poder que não precisa de mais da Igreja, Pátria, Família e outras superstições relacionadas”. Tradução livre da autora.

<sup>45</sup> Em 1974, Calvino, em resposta às teses publicadas por Pasolini no *Messaggero*, escreveu: “Os jovens fascistas de hoje não conheço, nem espero ter ocasião de conhecê-los”. Pasolini, porém, rebate essa questão alegando que, devido ao novo fascismo, os jovens ditos fascistas seriam impossíveis de serem reconhecidos, pois todos se trajam e se expressam da mesma maneira.

Por lo tanto: decidir dejarse crecer los cabellos sobre la espalda, o cortarse los cabellos y dejarse crecer las patillas (en una evocación predecimonónica); decidir colocarse una venda en la cabeza o encasquetarse un sombrero hasta los ojos; decidir si se sueña con un Ferrari o un Porsche; seguir atentamente los programas televisivos; conocer los títulos de algunos bestsellers; vestirse con pantalones y mallas prepotentemente a la última moda; tener relaciones obsesivas con muchachas mantenidas al lado como un adorno, pero al mismo tiempo, con la pretensión de que sean «libres», etc., etc., etc.: todo esto constituye actos culturales.

Ahora todos los italianos jóvenes cumplen estos actos idénticos, tienen este mismo lenguaje físico, son intercambiables; cosa vieja como el mundo, si es limitada a una clase social, a una categoría: pero el hecho es que todos estos actos culturales y este lenguaje somático son interclasistas. En una plaza llena de jóvenes, nadie podrá distinguir, por su cuerpo, un obrero de un estudiante, un fascista de un anti-fascista; cosa que todavía era posible en 1968<sup>46</sup> (PASOLINI, 1978, p.22 ).

---

<sup>46</sup> “É neste nível de comunicação linguística que se manifesta: a) a mutação antropológica dos italianos; b) homologação completa com um único modelo.

Portanto: decidir deixar o cabelo crescer na parte de trás, ou cortar o cabelo e cultivar as costeletas (em uma evocação premonitória); decidindo colocar uma cabeça ou colocar uma gola nos olhos; decidir se você sonha com uma Ferrari ou uma Porsche; monitorar os programas de televisão de perto; conhecer os títulos de alguns best-sellers; vestir com calças e calças prepotentemente na última moda; ter relações obsessivas com meninas mantidas ao lado como um ornamento, mas ao mesmo tempo, com a pretensão de serem "livres", etc., etc., etc.: tudo isso constitui atos culturais. Agora, todos os jovens italianos executam esses atos idênticos, têm essa mesma linguagem física, são intercambiáveis; coisa velha como o mundo, se é limitada a uma classe social, a uma categoria: mas o fato é que todos esses atos culturais e essa linguagem somática são interclassistas. Em uma praça cheia de jovens, ninguém pode distinguir, por seu corpo, um trabalhador de um estudante, um fascista de um antifascista; que ainda era possível em 1968”. Tradução livre da autora.

Figura 1<sup>47</sup>

### 3.5 MODERNIDADE

É fato que “a experiência da modernidade é essencialmente urbana” (GRUNER, SEREZA, 2008, p. 149), e que a literatura foi (e é) elemento fundamental na tentativa de escritores e leitores diversos darem significado aos novos contextos sociais, cheios de possibilidades, advindos da expansão das cidades e da fugacidade de eventos cotidianos acarretada pelo crescimento desenfreado e labiríntico das metrópoles. A partir da perspectiva da personagem Marcovaldo, é possível explorar os diferentes sentimentos vividos por esse homem – o moderno -, principalmente o de desamparo frente a uma cidade de vastas distâncias.

A era moderna iniciada no século XVI está demasiadamente distante dos “processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser” (BERMAN, 1996, p.16). À vista disso, na primeira fase da modernidade, que, segundo Marshall Berman, vai do século XVI até o fim do século XVIII, os sujeitos estão iniciando o despertar para esse novo contexto, nutrido por diferentes motivações:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização

<sup>47</sup> Pier Paolo Pasolini e Italo Calvino. Roma, 1960. Disponível em: <https://ilsognodiunacosa.wordpress.com/2011/01/12/lettera-aperta-a-italo-calvino-p-quello-che-rimpiango-limitatezza-della-storia-e-immensita-del-mondo-contadino-8-luglio-1974/>



da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu hábitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão (BERMAN, 1996 [1982], p. 15).

É a partir da segunda fase, mais especialmente no século XIX, que a modernidade e o processo de modernização intensificam-se e transformam as conjunturas espaciais, plenamente urbanas. Essa frenética expansão, alimentada por diversas fontes (como a científica, a industrial, a tecnológica), deu-se em diferentes países da Europa e nos Estados Unidos, “principalmente a partir dos anos 1840, crescimento que resulta, principalmente, do impulso capitalista e industrial que reordena parte do Velho Mundo, tanto geográfica quanto demograficamente” (GRUNER, SEREZA, 2008, p. 150), induzindo a constantes ressignificações que “(...) desempenharam um papel centrípeto no que tange à vida econômica de boa parte das sociedades europeias oitocentistas (...) há o impacto da vida cultural e a emergência (...) do viver na cidade” (GRUNER, SEREZA, 2008, p. 150).

Já no século XX, na terceira fase da modernidade, com a expansão do processo de globalização, esse atrativo cenário começa – a partir de dialéticas quase impostas – a entretecer os próprios dramas humanos. Com o surgimento dos sujeitos descentralizados (HALL, 2015), “seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal” (BERMAN, 1996, p. 27), de identidades fragmentadas, instáveis, desunificadas, a *mudança antropológica*, tratada no tópico anterior, passa a ser uma realidade entre os indivíduos e é provocada, essencialmente, pelas transformações decorrentes do mundo social moderno.

É nesse contexto da terceira fase da modernidade que a obra *Marcovaldo ou as estações na cidade* insere-se e arquiteta o seu protagonista, que, como já mencionado, encontra-se insatisfeito perante a intempestiva necessidade de adaptar-se a uma urbe celeremente transformada e, inesperadamente (pelo menos aos olhos de Marcovaldo),

direcionada aos interesses do capitalismo industrial. A sensação de não pertencimento a essa nova realidade é demonstrada pelo desconforto do protagonista, assim como pelo desfecho de todas as vinte pequenas narrativas: Marcovaldo sempre se vê interceptado por essa realidade atordoante que ele tanto tenta rejeitar, em meio a uma família com a qual apresenta pouca afinidade. Uma realidade de classe violenta e hostil, que não contempla “pradarias, montanhas rochosas, florestas equatoriais, ilhas onde se vive coroadado de flores” (CALVINO, 2015 [1963], p.71):

O drama da modernidade constitui-se precisamente no choque que interrompe o fluxo da experiência tradicional, na destruição sistemática desses espaços-tempos insulados, no esquecimento produzido pelo desencontro de linguagens, na lógica desestruturante das identidades comunitárias, na violência como apanágio legal do Estado (HARDMAN, 1992, p. 68).

É a partir das discussões, não somente sobre modernidade, mas também em relação aos desdobramentos atrelados a ela, que os pressupostos de Berman, como já expostos, serão de importância para a compreensão do contexto da segunda metade do século XX, ainda na chamada terceira fase da modernidade; aliás, não somente os conceitos de Marshall Berman, como também os do próprio precursor do sentir a modernidade, Charles Baudelaire.

Em *Sobre a Modernidade* (1996 [1869]), Baudelaire traça um panorama face às transformações mais do que visíveis surgidas em diferentes contextos - do artista ao automóvel - durante o século XIX. Ao tomar a arte como ponto de partida de suas manifestações sobre a modernidade, o francês sugere o que foi retomado por Marshall Berman: “poetas se tornarão mais profunda e autenticamente poéticos quanto mais se tornarem homens comuns” (BERMAN, 1986, p. 155). Assim, Baudelaire utiliza-se de um pintor anônimo, somente referido como G<sup>48</sup>, desconhecido aos olhos burgueses dos grandes salões e galerias da época.

Quando finalmente o conheci, logo vi que não se tratava precisamente de um artista, mas antes de um homem do mundo. Entenda-se aqui, por favor, a palavra artista num sentido muito restrito, e a expressão homem do mundo num sentido muito amplo. Homem do mundo, isto é, homem do mundo inteiro, homem que compreende o mundo e as razões misteriosas e legítimas de todos os seus costumes; artista, isto é,

---

<sup>48</sup> Na obra *Sobre a Modernidade*, Baudelaire evoca a figura de um artista desconhecido, a quem ele se refere somente por C. G. ou G. É sabido que o artista em questão é Constantin Guys, desenhista, aquarelista, gravador e também correspondente de guerra.

especialista, homem subordinado à sua palheta como o servo à gleba (BAUDELAIRE, 1996 [1869], p.15).

Esse artista, homem do mundo, dotado de uma visão curiosa e infantil, que vagou parte do globo fazendo relatos das misérias da guerra (como a da Crimeia) e de impérios orientais, “Admira a eterna beleza e a espantosa harmonia da vida nas capitais, harmonia tão providencialmente mantida no tumulto da liberdade humana. Contempla as paisagens da cidade grande, paisagens de pedra acariciadas pela bruma ou fustigadas pelos sopros do sol” (BAUDELAIRE, 1996 [1869], p. 21) e faz da multidão seu universo,

seu reservatório de eletricidade (...) como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados (BAUDELAIRE, 1996 [1869], p. 19-20).

Ainda, segundo o autor, o “mundo tem se corrigido um pouco” (BAUDELAIRE, 1996 [1869], p. 7) ao afirmar que “nem tudo está em Rafael nem em Racine, que os *poetae minores* possuem algo de bom, de sólido e de delicioso” (BAUDELAIRE, 1996 [1869], p. 7). Ao manifestar o pressuposto de que o mundo contempla os chamados homens comuns e homens do mundo, Baudelaire assume o contar da narrativa moderna, e descreve com bastante interesse a mudança no que tange aos trajes e ao florescer da moda. Isso ocorre com o crescimento da indústria têxtil, que atendeu às novas necessidades do sistema e afirmou Paris “como a capital do luxo e da moda” (BENJAMIN, 2000, p.44), levando à criação das chamadas passagens:

Estas passagens, uma recente invenção de luxo industrial, são galerias cobertas de vidro e com paredes revestidas de mármore, que atravessam quarteirões inteiros, cujos proprietários se uniram para esse tipo de especulação (BENJAMIN, 2000, p. 40).

Na progressão de suas ideias, o autor francês faz referência a outros costumes, como a maquilagem e o comportamento das mulheres, e tece mais alguns comentários sobre a moda, a indumentária e as vestes da época, sempre se aproximando da leitura das pinturas de G, que “buscou por toda a parte a beleza passageira e fugaz da vida presente, o caráter daquilo que o leitor nos permitiu chamar de Modernidade (...) ele soube

concentrar em seus desenhos o sabor amargo ou capitoso do vinho da vida” (BAUDELAIRE, 1996 [1869], p. 69).

### 3.6 INQUIETAÇÃO AMBIENTAL: UMA RETOMADA HISTÓRICA

De acordo com Piga e Mansano (2015, p. 177), “a segunda metade do século XX começou a dar os primeiros passos globais na direção de uma preocupação ecológica compartilhada, configurando-se como rica fonte de investigação”: as sociedades ocidentais capitalistas modernas, ancoradas na ideia de progresso técnico-científico, ignoraram, até meados dos anos 1960, a situação de devastação e desequilíbrio naturais causados pela exploração desenfreada de matéria-prima advinda da natureza para a produção em série de bens de consumo. Apesar da inquietação ambiental ter surgido ainda ao final do século XIX, essa temática tomou proporções globais somente a partir do desencadeamento, em todo o mundo, de diversas ocorrências catastróficas envolvendo terremotos, inundações, ciclones, secas arrasadoras e até mesmo a propagação de doenças causadas por um desequilíbrio nas relações entre homem e natureza. É sabido que, da década de 60 até aqui, muito se foi pensado, discutido e posto em xeque no que diz respeito à questão ambiental. Porém, o intuito da presente seção é datar e exemplificar cinco dos grandes marcos do movimento ambiental dos séculos XX e XXI e, a partir desse detalhamento, sinalizar as articulações hodiernas (e, em sua maioria, não institucionalizadas) que sugerem pequenas — e possíveis — mudanças de comportamento e hábitos no próprio cotidiano.

Tomando como base os estudos de Piga e Mansano (2015) acerca da história crítica da sustentabilidade, seleciona-se, então, cinco Conferências Internacionais de grande repercussão relativamente aos assuntos ambientais e sustentáveis. São: O Clube de Roma, A Conferência de Estocolmo, Rio 92, Rio+10 e Rio+20. Faz-se necessário pontuar a importância dessas retomadas históricas, já que a sustentabilidade, como área, assume, atualmente, uma dimensão interdisciplinar:

In the approach adopted here, sustainability is a social and scientific paradigm through which the perspective of human development is perceived beyond economic growth. (...) It is not conceived as an instrumental basis that shaped the global society and wrongly transformed the global production chain to meet objectives which

were/are primarily economic and short-termist<sup>49</sup> (FERNANDES, RAUEN, 2016, p. 190).

Esse movimento interdisciplinar já pode ser percebido n'O Clube de Roma, ocorrido em 1968 em Roma, na Itália. Esse Clube, composto por trinta pesquisadores de diversos países e áreas do conhecimento (como Sociologia, Economia e Geografia), tinha por objetivo “analisar a situação ambiental presente e futura da humanidade” (PIGA, MANSANO, 2015, 179). Assumindo como importante a interação dos aspectos econômicos, sociais, políticos e naturais, o pensar ambiental e sustentável, a partir daí, passou a ser tratado de forma interdisciplinar. Os encontros do Clube de Roma resultaram em um relatório denominado *Limites para o Crescimento*, publicado quatro anos após o início das atividades, em 1972. O relatório descortinava preocupações concernentes à continuidade do crescimento populacional e econômico, assim como “a escassez de recursos naturais e a degradação ambiental foram apontadas como fatores que limitavam em termos absolutos, esse crescimento” (PIGA, MANSANO, 2015, p.179-180). Apesar de O Clube de Roma ser frequentado por profissionais e estudiosos de áreas que, de certa forma, eram favorecidas pela lógica do sistema, o capitalismo já fora apontado como causa desses fatores discutidos em *Limites para o Crescimento*.

Ainda em 1972, ocorreu a Conferência de Estocolmo, muitíssimo relevante na discussão das questões ambientais em todo o mundo: não apenas

Estocolmo ajudou a fortalecer os grupos ambientalistas e ampliar o seu papel político, como também a promover o desenvolvimento de políticas ambientais nacionais para posteriormente serem disseminadas e implementadas em níveis que atendessem à hierarquia governamental de cada nação (PIGA, MANSANO, 2015, p. 180).

Com o intuito de movimentar ações contra o subdesenvolvimento dos países do Sul, foram discutidas questões referentes ao desenvolvimento técnico e financeiro nessas áreas de Terceiro Mundo, além de incentivar e orientar a criação de políticas públicas nos países participantes<sup>50</sup>. Após a Conferência, com duração de catorze dias, “foram criados

---

<sup>49</sup> “Na abordagem adotada aqui, a sustentabilidade é um paradigma social e científico através do qual a perspectiva do desenvolvimento humano é percebida além do crescimento econômico (...) Não é concebida como uma base instrumental que moldou a sociedade global e transformou indevidamente a cadeia de produção global para atingir os objetivos que foram/são principalmente econômicos e de curto prazo”. Tradução livre da autora.

<sup>50</sup> Segundo Piga e Mansano (2015), o Brasil não dispunha, até a década de 1970, de políticas ambientais; o que existia, portanto, eram somente interferências públicas nas áreas de saúde e habitação. Esse quadro mudou, em 1973, com a criação da Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA) e, mais adiante, em 1989, com a criação do Instituto Brasileiro de

o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e o Programa Observação da Terra, *Earthwatch*, para monitorar as diversas formas de poluição” (PIGA, MANSANO, 2015, p. 181).

Em 1992, a Rio-92 ou ECO-92 ocorreu na cidade do Rio de Janeiro e contou com a participação de representantes de 178 países, além da presença massiva de ONGs, sociedade civil internacional e chefes de estado - a maior conferência já realizada pela ONU (Organização das Nações Unidas). Com o objetivo inicial de promoção do desenvolvimento sustentável, “o principal resultado dessa conferência foi a aprovação de um plano de ação, a denominada ‘Agenda 21’, composta de quatro seções e 40 capítulos, que define objetivos e metas a serem alcançados” (PIGA, MANSANO, 2015, p.182) no que tange à emissão de dióxido de carbono. Além da *Agenda 21*, outros dois documentos de relevo foram elaborados ou propostos, como a *Declaração sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*<sup>51</sup> e a *Carta da Terra*<sup>52</sup>, tendo a sua criação sido aprovada somente em 1997, quando criou-se uma comissão para a sua elaboração.

Em 2000, oito anos após a ECO-92, “189 nações firmaram um compromisso para combater a extrema pobreza e outros problemas da sociedade” (PIGA, MANSANO, 2015, p.183) com a idealização dos *Oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*, com o intuito de serem alcançados, a partir daquela data, em 2015. Os oito objetivos, ainda segundo Piga e Mansano (2015, p. 183), eram:

erradicar a extrema pobreza e a fome, atingir o ensino básico universal, promover a igualdade de gênero e autonomia das mulheres, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna, combater o HIV/AIDS, a Malária e outras doenças, garantir a sustentabilidade ambiental e estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento.

---

Desenvolvimento Florestal (IBDF) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

<sup>51</sup> *A Declaração sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento* é um documento que conta com 27 princípios que levam em consideração a integridade do sistema global no que diz respeito às questões ambientais.

<sup>52</sup> *A Carta da Terra* é uma declaração de princípios éticos, baseada nas noções de justiça social, de sustentabilidade e de paz. Um de seus idealizadores é o teólogo Leonardo Boff, um dos autores de destaque no embasamento teórico desta pesquisa.

Figura 2<sup>53</sup>

Em 2002, a Rio+10 ocorreu em Johannesburgo, na África do Sul, e contou com a participação de aproximadamente 100 mil pessoas. O evento teve como objetivo discutir os acordos e convênios elaborados na Rio-92, “particularmente da Agenda 21 e, se fosse possível, o delineamento dos próximos passos para a implementação plena desses documentos” (PIGA, MANSANO, 2015, p. 184). A ampliação da discussão ambiental também se deu, pois, pela primeira vez, leva-se em consideração as problemáticas acarretadas pela questão da globalização e a má distribuição de renda ao redor do planeta. Além de sugerirem o consumo e a produção sustentáveis e o incentivo por mercados alternativos, outras realidades igualmente problemáticas foram discutidas na conferência, como

a fome crônica, desnutrição, ocupação estrangeira, conflitos armados, narcotráfico, crime organizado, corrupção, desastres naturais, tráfico ilícito de armas, tráfico de pessoas, terrorismo, xenofobia, doenças crônicas transmissíveis (AIDS, malária, tuberculose e outras), intolerância e incitação a ódios raciais, étnicos e religiosos (PIGA, MANSANO, 2015, p. 184).

A partir das propostas vinculadas ao discurso de justiça e inclusão social, proteção da biodiversidade e encorajamento de um mercado baseado nas baixas emissões de carbono, a Rio+20 reforçou acordos já estabelecidos anteriormente, doze anos após a Rio+10. Tendo ocorrido no Rio de Janeiro, assim como a Eco-92, o evento contou com a presença de 190 nações para reiterar seus compromissos com o desenvolvimento sustentável. Apesar do discurso, várias questões podem ser levantadas em torno da dita

<sup>53</sup> Oito objetivos de desenvolvimento do milênio. Disponível em: <http://www.odmbrasil.gov.br/os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>

“economia verde”. Na pesquisa de Piga e Mansano (2015), tanto as vozes de Gallo et al. (2012) quanto de Löwy (2012) são trazidas à discussão e as ideias de “esverdeamento do capitalismo” e “reformismo verde”, aos olhos dos autores, estão a dispor do capitalismo e seus enjambres, e, infelizmente, muitas das políticas adotadas por grandes corporações no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável fazem parte apenas de um disfarce para ações, de fato, parcialmente corretas no aspecto ecológico: “Com isso, o discurso da economia verde oculta o fato de que sempre que o capital busca possibilidades de expansão ilimitada, que mantém o sistema em funcionamento, ele exerce poderes de tipo econômico e social” (PIGA, MANSANO, 2015, p.187-188).

É a partir das considerações acerca do capitalismo e seu potencial de exploração ilimitado que alguns movimentos têm se organizado ao redor do mundo para, a partir das mudanças de hábitos e perspectivas, especialmente as tocantes aos rituais massificantes do trabalho e da vida urbana, ressignificar as relações de mulheres e homens com a alimentação, o sexo, o ritmo diário, a ética animal e o consumo desenfreado. A intenção, na próxima seção, é pontuar apenas brevemente os objetivos principais de cada movimento, tendência ou alternativa – já que não é esse o foco primordial da presente pesquisa; no entanto, por apresentar-se como um trabalho interdisciplinar, crê-se que são questões hodiernas que despertam não só interesse, como também a urgência de repensar a realidade costumeira.

### 3.6. 1. *Responsabilidade ambiental e as articulações atuais: um retorno possível?*

*A velocidade nos ajuda a ignorar o  
horror e a esterilidade do mundo moderno*  
Carl Honoré

Inspirado na máxima de Gandhi “A vida não se limita a ir cada vez mais depressa”, o movimento Devagar tem ganhado adeptos ao redor do mundo: mulheres e homens que simplesmente estão saturados de seguir o ritmo urbano imposto pelos moldes capitalistas, sob a supervisão de *chrónos*. É uma tendência cada vez maior de que os indivíduos percam a sua autonomia ao tentarem controlar suas próprias vidas, rotinas e agenda, estando inseridos numa lógica frenética que visa à produção (material e intelectual) intensa. É na contramão desse fato que o *Devagar* funciona: para Carl Honoré, jornalista que se dedicou a pesquisar mais sobre o movimento, não se trata de ser retardatário, andar menos depressa ou romper definitivamente com o sistema, a cidade e o trabalho. Ser Devagar é, naturalmente, controlar os ritmos da própria existência; é



compreender que viver somente em função de cumprir prazos, ganhar dinheiro, dormir pouco, relacionar-se sexualmente de forma moderada, praticar menos atividade física e comer mal (e rápido) são condições extremamente degradantes não somente para o corpo, mas também no que tange à saúde mental e ao bem-estar das relações em todos os níveis (sejam elas amorosas, parentais, fraternas ou ocupacionais). Portanto, ser Devagar é, sobretudo, redefinir maneiras de ser, de estar e se portar no mundo social. Para Honoré,

Depressa é agitado, controlador, agressivo, apressado, analítico, estressado, superficial, impaciente, ativo, quantidade-mais-que-qualidade. Devagar é o oposto: calmo, cuidadoso, receptivo, tranquilo, intuitivo, sereno, paciente, reflexivo, qualidade-mais-que-quantidade. *É uma questão de estabelecer ligações reais e significativas— com pessoas, com a cultura, o trabalho, a comida, tudo* (HONORÉ, 2007, p. 26 — grifo nosso).

Nessa perspectiva, o *Slow Food* tem assumido grande relevância, principalmente se forem levadas em consideração todas as modificações antinaturais às quais os alimentos são expostos: de fertilizantes a hormônios de crescimento<sup>54</sup>, torna-se praticamente impossível, em meio à organização da economia de mercado vigente, identificar a procedência dos alimentos consumidos diariamente, seja em restaurantes ou grandes redes de supermercados. Idealizado por Carlos Petrini no final da década de 1980, o *Slow Food* é um movimento que propõe não somente a instauração do ritmo devagar no ritual de se alimentar como, igualmente, a melhoria da qualidade das refeições e o incentivo a uma produção que valorize não somente o produtor, mas também o meio ambiente; por último, a promoção do consumo de alimentos respeitando a sua sazonalidade.

Nesse sentido, pequenas alternativas locais ganham força e se sobressaem ao propor o consumo e a produção de alimentos em âmbito local. Além de encorajar o comércio entre as comunidades, as novas possibilidades - como as fazendas urbanas e as hortas comunitárias - estimulam a sociabilidade entre os habitantes dessas regiões. Em Detroit, estima-se que haja cerca de 1.600 fazendas urbanas, que abastecem boa parte da população local; dessa forma, economiza-se a energia que seria envolvida no transporte para a distribuição desses alimentos a longas distâncias. A *Incredible Edible*, uma

---

<sup>54</sup> “Dois séculos atrás, um porco levava em média cinco anos para pesar 60 quilos; hoje, chega a mais de 100 quilos passados apenas seis meses, e é abatido antes mesmo de perder a dentição de leite. O salmão norte-americano é geneticamente modificado para crescer de quatro a seis vezes mais rápido que a média” (HONORÉ, 2007, p.71).

iniciativa que começou de forma despretensiosa na cidade de Todmorden, no Reino Unido, mobiliza atualmente grande parte da população local para manter espaços destinados ao cultivo de alimentos, que pertencem, portanto, a toda comunidade; além disso, também promove festivais de culinária. É interessante notar que, em pequenas cidades na Europa, esse tipo de empreendimento tem gerado frutos muito promissores: ao incentivar a agroecologia, que, diferentemente da monocultura, não danifica o solo e não necessita de grandes espaços para produzir toneladas de alimentos, dá-se aos cidadãos a oportunidade de perceber não somente a procedência e a qualidade dos alimentos ali cultivados, como também a oportunidade de estreitar laços com vizinhos e habitantes locais durante o trabalho, colheita e manutenção do espaço, feitos de forma coletiva. No Brasil, o *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra* (MTST), que vai na contramão da soberania do agronegócio — que movimenta bilhões, em todo o mundo, e demanda números inestimáveis no que tange à energia e à apropriação de terras —, entende a agroecologia como modelo de produção ideal de alimentos. Além da produção de alimentos agroecológicos e da participação em feiras orgânicas e em eventos como a Jornada Agroecológica, que ocorre anualmente em algumas regiões do país, o MTST é um movimento de ativismo social, político e de resistência frente às imposições advindas tanto do agronegócio quanto da lógica da propriedade privada.

De maneira a repensar os modos de produção de alimentos vigentes, outro movimento que tem refletido sobre a importância de diminuir o consumo de determinadas comidas é o da *Plant-based diet* (Dieta à base de plantas). Nada parecido com as dietas da moda, esse movimento, que pode (ou não) estar atrelado à questão do direito animal<sup>55</sup>, compreende que, para além do colapso ambiental atual ser, em boa parte, proveniente da indústria da carne, a quebra de paradigmas alimentares pode trazer melhorias à saúde humana e servir, mesmo, para amenizar e prevenir doenças e condições clínicas das quais a medicina alopática não dá conta.

No que tange à redução do consumo, outros movimentos e alternativas, principalmente no âmbito virtual, têm promovido mudanças em outras práticas, principalmente as diárias. Os *minimalistas*<sup>56</sup> adotam um estilo de vida baseado no desapego

---

<sup>55</sup> O *Veganismo* é um movimento que, por razões éticas, se coloca contra a exploração animal em qualquer nível: tanto para produção de carne, quanto na produção de lácteos e ovos, como também na questão de transporte, tração animal e confecção de roupas, sapatos, acessórios e outros produtos.

<sup>56</sup> O movimento minimalista aqui referido não tem qualquer tipo de relação com os movimentos de expressão artística ocorridos durante todo o século XX.

material. A ideia é habitar espaços cada vez menores e mais funcionais, sem muitos móveis, eletrodomésticos, peças de roupa, acessórios eletrônicos ou qualquer outra espécie de facilitador da vida moderna. A perspectiva, disseminada nas redes com bastante entusiasmo por Joshua Fields Millburn e Ryan Nicodemus, de Montana, nos Estados Unidos, é baseada em estar focado em questões relevantes, como as relações com a família e amigos, dispor de tempo para explorar pequenos prazeres e compreender que o verdadeiro valor da existência não pode estar empregado em bens materiais. Mesmo diante desse novo estilo de vida, os minimalistas não pregam o rompimento total com o consumo (até porque essa ideia parece, hoje, impossível de se concretizar): o cerne da reflexão reside na tentativa constante de repensar as falsas necessidades que são perpetuadas e os vínculos profundos de consumo que são estreitados a partir desse modelo social e econômico. Em resumo, a essência do minimalismo pode ser resumida no *menos é mais*: mais tempo, mais espaço, mais autonomia, mais autoconhecimento, mais desapego, mais presença das coisas que realmente significam.

Seguindo essa mesma percepção, Susie Faux, ainda nos anos 1970, idealizou o *Capsule Wardrobe*<sup>57</sup>, que consiste em selecionar itens de vestuário que não saem de moda e, por isso, podem ser utilizados atemporalmente. A ideia foi popularmente difundida, na segunda metade dos anos 1980 por Donna Karan, designer norte-americana. Hodiernamente, o movimento conta com várias possibilidades: há pessoas que repensam o uso de suas roupas e diminuem drasticamente seus guarda-roupas, utilizando combinações de cinquenta itens (contando com acessórios e sapatos), trinta ou, até mesmo, vinte. A partir da seleção, portanto, de peças-chave ou clássicas, mulheres e homens podem obter mais liberdade no momento de se vestir (já que, com o número minimizado de peças, o processo é mais dinâmico e rápido), além de estimular a compra de itens e acessórios realmente essenciais e que atendam às necessidades dos indivíduos.

Ainda pensando nos movimentos de redução de consumo, o *Trash is for Tossers*<sup>58</sup>, da nova-iorquina Laura Singer, sugere o que, à primeira vista, soa praticamente impossível: a não produção de lixo. Em seu *blog* e em seu perfil de *Instagram*, Laura divide várias dicas com seus seguidores, ensina-os a produzir seu próprio xampu, desodorante, maquiagens e as possibilidades de efetuar compras em feiras e em lojas de produtos a granel. Para o armazenamento dos alimentos, Singer fabrica, manualmente,

---

<sup>57</sup> Em tradução livre, “o guarda-roupa capsular”.

<sup>58</sup> “Lixo é para estúpidos”. Tradução livre da autora.

pequenas embalagens feitas à base de pano, ou sugere recipientes de vidro para a estocagem, além de técnicas de compostagem do lixo orgânico. No Brasil, Cristal Muniz lançou o projeto *Um ano sem lixo*, que, assim como o de Singer, disponibiliza opções e passo-a-passos de como reduzir drasticamente a geração de lixo. Cristal também testa diferentes receitas caseiras de cosméticos, compartilha os resultados e divide a experiência de viver uma rotina pensada para a produção reduzida de lixo. É possível assinar a *newsletter* do blog e receber, semanalmente, orientações para alternativas de hábitos.

Faz-se necessário frisar que há, sem dúvidas, outros movimentos, tendências e opções no que tange à ressignificação de processos enraizados até aqui. Como já referido anteriormente, o mote desta pesquisa é estimular o pensamento crítico para as questões ambientais hodiernas, e acredita-se que, de fato, a exposição dessas alternativas é bastante cabível. Não obstante, voltemos ao objeto que guia esse estudo: a Estética Literária.

#### 4 NATUREZA IDEALIZADA

*Tenho em mim um atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.*  
Manoel de Barros

Nas dinâmicas narrativas concernentes à obra em questão, é possível identificar três padrões de percepção da natureza e seus fenômenos para a protagonista das aventuras, Marcovaldo. Além de uma visão idealizada e escapista do mundo natural, sobre a qual esse capítulo debruçar-se-á, o anti-herói proletário igualmente experiencia uma perspectiva de retorno impossível a um contexto permeado pela natureza e seus acontecimentos, dada a verticalização constante da cidade e sua organização, distribuição e funcionamento, calcada no concreto e no cinza. Ademais, a partir dessas transformações desenroladas na urbe, Marcovaldo desperta para algumas reflexões e compreende, de forma sutil e pacata (e não engajada ou insurgente), as profundas modificações individuais e culturais procedentes das alterações visuais e organizacionais do espaço citadino, e que inauguram, numa sociedade tardiamente capitalista, as novas amarras do mundo moderno: gradativamente, as necessidades fundamentais são substituídas pela premência do consumo exacerbado.

Em *Férias num banco de praça* (segundo conto da obra, correspondente ao verão), *A cidade perdida na neve* (quarta narrativa - inverno), *Ar puro* (nono conto - primavera), *Uma viagem com as vacas* (décima narrativa da obra - verão), *O ponto errado* (décimo segundo conto - inverno) e *A cidade toda para ele* (décima oitava narrativa - verão)<sup>59</sup>, Marcovaldo estabelece um olhar idílico em relação à natureza, exatamente por, estando na cidade, considerar o meio natural como possibilidade de redenção e trégua de sua exígua condição na urbe; instaura-se uma tentativa de viver o espaço urbano por um viés menos individualizado e individualista, como forma de refúgio e sobrevivência emocional.

Apesar de sentir-se esperançoso diante das promessas de uma vida melhor, afastado da cidade (ou tendo o espaço da urbe drasticamente modificado por fenômenos naturais ou culturais, como é possível compreender em *A cidade perdida na neve* e *A cidade toda para ele*), Marcovaldo é incessantemente desencorajado pelo desfecho de

---

<sup>59</sup> Os contos aqui estão enumerados de acordo com sua ordem de aparição na obra. No entanto, a análise não segue a ordem mencionada.

suas aventuras e tentativas (quase ingênuas) de sobreviver em meio à miséria de sua condição econômica e de sua grande família. Assumindo, portanto, essa característica bufo-melancólica, a personagem tem essa visão idílica da natureza frequentemente desalentada, seja por questões relativas às próprias dinâmicas naturais, seja por impossibilidades decorrentes do contexto urbano.

Em *O ponto errado* (OPE), Marcovaldo, para evitar voltar a sua “casa inóspita” (CALVINO, 2015 [1963]), se refugia no cinema, tão grande é a paixão que nutre pelos filmes coloridos na tela grande. Para regressar, à noite, após ter assistido duplamente ao mesmo filme, o trabalhador se dirige, como sempre, ao bonde de número 30. Em uma noite invernal de deleite no cinema, eis que Marcovaldo depara-se com uma cena atípica ao sair à rua: todo o ambiente estava tomado por uma neblina densa, que não lhe permitia ver “nem um palmo adiante do nariz” (CALVINO, 2015 [1963], p. 71). Feliz, num primeiro momento, porque considera que as visões do filme a que assistiu podem tomar conta do ambiente indefinido (devido à espessura da neblina), o trabalhador adentra um bonde que considera ser o que o levará para casa. Distraído, sonhando com os possíveis mundos matizados pela tela do cinema, Marcovaldo perde a conta das paradas do bonde e desembarca em um local que sequer pode reconhecer, por causa da densidade da névoa. Ao conseguir entrar em uma taberna nas redondezas, não obtém explicações sobre o bairro em que está, devido à embriaguez dos frequentadores. Deixa-se levar por alguns indivíduos do balcão e acaba ingerindo pouco menos de um litro de vinho. Ao retornar para a rua, em busca do lar, Marcovaldo vê-se ainda mais perdido e considera dificultoso encontrar o caminho de volta a sua casa. Escalando postes, subindo em telhados e explorando a cidade noturna, solitária e gélida, o protagonista, por fim, chega a um local desconhecido, sendo muito bem recebido por uma jovem, o que causa estranheza. Ao pensar que estava, enfim, numa espécie de ônibus, o trabalhador é informado de que havia cruzado as portas de um avião. Os destinos? Alguns dos mesmos que havia observado nas telas coloridas do cinema, horas antes, como Calcutá e Cingapura. Tendo essa narrativa em mente, objetiva-se, neste subcapítulo, discutir questões sobre a modernidade, a cidade e os novos entraves da sociedade frente às transformações urbanas e de sensibilidade.

A violência, para Marcovaldo, assume significações que atravessam sua subjetividade: o trabalhador sente-se violado por não conseguir, além das oportunidades procedentes do cinema, vislumbrar “os mais vastos horizontes” (CALVINO, 2015 [1963], p.71). A conjuntura da urbe limita-o a percorrer espaços continuamente ruidosos

e desinteressantes, indiferentes aos cenários vivazes dos filmes coloridos da ampla tela cinematográfica. Ironicamente, Marcovaldo encontra aprazimento no cinema, produto da modernização que ele tanto despreza, uma vez que a modernidade e seus desdobramentos apartam o caráter aleatório da vida, ou seja, reduz o feixe de possibilidades de ação humana na urbe, substituindo-as por uma temporalidade industrial altamente regrada e compartimentalizada. Aleatoriedade essa que, de início, fora encorajada “em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades” (BERMAN, 1986, p. 21), mas que, subsequentemente, alicia os indivíduos tão-somente a sobreviver. É nessa “mistura de estupefação e horror” (MENEZES, 2003, p. 222) que Marcovaldo enfrenta cotidianamente os avanços (ou retrocessos?) de uma paisagem profundamente modificada e alicerçada na construção de uma utopia:

De um lado, símbolo da vitória e da técnica da ciência, ela [a cidade] é, além da realização de um projeto racional, espaço de construção de uma utopia cuja síntese seja, talvez, as pretensões de ordenação espacial e a busca da higiene – tanto física quanto moral (...) Por outro, construtora de novas sensibilidades, ela é o emblema da capacidade humana de sobrepujar-se à natureza, fazendo avançar o progresso e a história deixando, na sua passagem, um rastro de destruição e ruínas sobre as quais se erigiam a cultura e a civilização coevas (GRUNER, SEREZA, 2008, p. 149-150).

Outra contradição marcante na jornada de Marcovaldo em OPE é, certamente, o escapismo social do proletário provocado por sua ida ao cinema, já que este símbolo da modernização dá vida a um enredo de “pradarias, montanhas rochosas, florestas equatoriais, ilhas onde se vive coroados de flores” (CALVINO, 2015 [1963], p. 71), retrato do filme em cartaz ambientado na Índia. À vista disso, é notório que o cinema somente desperte interesse e curiosidade em Marcovaldo porque, de fato, o filme reproduzido refere-se a uma não-modernidade, em que “do bosque pantanoso se erguiam nuvens de vapor, e as serpentes subiam pelas lianas e se dependuravam nas estátuas de antigos templos engolidos pela selva” (CALVINO, 2015 [1963], p. 71), realidade assaz distante da experienciada pelo proletário em suas periódicas andanças e vivências citadinas.

Hipnotizado por todas as possibilidades advindas da sala de cinema, Marcovaldo, sentindo no peso das horas o despertar para a necessidade do retorno à casa, contempla novamente a cidade “numa tristeza desbotada e cinzenta” (CALVINO, 2015 [1963], p.71). Ao abrir os olhos na rua, na saída do cinema, o proletário percebe, enfim, que a neblina havia invadido a cidade enquanto estivera deleitando-se com imagens selváticas. A incapacidade de divisar os contornos da arquitetura urbana e dos logradouros constitui,

por um lado, uma bênção ao trabalhador, que, em seu desagrado pela urbe, vê aí uma possibilidade para permanecer alheio ao seu entorno moderno e imergir nas fantasias cinematográficas que o fascinavam; por outro lado, dificulta sua volta ao lar, uma vez que o impede de reconhecer o ponto onde descer do bonde e as próprias ruas por onde perambulará a esmo. A tal neblina “espessa, opaca, que envolvia as coisas e os ruídos, achatava as distâncias num espaço sem dimensões, misturava as luzes dentro do escuro, transformando-as em brilhos sem forma nem lugar” (CALVINO, 2015 [1963], p. 71-72) representa, simbolicamente, a própria resistência da personagem a uma volta à vida real: “cancelando o mundo ao redor, lhe permitia conservar nos olhos as visões da tela panorâmica” (CALVINO, 2015 [1963], p. 72), reiterando o traço escapista da personalidade de Marcovaldo, um modo que o personagem encontrou de sentir-se protegido da realidade mesmo estando “jogado no vazio” (CALVINO, 2015 [1963], p.72).

Defrontando a nebulosidade interna e externa de sua realidade, o protagonista inicia, ao perder a parada correta para descer do bonde, a sua desventura pela cidade, espaço que o guiará e desorientará no que se torna uma grande jornada de retorno à sua habitação. Encarando situações permeadas por uma neblina esparsa, tanto a do turbilhão de seus pensamentos, quanto a que desprende-se do solo, Marcovaldo encarna a figura do herói da modernidade, do anti-herói ou do que aqui gostaríamos de chamar de “*flâneur* às avessas”, já que a cidade à meia luz só tende a oferecê-lo um desamparo incongênera à figura do poeta-andarilho - decadente em busca de aventuras mundanas. A única peripécia do trabalhador – frequentar sozinho o cinema numa noite de inverno – fá-lo adentrar uma jornada cíclica do herói moderno e não do tradicional, visto que a busca pelo desfecho de seu entrave tem muito de árduo, mas nada de suntuoso ou pré-determinado: Marcovaldo é somente um trabalhador desafortunado a perder a parada do bonde número 30 “ao sonhar de olhos abertos” (CALVINO, 2015 [1963], p. 72). Ele não passa de um homem comum. Esse heroísmo, portanto, “é condição de sobrevivência às pressões da vida moderna, “desproporcionais às forças humanas” (GRUNER, SEREZA, 2008, p. 151). Portanto, a aventura da modernidade é inaugurada neste contexto de realidade que não oferece saídas, em meio a uma sociedade de valores movediços:

Os homens vêem sua existência interior e exterior desmoronar e, ao mesmo tempo, não conseguem se localizar no novo mundo exterior. Esta perda é a grande tragédia da época (MENEZES, 2003, p.222).



Ainda que a estupefação e o horror de Marcovaldo diante desse novo mundo sejam minimizados, em OPE, nos movimentos escapistas do proletário diante da cidade moderna, este tenta encontrar, em meio à nebulosidade interior e exterior, um rumo permeado pela (pouca) luminosidade das ruas. É a partir dessa tentativa que Marcovaldo encara novamente a vastidão da urbe:

Marcovaldo andava agora na direção de mais uma claridade que parecia vir da outra calçada, um pouco mais adiante. Contudo, a distância era muito maior: era preciso atravessar uma espécie de praça, com uma ilha arborizada no meio, e as flechas (único sinal inteligível) da mão obrigatória para os carros. Era tarde, mas decerto ainda havia alguns bares abertos, alguns restaurantes (...) Dava no mesmo dirigir-se para outra luz: Marcovaldo, caminhando, não sabia se andava em linha reta, se o ponto luminoso para o qual se dirigia era sempre o mesmo ou se desdobrava, triplicava ou ia mudando de lugar (CALVINO, 2015 [1963], p. 73).

Ao deparar-se com essa imensidão da cidade e não conseguir evadir-se dela, Marcovaldo adentra uma taberna, único estabelecimento noturno em funcionamento naquela região. Como num ritual, o proletário entra em contato novamente com um ambiente enevado: seja pela neblina a invadir o local, seja por sua iluminação precária, a personagem inicia novamente a sua imersão escapista da realidade como herói urbano, num segundo momento, ao entornar doses de vinho desmedidas, na tentativa de se aquecer do rigoroso inverno. Desde o início de sua entrada na taberna, Marcovaldo a compara às já vistas por ele no cinema, “situadas em tempos antigos ou em países distantes” (CALVINO, 2015 [1963], p.73), reiterando, mais uma vez, seu desejo de estar imerso nesse universo cinematográfico e, assim, negar o próprio desalento da sua narrativa (anti-)heroica moderna, impulsionado pela neblina que tudo cancelava ao seu redor. Após a ingestão dos cálices de vinho, as “idéias [do trabalhador] a caminho de casa não estavam mais claras como antes, porém, em compensação, mais que nunca a neblina podia conter todos os continentes e as cores” (CALVINO, 2015 [1963], p.74), ficando clara a expansão da aura nebulosa interna de Marcovaldo, agora ébrio, e da possibilidade de aproximá-lo, desta maneira, da cinematurgia, reforçada nas presenças da neblina e da taberna.

Bêbeda, a personagem desdobra-se como pode para encontrar o (nem) tão almejado rumo de retorno à casa, mas segue atalhos distantes do chão ao trepar num poste para enxergar melhor as indicações contidas em uma placa. Destarte, Marcovaldo continua seu caminho entre muros e telhados, dando à narrativa uma coloração que

margeia o fantástico, pois explora as inúmeras possibilidades observadas por ele nas narrativas cinematográficas que tanto admira, e das quais tem apenas vislumbres em sua realidade tão distante do esplendor das grandes telas. Ao cair do alto do muro, em uma de suas tentativas de reencontrar o caminho a todo custo, Marcovaldo avista um homem que, finalmente, o tranquiliza ao respondê-lo de maneira cortês e direciona-o a uma “escadinha misteriosamente prenunciada” (CALVINO, 2015 [1963], p.77). A personagem não poderia prever, mas estava entrando em um avião, com destino à Ásia, mais precisamente Bombaim, Calcutá e Cingapura, tendo sido os dois primeiros destinos já vivenciados por Marcovaldo na tela do cinema. Este equívoco absurdo, que configura traços de uma narrativa fantástica, aproxima Marcovaldo novamente da aura hipnotizante e escapista proporcionada pelo cinema. No desfecho, a neblina, que o proletário tanto enfrenta para localizar-se, finalmente cessa acima dos mil metros de altura alcançados pelo avião. Simbolicamente, Marcovaldo pertence, finalmente, a uma realidade possível ao estar a caminho da Índia e de seus encantos, somente desbravados por ele, anteriormente, na poltrona do cinema da cidade:

Marcovaldo olhou em volta. Nos outros lugares estavam sentados indianos impassíveis de barba e turbante. Havia também algumas mulheres, envoltas em sáris bordados e com uma bolinha pintada na testa. Nas janelinhas, a noite surgia cheia de estrelas, agora que o avião, superado o denso manto de neblina, voava no céu límpido das grandes alturas (CALVINO, 2015 [1963], p.77).

Marcovaldo demonstra, ao longo da narrativa, um desconcerto perante a essência caótica da cidade. Símbolo da modernidade e do progresso, a urbe não acolhe os interesses da personagem, proletário e herói moderno, visto todos os esforços que tece para sobreviver em meio a uma falsa ideia de progresso desencadeada pelas inúmeras e profundas transformações espaço-temporais, tornando-se esse progresso “um emblema da decadência” (COMPAGNON, 1996, p.18). Mesmo sujeitando-se a uma realidade nada próxima da plena, Marcovaldo encontra refúgio, curiosamente, em outro símbolo da modernidade: o cinema. Isso só ocorre porque os filmes interessantes aos olhos da personagem são exatamente aqueles que estabelecem um contraponto com a modernidade, pois fazem alusão a realidades distantes, cercadas de paisagens verdejantes e mistérios pertencentes a outras culturas.

A jornada traçada por Marcovaldo ao longo da noite após sua saída do cinema é marcada por profundas retomadas do estado de espírito despertado ainda na sala do

cinema e potencializado pela presença da espessa neblina que envolve a cidade, o que, gentilmente, possibilita ao proletário imergir no refúgio que a grande tela confere a ele, longe dos “semáforos, subsolos, fogareiros a gás, roupa estendida, armazéns e departamentos de embalagens” (CALVINO, 2015 [1963], p. 71). Assim, o estado nebuloso na narrativa é demarcado, além de na exterioridade, na interioridade de Marcovaldo, conferindo à sua desventura um caráter escapista e heroico, já que o homem moderno há de saber enfrentar duramente as duas faces da modernidade: “agradável devaneio e fantasia, mas também pesadelo; é a um só tempo fortuna e vertigem” (GRUNER, SEREZA, 2008, p. 151).

Em *Férias num banco de praça* (FNBDP) e *Ar Puro* (AP), Marcovaldo sai em busca do meio natural motivado por uma necessidade advinda da vida moderna. Na primeira narrativa, a motivação externa ocorre por meio da impossibilidade de saborear um sono tranquilo, seja pelo incômodo causado pelos filhos durante a noite, seja pela perturbação das luzes dos veículos ou do barulho dos bondes, transtornos esses que penetravam, sem nenhuma piedade, o pequeno cômodo em que Marcovaldo residia, prejudicando o descanso merecido do trabalhador após “sua jornada de oito horas – mais extraordinárias” (CALVINO, 2015 [1963], p. 11).

O trabalhador, ao compreender a dificuldade que terá para dormir ao longo da noite – pelo incômodo causado pelo verão intenso e pela realidade de dividir o mesmo cômodo com a esposa e os filhos -, lança-se à busca por um sono bonançoso junto a um banco da praça de seu bairro. Porém, Marcovaldo experiencia uma trajetória árdua até, enfim, entregar-se ao cansaço e adormecer. A personagem encara três situações adversas à sua necessidade de descanso: a primeira, ao ser incomodado pela luz incessante de um semáforo teimoso; a segunda, ao sofrer com o barulho intenso das máquinas regidas pelos trabalhadores noturnos; e a última, ao experimentar, com estertor, o cortante mau cheiro advindo de um caminhão de lixo. Mesmo diante de todas essas atribulações, Marcovaldo busca solucionar seus impasses com estoicismo, a fim de escapar desse novo contexto de profundas transformações, buscando enxergar (mesmo com dificuldade) os pequenos toques de beleza abarcados no desordenado meio urbano:

Erguia os olhos entre as copas dos castanheiros-da-índia, onde eram mais densas e só deixavam dardejear raios amarelos na sombra transparente da seiva, e ouvia o alarido dos pássaros desafinados e invisíveis ao ramo” (CALVINO, 2015 [1963], p. 11).

Devem-se ressaltar algumas escolhas narrativas de Calvino que matizam tanto as percepções de seu protagonista quanto as do leitor. O foco narrativo em terceira pessoa com narrador onisciente proporciona simultaneamente um distanciamento da personagem principal do conto e um mergulho em sua intimidade. Assim, se Marcovaldo é retratado a partir de uma perspectiva de alheamento, tendendo à objetividade e a uma falta de envolvimento emocional com as vivências de um ser humano, a onisciência do narrador permite que se revelem ao leitor fatos e detalhes que apenas o protagonista poderia conhecer, como pensamentos seus (apresentados tanto em discurso direto quanto indireto) e informações sobre seu passado recente (“É preciso dizer que nesses últimos tempos Marcovaldo andava com o sistema nervoso em tão mau estado”, (CALVINO, 2015 [1963], p. 14)). A isso junta-se o uso extensivo do tempo verbal pretérito imperfeito, principalmente nas primeiras páginas do conto (“Naquelas noites de verão (...) sonhava com o banco”, (CALVINO, 2015 [1963], p. 12)), que, passando a ideia de duração incompleta oscilante entre passado e presente, traz ao agora do leitor fatos e situações já ocorridos, que só poderiam ser retomados a partir da memória pessoal de quem os presenciou – ou seja, Marcovaldo.

Em AP, o nono conto da obra, a família de Marcovaldo enfrenta um dilema: os filhos mais novos do trabalhador, Teresina, Filipetto, Pietruccio e Michelino estão com problemas respiratórios, procedentes da saturação dos processos de modernização, como a presença de grandes indústrias e automóveis. A indicação, portanto, do médico da Previdência Social é que “respirassem um pouco de ar puro, numa certa altitude, corresse pelos campos...” (CALVINO, 2015 [1963], p. 49). A partir desse veredicto, na mesma tarde, Marcovaldo inicia uma pequena jornada com os filhos em direção às encostas, local em que poderiam, de fato, cumprir as exigências médicas e estar em contato com um ar mais limpo. Do bonde ao morro, a curiosidade dos filhos só aumentava: faziam comparações dos elementos que encontravam na natureza com os da cidade; porém, subseqüentemente, pareciam adaptados ao ambiente natural, entretecidos, e genuinamente gostar dele. Ao entardecer, quando já era possível enxergar, do alto da colina, as luzes da cidade, Marcovaldo tem seu momento de epifania — objetivava morar no morro, longe da urbe brilhante — interrompido pela presença de homens que se diziam pacientes do sanatório local. Atordoado com a informação, Marcovaldo sente-se desconfortável com a situação, mesmo os homens não demonstrando perigo algum a ele e à família. Retornam calados à cidade o protagonista e os quatro filhos, cansados, mas já não muito entusiasmados com as lembranças daquela tarde.

Devem-se igualmente ser ressaltadas algumas escolhas narrativas de Italo Calvino que direcionam tanto o olhar de seu protagonista quanto os do leitor na nona estória. Assim como em FNBDP, o narrador em terceira pessoa e onisciente propicia um mergulho, de fato, na subjetividade de Marcovaldo, principalmente nos momentos em que o protagonista observa a urbe do alto do morro (“Então foi invadido pela tristeza de ter de voltar lá pra baixo” (CALVINO, 2015 [1963], p. 51)). Essa escolha narrativa, adicionada à presença de discurso indireto livre, permite à personagem assumir tons nostálgicos e íntimos mais expressivos (“(...) talvez fosse preciso chamar as crianças. Ao vê-los balançando-se tranquilamente nos ramos mais baixos de uma árvore, expulsou aquele pensamento” (CALVINO, 2015 [1963], p. 51)).

No que tange ao movimento da cidade para o campo, essa descrição é breve: os detalhes do passeio no bonde se resumem a pernas e à multidão, características urbanas relacionadas a grandes grupos em deslocamento; com isso, demonstram a desimportância do fato, já que a descrição dessa passagem ocorre em apenas seis linhas. O que assume importância, de fato, é a chegada ao morro, rica em detalhes sobre a curiosidade das crianças, desambientadas nesse novo local amplo e desprovido de muros e tetos. Nota-se, também, que a curiosidade despertada nos filhos de Marcovaldo é sempre motivada por uma comparação entre campo e a cidade (“Nos campos como o canteiro de praça?”/“Uma altura como a do arranha-céu?”/ “Ar puro é bom de comer?” (CALVINO, 2015 [1963], p.49) /“Paredes sem teto... houve um bombardeio?”, (CALVINO, 2015 [1963], p.50)), demonstrando o quão a interação com a urbe e com uma visão colonizada e industrializada tornam-se naturalizadas para as crianças, já nascidas nessa realidade, diferentemente de Marcovaldo, vindo do campo, que considera descabidas todas essas comparações tecidas pelos filhos, mas mantém-se interessado em responder todas as perguntas. No decorrer da visita ao morro, a curiosidade das crianças é amenizada e elas “vão perdendo a voz”: o ambiente natural vai se internalizando a partir de ações executadas por elas no alto, como balançar nos ramos e colher cerejas. Esse movimento é um tanto mais difícil para Michelino, o mais velho dos quatro filhos, por estar ainda mais acostumado ao ambiente urbano.

No decorrer da narrativa, as únicas interferências externas que a família sofre ocorrem em dois momentos: com a visita do médico da Previdência Social, logo ao início do conto, e com a chegada dos pacientes do sanatório ao local em que as crianças brincam, já ao final do texto, no alto do morro. Faz-se necessário notar que, no caminho para as encostas, ainda no bonde, não ocorre interferência alguma de qualquer pessoa que

compõe a multidão de pernas no automóvel; já no morro, os pacientes do sanatório conversam com Marcovaldo e as crianças, sem que houvesse qualquer distinção pautada na questão de classe ou de sanidade mental. O primeiro exemplo citado, relacionado à questão de classe, mostra-se, no início da narrativa, uma preocupação que ronda Marcovaldo e Domitilla, sua esposa, logo após o parecer médico (“E aonde é que vamos, oito bocas, cheios de dívidas, o que acha que podemos fazer?” (CALVINO, 2015 [1963], p. 49)). Já no morro, em nenhum momento pensamentos ou situações relacionados ao mencionado tornam a aparecer. Ainda no que diz respeito aos pacientes do sanatório, é interessante notar o vestuário de alguns: portando cajados, bonés, roupas pesadas e fechadas, as figuras podem ser remetidas às de peregrinos ou eremitas, indivíduos que investem na busca por um retorno primitivo, fato que, mesmo de forma inconsciente, ocorre com as crianças ao colherem cerejas e estarem “coroadas de folhas, de mãos dadas com os internos” (CALVINO, 2015 [1963], p. 53). Essa ideia pode ser reiterada pela escolha da cereja na narrativa, que sugere, também, um retorno oriental: segundo o dicionário de símbolos de Chevalier (1986, p. 276) a cereja simboliza a tradição samurai de sacrificar-se para alcançar “a la piedra angular de la persona humana<sup>60</sup>”, ou seja, reconhecer, em si, a base de sua essência pessoal. No caso, o grande sacrifício na narrativa foi o de livrar-se das demandas cidadinas e chegar até o morro, percorrendo um longo caminho para que, ao final, tanto Marcovaldo quanto as crianças pudessem trazer à tona seus desejos de para lá se mudar (“ (...) estava justamente sonhando poder viver lá em cima” (CALVINO, 2015 [1963], p. 51) / “Por que nós também não podemos vir morar com estes senhores?” (CALVINO, 2015 [1963], p. 53)).

É notório que, pela falta de instrução formal, Marcovaldo não usufrua de uma consciência de classe aprofundada, diferentemente do *flâneur* baudelairiano, que “caminha com uma personalidade, protestando assim contra a divisão do trabalho que transforma as pessoas em especialistas” (BENJAMIN, 2000, p. 50). Todavia, mesmo dotado de uma educação simplória – limitando ainda mais o seu espaço no mundo –, o proletário comporta-se de forma a negar essa sistematização do trabalho imposta a ele. A peleja travada por Marcovaldo ultrapassa a necessidade de sobrevivência material: ela é marcada por estabelecer um novo olhar sobre o mundo a fim de não esmorecer diante das desumanizações provenientes de uma sociedade antiecológica e desigual. Nesse sentido,

---

<sup>60</sup> “a pedra angular da pessoa humana”. Tradução da autora. É de interesse apontar que a pedra angular, utilizada no contexto das construções antigas, se caracterizava por ser a primeira a ser assentada na esquina do edifício, de modo a alinhar toda a construção.

a busca pelo natural é resistência, é a pungente necessidade de sobrevivência da subjetividade.

Contudo, a subjetividade de Marcovaldo está muito distante da “capitalística [que] se esforça por gerar o mundo da infância, do amor, da arte, bem como tudo o que é da ordem da angústia, da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 34). A subjetividade do proletário está em consonância com as ideias propostas por Félix Guattari, no que tange à necessidade de rearticulação de três registros ecológicos: “o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 8).

É sabido que a natureza, já modificada pela ação do homem, não poderá ser recuperada em toda a sua resplandecência. De certa forma, a vida moderna já faz parte da de Marcovaldo. O proletário se utiliza de elementos dessa realidade para benefício próprio, como o bonde, em AP, e um travesseiro em FNBDP. Apesar disso, o tom nostálgico instaurado em AP sugere um retorno não a um passado distante da cidade, no campo (que jamais voltará a ser o que era antes), mas o regresso a uma sociedade não tão demarcada por suas diferenças de classe, pela sistematização do trabalho, um contexto mais pautado na coletividade, na solidariedade humana, tão escassa nessa configuração social:

Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma camada de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os “marginalizados”, os imigrados (GUATTARI, 2006 [1989], p. 27).

Marcovaldo também resiste quando, mesmo em uma situação adversa, insiste por várias vezes em manter-se no meio mais natural possível. Isso se dá claramente em FNBDP quando, mesmo sofrendo repetidas interferências externas, não abandona o banco que elege para abrigar seu sono. A resiliência em demasia, que beira um estado de ingenuidade, é praticada como forma do trabalhador de legitimar uma de suas poucas vontades: saborear o silêncio da noite, distante das amarras que o prendiam à própria realidade e, assim, permitir-se sonhar “com o banco como um sem-teto pode sonhar com a cama de um palácio” (CALVINO, 2015 [1963], p. 12). Mesmo com a ineficácia de suas investidas para permanecer no espaço sem maiores interrupções, FNBDP é somente uma amostra das muitas tentativas (ao longo da obra completa) do trabalhador de legitimar um

real desejo e (tentar) explorar a própria subjetividade a partir da aproximação com o meio natural.

Em AP, a resistência exercida por Marcovaldo é um tanto mais sutil e subjetiva se comparada à de FNBDP. Mergulhado em introspecções acerca da possibilidade de não mais retornar à cidade “estagnada, recoberta pelas densas escamas dos telhados e pelas tiras de fumaça” (CALVINO, 2015 [1963], p. 51), é surpreendido por uma corrente de ar álgido que alcançava o local por conta da aproximação da noite:

Talvez fosse preciso chamar as crianças. Mas, ao vê-los balançando tranquilos nos ramos mais baixos de uma árvore, expulsou aquele pensamento. Michelino aproximou-se e perguntou:  
 – Papai, por que não mudamos para cá?  
 – Ah, seu bobo, aqui não há casas, ninguém mora aqui! – falou Marcovaldo irritado, pois estava justamente sonhando poder viver lá em cima (CALVINO, 2015 [1963], p. 51).

Ao ter cogitado, mesmo que por um breve momento, residir no morro, Marcovaldo rompe com a subjetividade capitalística e explora a sua própria, aciona seu real desejo, desprendido das falácias da urbe. Prender-se a tais possibilidades escapistas, mesmo que etéreas, impulsiona o trabalhador a manter-se são em meio a um mundo tão vil, diferentemente dos “companheiros de veraneio” (CALVINO, 2015 [1963], p. 52), os homens do sanatório. Um deles, ao sentir-se interpelado pela presença de Marcovaldo e dos filhos, confessa ter tido “alta duas vezes, mas basta voltar para a fábrica e, batata! começa tudo de novo” (CALVINO, 2015 [1963], p. 52). A prostração do trabalhador diante de tais palavras se dá por uma mistura de sentimentos opostos: assim que encontra os pacientes do sanatório, mesmo tão calmos e inofensivos, sente-se invadido por uma necessidade imediata de retirar-se do local com os filhos. A cidade e as desolações causadas por ela tinham até mesmo tomado o morro.

Marcovaldo, o botânico da natureza modificada (parodiando Benjamin), persegue nos contos FNBDP e AP a natureza como forma de reconhecer-se no mundo, já que o meio urbano se encontra em constantes e impactantes transformações nas quais o trabalhador não é contemplado e onde, por isso, ele não exerce uma relevância legítima. Portanto, a busca por essa natureza (ou meio natural) se dá como uma forma de escapar a essas imposições; de legitimar, em sua solidão, a subjetividade que lhe dá forças para permanecer em sua rotina efêmera. Tanto em FNBDP como em AP, os tons humorísticos e melancólicos assumidos por Marcovaldo evidenciam, enfim, a prevalência dos



processos de modernização sobre esse meio natural, invadido, mesmo de longe (como em AP), pela influência da cidade moderna. Assim,

Certamente seria absurdo querer voltar atrás para tentar reconstituir as antigas maneiras de viver. Jamais o trabalho humano ou o hábitat voltarão a ser o que eram há poucas décadas, depois das revoluções informáticas, robóticas, depois do desenvolvimento do gênio genético e depois da mundialização do conjunto dos mercados (GUATTARI, 2006 [1989], p. 24-25).

No entanto, o tom nostálgico de Marcovaldo em AP sugere um retorno a um passado distante da urbe. Porém, assim como o *flâneur* delineado por Baudelaire (tema a ser explorado no capítulo subsequente), que ao final da boemia assume a modernidade como sendo um caminho sem volta, o protagonista toma consciência desse fato, sem aceitá-lo completamente. É então, em sua *flânerie* diária, que Marcovaldo resiste, e insiste em olhar ao redor com uma subjetividade que propõe um retorno àquele mundo de outrora, recheado não somente com as vicissitudes dilacerantes do cotidiano, mas de grandes e pequenos eventos que correspondam “também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 9), tão incansavelmente procurados pelo trabalhador nas pequenas oportunidades do dia.

Em *A cidade perdida na neve* (ACPNN), primeiro dos cinco contos referentes às interferências do inverno na paisagem, Marcovaldo é surpreendido “com o sentimento de algo estranho no ar” (CALVINO, 2015 [1963], p. 23): com a chegada da neve intensa, “a cidade desaparecera, fora substituída por uma folha branca” (CALVINO, 2015 [1963], p. 23). Ao encaminhar-se ao trabalho, como diariamente, o trajeto tomado pelo trabalhador estava todo coberto pela neve: os bondes, parados, davam lugar a poucas (e corajosas) pessoas que optavam por seguir a pé. Marcovaldo, sentindo-se “livre como nunca (...) estava à vontade para caminhar no meio da rua, pisar nos canteiros, atravessar fora dos limites prescritos, avançar em zigue-zague” (CALVINO, 2015 [1963], p. 23). Ao deparar-se com uma cidade encoberta pela neve espessa, ocultando a cidade detentora “[d]as coisas de todos os dias, ásperas e hostis” (CALVINO, 2015 [1963], p. 27), o trabalhador, que tinha a neve como amiga, pois esta “anulava a gaiola de muros em que se aprisionara sua vida” (CALVINO, 2015 [1963], p. 24), considera esse fenômeno que cai dos céus como uma possibilidade (palpável) de escape para perder-se numa cidade diferente, mesmo que a ele tivesse sido determinada a execução de um ofício estafante em seu posto de trabalho: a retirada da neve em frente à calçada da empresa à qual presta serviços, a

SBAV<sup>61</sup>. Ao iniciar a retirada da neve, Marcovaldo é surpreendido por Sigismondo, contratado pela prefeitura para remover o gelo da rua, e cuja tarefa era dificultada pela ação do protagonista, que arremessava a espessa crosta branca de volta à passagem. Tendo os dois chegado a um acordo para não prejudicar suas tarefas, Marcovaldo e Sigismondo, enfim, contemplam suas limpezas: a da rua e a da calçada. A reviravolta começa a instalar-se quando um carro limpador de neve se desloca pelo local, “levantando duas ondas brancas que caíam pelos lados” (CALVINO, 2015 [1963], p. 25).

A quebra no encadeamento da narrativa permite que esta assuma um teor mais cômico e imaginário, talvez despertado pelo próprio cenário da cidade ideal, aos olhos de Marcovaldo, disfarçada sob a camada de neve, “uma cidade que se podia desfazer a golpes de pá e ser refeita de outro modo” (CALVINO, 2015[1963], p. 25). Posteriormente ao episódio do carro limpador, o proletário retorna às atividades de limpeza do pátio da empresa e das calçadas ao redor, perdido em seus pensamentos e desejando a manutenção daquele cenário de gelo; é atingido, por conta da sua distração, por uma grande quantidade de neve vinda do telhado, retirada por mais dois trabalhadores que tentaram, sem sucesso, alertá-lo da queda da carga. Destarte, Marcovaldo é confundido com um grande boneco de neve por crianças que brincam em torno: é adornado por cenouras e pimentões, a serem usados como narizes. O protagonista come ambos, assustando as crianças que compreenderam que o boneco de neve vivia. Apesar do impacto sofrido por ter sido atingido pela neve e de estar “mais morto do que vivo” (CALVINO, 2015 [1963], p. 27), Marcovaldo livra-se do gelo com certa dificuldade e põe-se a se esquentar em uma grade de calor, localizada no pátio da SBAV. O desfecho, cômico e inverossímil, torna-se uma realidade nessa aura de sonho e fantasia que toma a narrativa a partir das elucubrações do trabalhador, que vislumbra uma cidade mais próxima, por sua desabitação, de “alvos desfiladeiros entre rochas de montanhas” (CALVINO, 2015 [1963], p. 24): em estado gripal, Marcovaldo, com um forte espirro, acaba por deixar limpo o arredor por cuja limpeza era responsável. Neste instante, todas as particularidades da cidade naquele entorno são, para o desgosto do trabalhador, reveladas a partir do cinza dos muros e do pátio.

À vista disso, faz-se notório o descontentamento de Marcovaldo face à realidade da cidade, um local apazível e possível somente se modificado a ponto de se assemelhar com visuais pertencentes à natureza, e se pudesse ser, então, distinto da urbe por ele

---

<sup>61</sup> A sigla da empresa não é, em nenhum momento, elucidada ao longo da obra.

conhecida, vivida e sentida. Nesse mesmo sentido, é possível estabelecermos algumas comparações entre ACPNN, *A viagem com as vacas* (AVCAV) e AP, este último previamente discutido. Em AVCAV, Marcovaldo, tendo sido despertado durante uma noite de verão intenso, testemunha a passagem de alguns rebanhos pela cidade: as vacas e bois, que “traziam consigo seu cheiro de forragem e de flores do campo e de leite” (CALVINO, 2015[1963], p. 56), à procura do campo, estimulam o trabalhador a sonhar com os contextos mais aprazíveis em relação à vida veraneia e campestre. Ao não encontrar o filho mais velho quando retornava à casa, na madrugada, após a observação dos rebanhos passageiros, Marcovaldo põe-se a imaginar a experiência de Michelino, o filho (pressupondo que este seguira as vacas e fora passar uma temporada no campo), a saborear férias longe da cidade ao seguir o rebanho que se direcionava aos pastos. O protagonista sente-se duplamente aliviado com a partida de Michelino pois, com a ida do filho, poderia matizar, em pensamento, todas as possibilidades experienciadas pelo garoto junto às vacas nos pastos, além de que “uma boca a menos na mesa” (CALVINO, 2015[1963], p. 58) aliviava a condição econômica da família.

Deve-se observar que a visão de *locus amoenus* que Marcovaldo alimenta sobre o campo e o mundo natural está atrelada a uma concepção idílica, de sensibilidade, pontuada anteriormente por Thomas (2010), e que tende a considerar sacra e aprazível toda condição advinda do campo e de sua população. Essa perspectiva é sustentada por Marcovaldo em consequência de sua vivência no âmbito urbano e de, portanto, ser tragado por esse turbilhão do ritmo da cidade, desejando saborear alguns dias como (julga estar) o filho:

No calorão poeirento da cidade, Marcovaldo pensava no filho afortunado, que agora certamente passava as horas à sombra de um abeto, assobiando com uma folha de capim na boca, observando as vacas que se moviam lerdas pelo prado, e escutando na sombra do vale um murmúrio de água (CALVINO, 2015[1963], p. 58).

Essa perspectiva do protagonista ao considerar o campo como cenário ideal é desmantelada não somente em AVCAV, mas também em ACPNN e AP: na primeira narrativa, com o retorno do filho Michelino e o compartilhamento de sua experiência com a família, relatando o trabalho duro que teve junto às vacas, como empregado (na coleta do leite e na produção de queijo); na segunda, ao compreender que também os fenômenos

da natureza são passageiros e considerados, pela lógica urbana, uma contrariedade ao ritmo de vida; já em AP, ao tomar consciência de que o morro já servia às necessidades da urbe ao abrigar, ali, o sanatório da cidade. Destarte, o culto ao campo só passa a ser possível a partir do momento em que Marcovaldo consuma o êxodo rural, como é factível compreender em AP, em que, no topo do morro, ao observar a cidade de longe, a personagem acessa novamente “a mesma sensação de quando, jovem, chegara à cidade e se sentia atraído por aquelas ruas, aquelas luzes” (CALVINO, 2015[1963], p. 51), legitimando, portanto, o pressuposto de que o meio natural é idealizado por Marcovaldo, exatamente por experienciar o seu oposto na cidade; idealização essa que, ao chegar à urbe, o protagonista nutria, em tempos de outrora, face às possibilidades advindas da cidade. À vista disso, “o culto do campo [é]ra, sob vários aspectos, mistificador e escapista” (THOMAS, 2010, p. 355) e, igualmente, alicerçado pela expansão das cidades e o crescimento da indústria.

Assim como em ACPNN, *A cidade toda para ele* (ACTPE) idealiza o meio urbano exatamente por este estar alheio ao cenário original: o culto da maior parte da população à cidade, seus “arranha-céus, distribuidores de cigarros, os cinemas com tela panorâmica” (CALVINO, 2015 [1963], p. 111) era substituído, em meados do mês de agosto, por um sentimento de descontentamento com a urbe. No dia 15 de agosto<sup>62</sup>, com os ânimos exaltados, a população, em sua totalidade, deixa a cidade: trazendo à luz as considerações de Theodor Adorno (1969 [1975]), faz-se interessante pontuar que, para o autor, as questões concernentes ao trabalho e sua coisificação (segundo Marx) alteram sobremaneira as relações estabelecidas pela população em geral no que tange ao tempo livre, sempre dissociado do labor e de todo o universo que é remetido a ele. Nesse sentido, cria-se uma falsa noção de liberdade ao ser assegurado que as atividades desenvolvidas, em sua maioria de entretenimento, distanciadas do ambiente de trabalho, são conscientemente determinadas por uma população alienada à própria questão do trabalho. Para Adorno,

Numa época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções. Isto pesa muito sobre a questão do tempo livre. Não significa menos do que, mesmo onde o encantamento se atenua e as pessoas estão ao menos subjetivamente convictas de que

---

<sup>62</sup> Essa data, na Itália, marca o conhecido Ferragosto, o feriado que ocorre em meio ao verão italiano. É uma data cristã, e comemora-se a Assunção de Maria, episódio no qual Maria, mãe de Jesus, teria subido aos céus. Na Antiguidade, essa data sublinhava o final do período de colheita e era conhecido como Consualia, por prestar homenagens ao deus Conso, protetor da agricultura.

agem por vontade própria, essa vontade é modelada por aquilo de que desejam estar livres fora do horário de trabalho (ADORNO, 1969 [1995], p.1).

Neste sentido, explica-se a necessidade pulsante de os moradores da cidade, em *ACTPE*, abandonarem a cidade e suas funções exercidas nas dimensões da urbe rumo ao mesmo local, a praia - permitindo, portanto, a Marcovaldo, o único habitante a permanecer no local, desfrutar das ruas e da paisagem de concreto

de um outro modo: as ruas como fundos de vale ou leitos de rios secos, as casas como blocos de montanhas íngremes, ou paredes de escolhos (...) O olhar de Marcovaldo perscrutava ao redor buscando o aflorar de uma cidade diferente, uma cidade de cascas, escamas, brotos e nervuras sob a cidade de verniz, asfalto, vidro e reboco (CALVINO, 2015[1963], p. 112).

Essa aproximação do protagonista em relação à cidade torna-se possível, igualmente, no que se refere à inexistência de pessoas no ambiente urbano: tanto em ACPNN quanto em *ACTPE*, a urbe é ressignificada, aos olhos de Marcovaldo, em virtude da ausência da ação humana (ou, no caso de ACPNN, poucas intervenções humanas) que move todos os contextos citadinos: os do comércio, do trabalho, do transporte, e que, portanto, alimenta a lógica e o ritmo frenético urbanos. Em *ACTPE*, “as ruas abriam-se largas e intermináveis, vazias de carros e desertas; as fachadas das casas, da sebe cinzenta das portas de correr abaixadas até as infinitas varetas de aço” (CALVINO, 2015 [1963], p.111) compunham um novo cenário, o qual permite ao protagonista instaurar um olhar idílico também sobre a cidade (pois seu signo também é ressignificado), ao imaginá-la liberta da assoberbação rítmica que a movimentava e a faz pulsar. Para ele,

Certamente a falta de alguma coisa saltava aos olhos; mas não da fila de carros estacionados ou do engarrafamento nos cruzamentos, ou do fluxo da multidão na porta da grande loja, ou da ilhota de gente parada à espera do bonde; o que falta para preencher os espaços vazios e encurvar as superfícies esquadriadas talvez fosse uma enchente para estourar os condutos de água, ou uma invasão de raízes de árvores da alameda para arrebentar a pavimentação (CALVINO, 2015[1963], p. 112).

A mansidão experimentada por Marcovaldo naquele 15 de agosto é interrompida pela presença de uma emissora de televisão, que invade a cidade com toda a sua parafernália técnica no intuito de coletar o testemunho do trabalhador, o único a habitar as ruas desertas daquele local. Ao conceder entrevista, após apontarem-lhe refletores, justamente no dia considerado o mais quente do ano, ao protagonista é oferecido, em meio àquele contexto inusitado, um ofício na praça, que “estava de pernas para o ar: furgões,

carros equipados, câmeras, transformadores, instalações para lâmpadas, equipes de homens uniformizados que iam e vinham de um lado para outro completamente suados” (CALVINO, 2015[1963], p. 113). A Marcovaldo (“ofuscado e aturdido”) coube auxiliar as equipes na gravação da telerreportagem *Loucuras de 15 de agosto*, e registrar o mergulho de uma famosa atriz na principal fonte da cidade: esta, “de todos os dias havia recuperado o lugar daquela captada só por um instante, ou talvez somente sonhada” (CALVINO, 2015[1963], p. 114), em meio “A grande praça agora zumbida com maquinarias e cliques de lâmpadas” (CALVINO, 2015[1963], p.114).

Isto posto, tanto em ACPNN quanto em ACTPE as ressignificações de Marcovaldo no que toca à cidade são interrompidas pela ação humana, como anteriormente pontuado, assim como também em FNBDP, AP e AVCAV, em que essa intromissão é percebida de maneira mais sutil e menos sensacionalista (ao contrário do que acontece em ACTPE). Mesmo em FNBDP, em que a personagem é aturdida por elementos da natureza como a luz da lua e o os ruídos da água da fonte, ela é igualmente perturbada por sons advindos do trabalho noturno, como o da pavimentação das ruas e da coleta de lixo, todos eles, evidentemente, permeados pela ação humana; já em AP, a tranquilidade do sabor do campo é cancelada, novamente, pela constatação da presença de pessoas no local; em AVCAV, o cenário idílico dos pastos, composto por Marcovaldo, é destituído pelo testemunho do filho, que alegava tolerar os trabalhos pesados aos quais fora designado a executar em sua passagem pelos campos.

Destarte, a visão de *locus amoenus*, mesmo sendo abastecida por Marcovaldo para além dos limites da cidade, é constantemente posta em xeque pelo fato de que a separação entre *natureza* e *cidade* é culturalmente instituída a partir da sobreposição da figura humana à natureza. A consideração das duas como parte do mesmo todo, como duas pontas de uma mesma teia, fora temporalmente desfeita e proporcionalmente destituída ao longo do processo de ascensão da indústria, do capital e do consumo. É certo, pois, que as concepções acerca da natureza como reconhecidamente sendo um espaço de acolhimento e descanso também foram culturalmente construídas a partir da oposição alicerçada sobre a percepção da cidade como marca do vertiginoso, do civilizado, do desarmonioso. Portanto, faz-se interessante perceber que em FNBDP, AP e, principalmente em AVCAV, o meio natural não está isento de sofrer das mesmas manifestações negativas da cidade exatamente por estas serem transpassadas pelas dinâmicas humanas, socialmente construídas. O oposto, percebido em ACPNN e ACTPE, retrata as possibilidades de legitimar a cidade e seus espaços externamente às questões da

lógica cidadina movida pelo capital industrial, exatamente por essas cidades (seriam elas a mesma?) distanciarem-se das concepções culturalmente construídas, que a reconhecem (assim como Marcovaldo a caracteriza), dentro de sua organização, como caótica e atordoante. Diante do exposto, é possível, a partir dos trajetos traçados ao longo dos seis contos aqui referidos, compreender que as visões binárias concernentes à cidade e ao campo não se aplicam de maneira idealizada e definitiva, expandindo, portanto, as possibilidades de leitura desses dois espaços a partir de outras dinâmicas de ressignificação.

## 5 NATUREZA MODIFICADA

*Fecha os olhos e esquece,  
 Escuta a água nos vidros, tão calma. Não anuncia nada.  
 Entretanto escorre nas mãos,  
 tão calma! vai inundando tudo...  
 Renascerão as cidades submersas?  
 Os homens submersos - voltarão?  
 (...)  
 O mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,  
 entre o fogo e o amor.  
 Carlos Drummond de Andrade*

A partir da leitura de *Cogumelos na cidade* (primeira narrativa da obra em questão - primavera), *O pombo municipal* (terceiro conto - outono), *O tratamento com vespas* (quinta narrativa - primavera), *Um sábado de sol, areia e sono* (sexto conto - verão), *O coelho venenoso* (décima primeira narrativa - outono), *Onde o rio é mais azul* (décima terceira narrativa - primavera), *A chuva e as folhas* (décimo quinto conto - outono) e *O jardim dos gatos obstinados* (décima nona narrativa - outono)<sup>63</sup>, é possível serem estabelecidos alguns critérios similares de apreciação, que perpassam os textos escolhidos. É digno de nota como Marcovaldo, a partir de sua vivência na cidade e de seu afastamento do mundo natural, experimenta dificuldades ao lidar com seus espaços alterados de organização, assim como no tratamento com plantas e animais, exatamente por desconhecer suas peculiaridades, formas de manuseio, ciclos e necessidades. Essa realidade, portanto, é pontuada por uma tendência que, a partir da consolidação das sociedades capitalistas e dos centros urbanos, acaba por perder sua valorosa força ancestral: a sabedoria das ervas, motivada por uma percepção outra da natureza e suas possibilidades, afastada da lógica de exploração desenfreada e do monopólio farmacêutico calcado nas bases da medicina alopática.

Os embaraços de Marcovaldo frente a essas tentativas de manuseio são motivados pela premência em sanar questões advindas da fome e da dor; por razões da sua condição de classe, como assinalado anteriormente, o trabalhador procura saídas próximas à natureza e suas manifestações para superar os entraves econômicos. Nesse sentido, o

---

<sup>63</sup> Os contos aqui estão enumerados de acordo com sua ordem de aparição na obra. No entanto, a análise não segue a ordem mencionada.



protagonista assume uma visão de mundo, como pontuado por Hannah Arendt (2007 [1958]), mais próxima das necessidades do *animal laborans*<sup>64</sup> do que do *homo faber*<sup>65</sup>:

Aos olhos do *animal laborans*, a natureza é a grande provedora de todas as <<boas coisas>>, que pertencem igualmente a todos os seus filhos, que <<as tomam de suas mãos>> e se <<misturam com elas no labor e no consumo>>. Essa mesma natureza, aos olhos do *homo faber*, construtor do mundo, <<fornece apenas os materiais que, em si, são destituídos de valor>>, pois todo o seu valor reside no trabalho que é realizado sobre eles<sup>67</sup>. Sem tomar as coisas das mãos da natureza e consumi-las, e sem se defender contra os processos naturais de crescimento e declínio, o *animal laborans* jamais poderia sobreviver (ARENDR, 2007 [1958], p. 147).

É fato que esse caráter que remete ao *homo faber*, de Marcovaldo, pode ultrapassar os alicerces da personalidade da personagem: é sabida a facilidade que o trabalhador tem de repensar e ressignificar os entornos maçantes da cidade, como anteriormente investigado em ACPNN, OPE e ACTPE. Porém, em *Marcovaldo no Supermercado* (MS), conto que será explorado no capítulo seguinte, o protagonista anseia ter poder aquisitivo para, assim como a população consumidora do local, adquirir suprimentos hermeticamente embalados e propositalmente chamativos e coloridos. Desta forma, pode-se sugerir que esse caráter que leva Marcovaldo a aproximar-se do meio natural e de suas potenciais possibilidades constitui sua única saída face à condição miserável que envolve seu contexto de vida. Essa perspectiva certamente não despreza as visões poéticas concebidas pelo protagonista ao longo de suas desventuras pela cidade, uma vez que essas percepções acerca da realidade igualmente potencializam, em Marcovaldo, leituras escapistas do mundo.

Em *Cogumelos na cidade* (CNC), a título de exemplo, o protagonista é uma das “poucas almas sensíveis” (CALVINO, 2015[1963], p. 7) que se dão conta dos ventos que se aproximam da cidade, inaugurando a primavera com “pólen de flores de outras terras” (CALVINO, 2015[1963], p. 7). Em meio às andanças entre a casa e o trabalho, Marcovaldo descobre, próximo a um ponto de ônibus, “cogumelos de verdade, que estavam rompendo a terra bem no coração da cidade” (CALVINO, 2015[1963], p. 8) e

---

<sup>64</sup> Para Arendt, aquele que desenvolve o laboro, atividade que corresponde somente às suas necessidades essenciais, ou seja, alimentar-se, vestir-se, defender-se, dormir.

<sup>65</sup> Ainda para a autora, aquele que desenvolve o trabalho e modifica a natureza a partir da produção de bens duráveis.

<sup>66</sup> Citação de Locke, op.cit., seção 28.

<sup>67</sup> Ibid., seção 43.

percebe, a partir dessa revelação, que “o mundo cinzento e miserável que o circundava se tornava de repente generoso em riquezas escondidas” (CALVINO, 2015[1963], p. 8) atribuindo, portanto, à manifestação natural, um valor inestimável, de abertura de expectativas e possibilidades - oportunidade de ele e a família desfrutarem de uma fritada de cogumelos que vai “além das horas pagas pelo salário contratual, da compensação de perdas, do salário-família e da carestia” (CALVINO, 2015 [1963], p. 8). A maneira como Marcovaldo ressignifica o entorno simplesmente pela existência de elementos que subvertem a lógica organizacional da cidade é constantemente colocada à prova: não seria diferente em *CNC*. Por mais que a descoberta “de repente lhe encheira o coração de amor universal” (CALVINO, 2015[1963], p. 8) e tivesse despertado, em Marcovaldo, sentimentos concernentes à solidariedade e à repartição do achado com pessoas como Amadigi, um varredor de ruas que também havia descoberto a fonte que os afastaria do magro jantar, ao final do conto é exposta a ignorância não só do protagonista e sua família, mas também de outras pessoas que compartilhavam da surpresa de encontrar cogumelos “empinados em seus talos, com os chapéus altos sobre a terra ainda encharcada” (CALVINO, 2015[1963], p. 9): o desconhecimento da espécie surgida em meio ao asfalto acaba por levar a todos ao hospital para realizar uma lavagem estomacal e livrá-los da intoxicação ocasionada pela ingestão de cogumelos venenosos. Há, nesta passagem, o desejo de partilhar a mesa com desconhecidos, de se aproximar deles, assim como ocorre em *Fumaça, vento e bolhas de sabão*, que será analisado mais adiante, no próximo capítulo: em ambas as narrativas, parece haver a ânsia de ressignificar relações com outros indivíduos — anteriormente estabelecidas pela facilidade em se ocupar o espaço público —, como preconizado por Guattari (2006 [1989], p.32-33) em sua ecologia social:

façamos votos para que, no contexto das novas distribuições das cartas da relação entre o capital e a atividade humana, as tomadas de consciência ecológicas, feministas, anti-racistas etc. estejam mais prontas a ter em mira, a título de objetivo maior, os modos de produção da subjetividade - isto é, de conhecimento, cultura, sensibilidade e sociabilidade (...) A ecologia social deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis, do socius.

O afastamento da mulher e do homem em relação a tudo que é advindo da natureza e suas manifestações (assim como o afrouxamento das relações sociais, exemplificado acima) é nada mais que a conjunção de duas lógicas vigentes nas sociedades capitalistas

industriais: a primeira, oriunda do pensamento cartesiano de que o homem é soberano<sup>68</sup> no mundo natural; a segunda, incorporada por esse pressuposto de Descartes, e que, motivada pelo consumo exacerbado, acaba por considerar o alimento também como produto acabado, sendo possível encontrá-lo com facilidade em contextos distanciados de seu processo de produção, como as grandes redes de mercados. Faz-se aqui importante reconhecer, portanto, as múltiplas tentativas de Marcovaldo para romper com essa estrutura alienante, que exclui a ele e a sua família das opções disponíveis gratuitamente numa natureza já modificada para atender às necessidades desse sistema econômico-político-social que padroniza e reduz a cultura a um modelo único, pré-acabado e, mais uma vez, isolado de seu processo de produção<sup>69</sup>, como pontuado por Pasolini (1997), transformando o conceito essencial do trabalho concernente a culturas e civilizações ancestrais que, claramente, aproveitavam-se dos recursos naturais não em larga escala nem a nível industrial, atribuindo respeito às entidades animais e vegetais, aos processos e ciclos de elementos da natureza, “uma vez que o processo de trabalhar subtrai material da natureza sem o devolver no curso rápido do metabolismo natural do organismo vivo” (ARENDDT, 2007 [1958], p. 112).

Essa questão é igualmente a temática de *O tratamento com vespas* (TCV)<sup>70</sup>: ao tentar manusear os insetos, em busca de melhora para seu reumatismo, não somente

---

<sup>68</sup> Apesar de considerações (tão enraizadas ao longo dos séculos) que indicam o homem como o início, o centro e o fim das relações, perspectivas outras firmam novas maneiras de legitimar o mundo e suas dinâmicas: as epistemologias ecológicas, por exemplo, sugerem a ressignificação dos preceitos cartesianos e permitem que assumamos a importância do ser humano na Terra, mas com relevância igual à das plantas, dos animais, e dos seres vivos e não vivos de uma forma geral.

<sup>69</sup> Nesse sentido, é possível a adoção de duas (das quatro) dimensões da ideia de alienação sugeridas por Karl Marx. A primeira, denominada de “auto-alienação”, em que a alienação do trabalhador ocorre em relação a seu trabalho, tornando-o forçado, gerando descontentamento e um estado de fuga e negação da atividade (como é possível ser visto em *A cidade toda para ele*, por exemplo, em que toda a população da cidade deixa o meio urbano em um feriado). A segunda provoca a chamada alienação do homem em relação ao homem, sugerindo que o trabalho alienado não é natural: “Uma consequência imediata do fato de o homem estar alienado do produto do seu trabalho, da sua atividade vital, do seu ser genérico, é o homem estar alienado do homem. [...] Em geral, a proposição de que o homem está alienado do seu ser genérico significa que um homem está alienado do outro, tal como cada um deles da essência. // ...// humana. [...] Na relação do trabalho alienado, portanto, cada homem considera o outro segundo o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador. [...] Se o produto do trabalho me é alheio, [...] se a minha própria atividade não me pertence, sendo uma atividade alheia obtida por coação, a quem pertence então?” (Marx, 1983, p.158-159).

<sup>70</sup> Essa temática (de tentativa de cura do reumatismo por métodos não convencionais) também pode ser retratada em *Um sábado de sol, areia e sono*: ao seguir as instruções do médico da Previdência, Marcovaldo propõe-se a ser enterrado, pelos filhos, por “areia que fora deixada secando por dias e mais dias, fina, separada da escória, clara como areia marinha” (CALVINO, 2015 [1963], p. 36), contida dentro de uma barça. O que o trabalhador não esperava é o início

Marcovaldo como outros indivíduos que vão em busca dessa promessa de tratamento acabam por saírem lesados dessa tentativa, exatamente por basearem seus conhecimentos acerca desses animais exclusivamente em um artigo médico publicado no jornal (de dois anos antes) em que Marcovaldo envolve seu almoço de todo dia. É relevante perceber que o reumatismo do protagonista é agravado na estação mais fria do ano, reforçando a ideia de que os ritmos naturais obedecem a um ciclo indiferente ao ser humano e alheio às necessidades do capitalismo industrial, resistindo a uma submissão utilitária às demandas do ritmo capitalista e dos caprichos e conveniências humanas. Dessarte, é necessário assumirmos a premência em viver num contrato natural, como propõe Michel Serres (1990, p. 65), que observa a natureza como um sujeito de direito, assim como o homem assume o seu próprio ao explorá-la e dominá-la. Portanto,

o retorno à natureza! O que implica acrescentar ao contrato exclusivamente social a celebração de um *contrato natural de simbiose e de reciprocidade* em que a nossa relação com as coisas permitiria o domínio e a posse pela escuta admirativa, a reciprocidade, a contemplação e o respeito, em que o conhecimento não suporia já a prosperidade, nem a acção o domínio, nem estes os seus resultados ou condições estercorárias — grifo nosso.

Ao se deparar com o sr. Rizieri, que “vivia cheio de reumatismos, de artrites, de lumbagos” (CALVINO, 2015[1963], p. 29) e que, assim como o trabalhador, busca incessantemente por lugares ao sol para amenizar as dores e complicações do reumatismo, Marcovaldo, então, expõe a ele “as várias fases dos seus reumatismos, os da mulher e da filha mais velha, Isolina, coitada, que não crescia muito saudável” (CALVINO, 2015[1963], p. 29). Faz-se interessante notar, a partir da composição de um discurso indireto livre, nessa passagem, a presença da palavra “coitada”, atribuindo a Isolina, então, uma espécie de fragilidade advinda de uma saúde debilitada, mesmo não sendo

---

da movimentação da barça pelo rio: é lançado corredeira abaixo, “Contudo, naquele momento, sua maior preocupação ainda eram os efeitos benéficos do tratamento com areia que se perderiam de repente (CALVINO, 2015 [1963], p. 28).

idosa<sup>71</sup>. A escolha do *autor-modelo*<sup>72</sup> de se referir à doença da filha de Marcovaldo só faz reforçar toda a condição miserável em que o trabalhador se encontra — questão essa já explorada, de diferentes formas, em outras narrativas desta mesma obra —: ao leitor é frequentemente lembrada essa conjuntura de dificuldades e questão de classe do protagonista e sua família. A título de exemplo, a mansarda que Marcovaldo e a família dividem, ao longo da obra, é descrita como pequena e incômoda. Despreparada para abrigá-los do frio intenso e aliviá-los do intenso calor, a exígua morada é reflexo do que foi descrito, anteriormente, sobre Alier (2014) e seu pensamento: são os pobres os que mais sofrem e que são afetados pelos desequilíbrios ecológicos. No caso, a família do trabalhador é afetada pelas drásticas variações climáticas de acordo com a passagem das estações do ano e, pertencendo a uma classe social nada abastada, é impossibilitada de arquitetar o espaço em que vive de forma a obter um mínimo de bem-estar e conforto. Isto posto, não é de se surpreender que até mesmo a jovem filha sofra das consequências do reumatismo, já que habita lugar tão úmido e frio no inverno.

É a partir da exposição desse contexto de enfermidades, apuradas pela má qualidade de vida de Marcovaldo, que o “método de curar-se reumatismos com o veneno das abelhas” (CALVINO, 2015[1963], p. 29) soa digno de interesse na percepção do protagonista e seu novo conhecido, o sr. Rizieri. Após capturar uma vespa com a ajuda de um vidro ainda sujo de geleia, Marcovaldo dá início ao trabalho de teste daquele novo método:

Com receio e esperança ao mesmo tempo, o sr. Rizieri ergueu uma aba do capote, da jaqueta e da camisa, e abrindo passagem entre as malhas furadas descobriu um ponto das costas onde lhe doía. Ali, Marcovaldo encostou a boca do frasco e arrancou o papel que servia de tampa. A princípio, não aconteceu nada; a vespa estava imóvel: teria dormido? Para acordá-la, Marcovaldo deu um tapa no fundo do vidro. Era

---

<sup>71</sup> Isolina também tem breve passagem por *Lua e GNAC* (LEG). É descrita como “moça feita” (CALVINO, 2015 [1963], p. 83) e romântica, e enamora-se de Fiordaligi, que tenta cortejá-la através da proximidade de suas janelas. Essa característica da jovem também é retratada em *O pombo municipal* (OPM), narrativa em que Isolina “sonhava com colibris para enfeitar o chapéu” (CALVINO, 2015 [1963], p.20). Portanto, essas descrições acerca da filha de Marcovaldo reiteram a sua não tão avançada idade. Apesar de estar presente também em *O coelho venenoso* (OCV), não é conferida à moça nenhuma descrição de suas características.

<sup>72</sup> Para Umberto Eco, “O autor-modelo é uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente). Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como o leitor-modelo” (ECO, 1994, p. 21). Portanto, é essa voz que, a partir das estratégias e estilo, cria a narrativa e as regras do jogo da ficção.

justamente o golpe que faltava: o inseto disparou como uma flecha e cravou o ferrão nas costas do sr. Rizieri. O velhote soltou um berro, pulou, ficando de pé, e começou a andar como um soldado em passo de parada, esfregando a parte picada e vociferando confusas implicações. *Marcovaldo estava todo satisfeito, o velhote nunca estivera tão espigado e marcial* (CALVINO, 2015 [1963], p. 30 —grifo nosso).

Com a disseminação das notícias sobre o tratamento, Marcovaldo tem sua pobre casa tomada por pequenas multidões aos sábados: os que desejavam receber as injeções com o ferrão das vespas pagavam honorários por cada aplicação desferida pelo trabalhador, “com a mão desenvolta de um médico experiente” (CALVINO, 2015[1963], p. 31). Assim como em *CNC*, o manuseio dos animais, no caso as vespas, torna-se distanciado de um contexto de outrora, baseado na manipulação consciente dos seres da natureza. A tentativa de subordinar as vespas às necessidades humanas, sem ao menos obter um conhecimento avançado sobre seu comportamento, os ciclos de sua vivência, e as consequências da utilização em série de seu veneno corrobora com o pressuposto anteriormente referido de que, a partir da consolidação das estruturas citadinas, as mulheres e os homens tendem a perder o elo que os conecta aos ensinamentos advindos das experiências com a natureza e suas manifestações. O mesmo processo ocorre em *A chuva e as folhas* (ACEAF) quando, ao ser responsável por regar uma planta que adorna a entrada da empresa em que vive, Marcovaldo resolve salvá-la da vida de pouco sol e sem ar fresco, “pois naquele arbusto que amarela mirrado entre as paredes burocráticas reconhecia um irmão de desventura” (CALVINO, 2015 [1963], p. 90). Ao se responsabilizar pelo vaso, o protagonista, além de levar a planta para o ambiente externo do seu local de trabalho, para que possa aproveitar a água da chuva, também a leva para a própria casa, a fim de torná-la vistosa. Em uma dessas travessias que o trabalhador faz com a planta (já reestabelecida, como um paciente que se cura, visto a preocupação de Marcovaldo) em sua bicicleta, ocorre a perda das folhas de ouro, visto a chuva e o vento espessos. Vê-se, afinal, que o protagonista, desconhecendo o ciclo natural da planta e sua fragilidade (mesmo ela tendo demonstrado robustez), reitera o que já foi exposto anteriormente no que diz respeito ao afastamento — que, em certa medida, também é impulsionado pela alienação do trabalho — da mulher e do homem a estas questões.

Em OTCV, assim como em CNC, essa reaproximação de Marcovaldo, sua família e os coadjuvantes dessas narrativas com a natureza ocorre, à primeira vista, exatamente por, em meio a uma conjuntura estruturada no cerne do capital, apresentar-se como única opção no que tange ao aprimoramento de uma vivência mais aprazível, tendo as mazelas

do corpo físico sido amenizadas a partir da busca por um tratamento alternativo. É interessante notar que mesmo ancorado sobre a tentativa de fugir do habitual no que concerne a tratamentos de saúde e buscar por uma possibilidade que seja possível custear, Marcovaldo, diferentemente do que acontece em CNC, acaba por render-se à mesma lógica que o exclui, e inicia, junto à esposa Domitilla, a cobrança pela aplicação das injeções dos ferrões de vespas, mesmo que, em meio a pessoas de posse, encontrem-se “alguns com aspecto maltrapilho de mendigos” (CALVINO, 2015[1963], p. 32). Esse enfoque realça, justamente, o aspecto modificado da natureza, não somente em sua composição física e palpável, mas também relativamente aos seus conhecimentos ancestrais, suas filosofias e ontologias: mesmo que haja um movimento bastante frutífero de busca e ressignificação do meio urbano a partir da natureza advindo de Marcovaldo, é possível reconhecer a dificuldade do protagonista em não ceder às tentações ofertadas pelas facilidades oriundas do dinheiro, como pode ser visto em *Marcovaldo no supermercado* e em *Os filhos de papai noel*, duas narrativas em que o trabalhador mostra-se inclinado a pertencer ao e desfrutar do mundo capitalista, como será visto no próximo capítulo.

Assim como em CNC, a busca por alimento é o mote que interliga as narrativas de *O pombo municipal* (OPM), *O coelho venenoso* (OCV) e *Onde o rio é mais azul* (OREMA): na primeira, Marcovaldo objetiva caçar narcejas outonais que recortam os céus da cidade, uma vez que as migrações desses pássaros seguem rumos ao sul ou ao norte; no segundo conto citado, o protagonista, ao ser encaminhado para a alta que receberia no hospital, é surpreendido pela presença de um coelho engaiolado, certamente utilizado para testes laboratoriais naquele mesmo ambiente hospitalar (e que é levado pelo trabalhador, com o intuito de alimentar-se dele); na última narrativa referida, a intenção do protagonista é pescar na represa da cidade, abastecer-se de peixes e levá-los para casa de modo a garantir à família uma refeição mais farta. Em todas essas tentativas, faz-se necessário observar os contextos modificados que permeiam as questões sobre a natureza, assim como também são perceptíveis as acentuadas modificações urbanas, edificadas sobre o cotidiano da maior parte da população que nela habita.

Em OPM, Marcovaldo nota um bando de narcejas outonais numa “fatia de céu de uma rua” (CALVINO, 2015 [1963], p. 19). Deve-se observar a escolha lexical nessa passagem, com a palavra “fatia”: é possível compreender, portanto, a verticalização presente na cidade, constantemente retratada durante toda a obra. Esse aspecto emancipatório da cidade é novamente mencionado, ainda no mesmo conto, quando um

pombo é capturado pelos enjambres arquitetados por Marcovaldo e as crianças, diferentemente da vontade do trabalhador de aprisionar as narcejas que cortam o céu. No trecho, o “pobre pombo” (CALVINO, 2015 [1963], p. 21) é caracterizado como “um daqueles pombos urbanos cinzentos, habituados à multidão e à barulheira das praças” (CALVINO, 2015 [1963], p. 21), reiterando, dessa maneira, características que podem ser atribuídas à cidade e a sua confusão costumeira.

Assim como pontuado em OTCV, informações adicionais são trazidas à narrativa a fim de insistir sobre a condição de classe do protagonista e de sua família: ao ser interpelado, ao final do conto, pela empregada da senhoria, Marcovaldo teme o despejo, “pois fazia seis meses que não pagava o aluguel” (CALVINO, 2015 [1963], p. 21). Essas indicações podem ser consideradas extremamente relevantes no que diz respeito à compreensão da premência do protagonista em buscar por meios alternativos de provisão em meio a um contexto urbano em que “o itinerário que os pássaros seguem [...] raramente atravessa a cidade” (CALVINO, 2015 [1963], p. 19): “os bandos cortam o céu bem alto, acima do dorso estriado dos campos [...] mas dão a volta assim que as cadeias de telhados de uma cidade surgem pela frente” (CALVINO, 2015 [1963], p. 19).

Já em OREMA, logo no início da narrativa, é exposta uma preocupação concernente aos produtos de ordem alimentícia: sendo considerados “ameaças, armadilhas e fraudes” (CALVINO, 2015 [1963], p. 79), os alimentos, a partir de seu processo de fabricação, empacotamento e distribuição industrial, estão longe de terem sua procedência e qualidade garantidas: essa discussão, hodiernamente, é ancorada pelos discursos bastante notórios sobre o cultivo de produtos orgânicos e, como citado ainda na fundamentação teórica desta pesquisa, acerca da agroecologia. No que tange ao pensamento ecosófico, é igualmente possível relacionarmos essa preocupação com a procedência do que consumimos a partir da articulação e da aproximação sugerida por Guattari (1989): a proximidade da mulher e do homem em meio a esse contexto de distanciamento constante em relação à natureza se torna latente e se configura, desta forma, como uma das bases para a transformação proposta pelo autor. Preocupar-se com a própria alimentação, segundo essa lógica, torna-se um ato político e necessário. É fato que, devido às conjunturas sociais e de interesse da grande indústria, não há tempo para que grande parte da população se atenha a essas problemáticas.

Ainda em OREMA, essa inquietude de Marcovaldo acerca da qualidade dos alimentos é propulsionada pelos comentários de pessoas em seu ambiente de trabalho,



que ficam atentas às notícias dos jornais responsáveis por delatar e alertar sobre condutas de violação alimentícia:

o queijo era feito de matéria plástica, a manteiga com velas de estearina, na fruta e na verdura o arsênico dos inseticidas estava concentrado em porcentagens mais fortes do que as vitaminas, para engordar os frangos enchiam-nos com certas pílulas sintéticas que podiam transformar em frango quem comesse uma coxa deles. O peixe fresco havia sido pescado o ano passado na Islândia e seus olhos eram maquiados para que parecesse de ontem. De algumas garrafas de leite saíra um rato, não se sabia se vivo ou morto. Das de óleo não escorria o sumo dourado da azeitona, mas gordura de mulas velhas, destilada de propósito (CALVINO, 2015 [1963], p. 79).

À preocupação do protagonista com os alimentos processados, já demonstrada na abertura da narrativa, é importante observar as escolhas lexicais do autor-modelo para reiterar a inquietude de Marcovaldo quanto à conjuntura não confiável de distribuição de alimentos: “sentia como o coice de uma mula no estômago, ou a corrida de um rato pelo esôfago” (CALVINO, 2015[1963], p. 79). A escolha do rato para representar esse sentimento de apreensão atrelado à condição do protagonista, anteriormente citado como saído de garrafas de leite, demonstra, portanto, a falta de condições de fiscalização e saneamento da produção dessas provisões. Trazê-los (tanto o coice de mula quanto a corrida do rato) e atrelá-los a sentimentos de desconforto é extremamente relevante, principalmente quando o rato é considerado pelo ideário coletivo como símbolo da imundície e da disseminação de doenças: a partir dessa apreciação, é possível reafirmar a preocupação de Marcovaldo quanto ao assunto, resumida nessas sensações nas figuras desconfortáveis do equino e do roedor.

A partir do pensamento constante de que “Todos os meus esforços devem ser dirigidos (...) para prover a família de alimentos que não tenham passado pelas mãos desleais de especuladores” (CALVINO, 2015 [1963], 80), Marcovaldo põe-se a buscar um local ao longo do rio da cidade, “que recebia restos, lixos e esgotos (...) [um local] onde a água seja realmente limpa” (CALVINO, 2015 [1963], p.80). Ao afastar-se da urbe, finalmente o protagonista é surpreendido por um alargamento do rio, uma espécie de bacia, que fascinava devido ao seu tom de azul: certo de que lá pescaria peixes sobreviventes do contexto tóxico advindo do despejo de esgoto ou de dejetos de fábricas da cidade, o trabalhador é alertado por um guarda, que o flagra com a cesta abundante em peixes, sobre a qualidade extremamente nociva da água da tal bacia – que era mais azul devido à sua poluição com tinta proveniente da fábrica têxtil logo acima do local, ocultada

pelos salgueiros da região. Outro alerta deferido pelo guarda, a Marcovaldo, é de que, se os peixes tivessem sido pescados mais acima, o trabalhador deveria sofrer (além da apreensão do pescado) multa, por se tratar de uma área de reserva ambiental de pesca. O protagonista, prontamente, afirma não ter coletado os peixes da reserva, e sim, tê-los comprado numa peixaria próxima à cidade. Mesmo tecendo explicações ao vigilante, Marcovaldo ainda é informado, ademais, da necessidade de pagar um imposto para retornar com os peixes à cidade, exatamente por encontrar-se “fora do perímetro urbano” (CALVINO, 2015 [1963], p. 83).

Isto posto, é possível ser observado o extremo do pensamento cartesiano instaurado (e disseminado) ainda no período iluminista: o da dominação máxima do homem sobre a natureza, numa época em que as sensibilidades acerca do meio natural eram pautadas na exploratória da lógica expansionista e capitalista, atribuindo ao campo e à natureza, portanto, uma conotação negativa, como postulado por Thomas (2010 [1983]). No entanto, em OREMA, pode-se notar que o controle estabelecido pela cidade (simbolizado pela figura do guarda) sobre o meio natural, localizado em região periférica à urbe, não mais atribui à natureza um caráter nocivo (por mais que lhe coubesse, em razão das diferentes poluições do rio e da contaminação dos peixes, uma avaliação mais negativa): menos interessada em dominar, a humanidade, no contexto histórico da obra de Calvino, deixa de encarar o natural como um perigo e o vê como uma fonte de recursos a ser explorada, da qual deve servir-se a seu contento. Daí sua utilização como receptáculo para dejetos industriais. É imprescindível observar, porém, que, frente à poluição do rio e dos peixes pescados, Marcovaldo não cede a uma interpretação simplista da natureza como uma entidade malsã e menos prática ou legítima que o meio urbano; pelo contrário, o proletário se surpreende com a corrupção do meio ambiente e com a atividade regulamentadora efetuada pelo Estado. Ademais, esse controle abusivo, que tolhe o direito do cidadão ao livre acesso do espaço, já demarcado pela dominação da cidade, da indústria e seu monopólio, pode ser lido como extremado, e reafirma a necessidade já exposta por Guattari (2006[1989]) de se articular uma aproximação do meio natural, a fim de romper com perspectivas anteriormente instauradas (que fazem do homem o centro de seu olhar) e sugerir a incorporação de outras, que consideram a mulher e o homem partes integrantes de uma rede responsável por interligar seres humanos, não-humanos, animais, plantas e manifestações naturais.

Em OCV, um dos contos mais extensos da coletânea, é possível observar, assim como em OTCV e CNC, a relação homem-animal modificada, a partir dos pressupostos

anteriormente citados acerca da superioridade do homem em relação a outras espécies. Eis que Marcovaldo, estando no hospital e aguardando ansiosamente por receber alta (em nenhum momento da narrativa é ofertada ao leitor a informação sobre o motivo pelo qual o protagonista permaneceu no local por alguns dias), é direcionado ao laboratório da casa de saúde. Lá, depara-se com um coelho enjaulado, o que provoca no trabalhador pensamentos sobre “como deveria estar infeliz, fechado naquele lugar apertado, vendo aquela cenoura e não podendo comê-la” (CALVINO, 2015[1963], p. 62). Num primeiro momento, sentindo-se empático à existência miserável do animal, Marcovaldo abre-lhe a portinhola da gaiola. Já em contato com o coelho, e apalpando seu dorso, começa a imaginar o pequeno bicho assado, caso o levasse a sua casa para engordá-lo, em primeiro lugar, apropriadamente.

A partir daí, a narrativa começa a esboçar, especialmente, dois afastamentos do homem relativamente à natureza, simbolizada pela figura do coelho: roubado o animal do laboratório do hospital, Marcovaldo encarrega a esposa, Domitilla, de engordá-lo e cozinhá-lo até o Natal, mesmo a família não tendo condições de oferecer alimento a ele, por conta de sua própria condição de classe; a esposa do trabalhador, porém, adianta<sup>73</sup> os planos e decide por levá-lo para a panela um dia depois da volta do marido à casa. Neste momento, vê-se o primeiro distanciamento, muito comum a partir da consolidação dos processos de industrialização e do afastamento da mulher e do homem do meio natural: a da recusa a matar o animal. Não se sabe se a falta de coragem de Domitilla de ceifar a vida do coelho advém do início de uma relação afetiva com o animal, adorado pelos filhos<sup>74</sup>, ou se simplesmente rompe com hábitos ancestrais de alimentação, que envolviam a caça e a pesca de animais, exatamente porque este já começa a se tornar, a partir da Revolução Industrial, um comportamento pouco típico, principalmente no que tange às

---

<sup>73</sup> Nessa passagem, são introduzidas, a partir da voz de Domitilla, outras informações a respeito da questão de classe que perpassa a família: “Naquela manhã a mulher de Marcovaldo não sabia o que colocar na panela. Olhou o coelho que o marido levava para casa um dia antes e que agora estava numa gaiola improvisada, cheia de aparas de papel. “Veio mesmo a calhar”, disse consigo mesma. “Dinheiro não temos; o salário já foi com os remédios extras que a Previdência Social não paga; os armazéns já nos cortaram o crédito. Nada de fazer criação ou esperar o Natal para colocá-lo no forno! Estamos pulando refeições e ainda temos de engordar um coelho!” (CALVINO, 2015[1963], p. 65).

<sup>74</sup> A sério, as crianças nutrem pelo coelho um grande cuidado e tentam salvá-lo da morte: “De fato, os três meninos, querendo salvar o coelho da morte, pensaram em leva-lo para um lugar seguro, brincar um pouco e depois deixa-lo ir embora; e, em vez de parar no andar da dona Diomira, decidiram subir em um terraço que havia nos telhados. Diriam à mãe que ele arrancara a coleira e fugira” (CALVINO, 2015 [1963], p. 67). Para ilustrar, dona Diomira seria a responsável por matar e desossar o animal, já que nem Domitilla nem Isolina atrevem-se a executar tal ato.

idades, suas configurações e as (novas) necessidades de sua população. O segundo afastamento do homem para com a natureza, sugerido na obra, reflete uma questão deveras discutida hodiernamente: a do direito animal. Ao longo da narrativa, é revelado que o coelho é utilizado como cobaia em experimento<sup>75</sup>, e portador de “uma doença tremenda” (CALVINO, 2015[1963], p. 66). Tendo sido, portanto, modificadas as sensibilidades da mulher e do homem a respeito dos animais, desde a época em que, ainda no século XVI, René Descartes sustenta “A tese de que os animais são meros autômatos (...) basicamente em oposição à visão escolástica segundo a qual toda criatura viva é dotada de alma, o que implica numa hierarquia de faculdades, muitas vezes referida como as várias partes da alma” (ROCHA, 2004, p. 351) — noção essa que corrobora outro pensamento cartesiano, o da superioridade do homem à natureza, como já exposto anteriormente —, é possível compreender a dominação animal e seus assujeitamentos às necessidades humanas:

Mas como se soubesse de todos esses dissabores só a fome poderia ser aliviada, e reconhecesse que aqueles pérfidos seres humanos lhe podiam dar — além de sofrimentos cruéis — um senso — do qual necessitava — de proteção, de calor doméstico, decidiu render-se, prestar-se ao jogo dos homens; não importava como tudo terminaria (CALVINO, 2015 [1963], p. 68).

---

<sup>75</sup> É importante pontuar que a utilização de animais para a experimentação foi iniciada ainda no início do século XX, e potencializada logo após a Segunda Guerra Mundial — em que pesquisas com seres humanos, nos campos de concentração sob o domínio nazista, foram aprovadas e executadas. A partir do final da guerra, as discussões acerca da ética médica foram levantadas e questionadas, tendo sido o *Código de Nuremberg* — um conjunto de princípios éticos que regem as questões concernentes à pesquisa com seres humanos — extremamente relevantes a propósito das questões que pautam o consentimento médico e a ilegalidade da coerção. A partir do estabelecimento desse código, que possuía dez princípios básicos, testes experimentais aplicados a mulheres e homens foram coibidos, mas autorizou-se, portanto, a utilização de animais em pesquisas com motivações clínicas. Sabe-se que, hodiernamente, os experimentos envolvendo animais ultrapassam os interesses científicos calcados na evolução médica: ratos, coelhos, macacos, gansos, porcos e cães são utilizados a fim de atender às necessidades movidas pelas indústrias farmacêutica, cosmética e alimentícia, instigando, portanto, discussões acerca da capacidade desses (e de todos) os animais de vivenciar sentimentos como dor, angústia, solidão, amor, alegria e raiva, o que permite estender a discussão da ética humana à animal. Há, atualmente, corporações ao redor do mundo que vêm incorporando em seus princípios a ideia de direito animal e dispõem, em seu catálogo, de alimentos, roupas e outros utensílios de conveniência livres de testes envolvendo os bichos, ou de qualquer fonte de alimentação advinda da produção animal, como leite e ovos. Selos de certificação como *não testado em animais*, *animal friendly* (numa tradução ao pé da letra, amigável aos animais) ou *cruelty free* (livre de crueldade) estampam as embalagens desses produtos.

Isto posto, faz-se interessante ressaltar a virada ocorrida na narrativa a partir da fuga do pequeno mamífero: o foco do conto é transferido para a figura do coelho, sendo atribuídos a ele sentimentos como o medo, retomando a tradição escolástica oposta ao pensamento cartesiano de considerar todo ser, humano e não humano, dotado de alma, como exposto acima<sup>76</sup>. Não há, no entanto, uma mudança de perspectiva no que se refere à figura do animal: este é tratado em terceira pessoa por uma voz narradora onisciente, que se configura empática à sua existência:

Quando ficou sozinho, o coelho começou a se mexer. Ensaçou alguns passos, olhou ao redor, mudou de rumo, virou-se, depois com pequenos impulsos, dando pulinhos, pôs-se a andar pelos telhados. Era um animal que nascera prisioneiro: seu desejo de liberdade não tinha grandes horizontes. *Não conhecia outro bem da vida além de poder ficar algum tempo sem medo. Eis que agora podia mover-se, sem nada em volta que lhe provocasse medo, talvez como nunca antes em sua vida* (CALVINO, 2015 [1963], p. 67 —grifo nosso).

Finalmente, em *OCV*, a narrativa volta-se à figura do animal e mistura-se aos seus sentimentos, diferentemente de outros contos como *OTCV*, *OPM* e *OREMA*: na décima primeira história, como é possível observar a partir do excerto acima, o foco narrativo onisciente mescla-se com a presença de discurso indireto livre, presente em “Não conhecia outro bem da vida além de poder ficar algum tempo sem medo” (CALVINO, 2015 [1963], p. 67). O discurso narrativo segue entrecortado por escolhas pronominais, como “se”, “lhe” e “sua”, que reiteram o distanciamento em relação ao coelho, por retratá-lo a partir da seleção desses pronomes, mas as desinências verbais presentes em “conhecia”, “podia” e “conhecesse”, por serem idênticas tanto na primeira quanto na terceira pessoas, reiteram essas movimentações do discurso narrativo, sugerindo um ponto tênue entre a relação humano-animal. Essas aproximações e distanciamentos promovidos pelas mudanças de narração, além de corroborarem uma poética alteritária baseada em pressupostos ecosóficos de articulação ambiental e retorno às questões

---

<sup>76</sup> Segundo Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo brasileiro, as questões que concernem a alma, segundo os povos ameríndios, podem ser ampliadas e discutidas por uma outra perspectiva que não somente a de considerar seres humanos e não humanos: “Tipicamente, os humanos, em condições normais, vêem os humanos como humanos, os animais como animais e os espíritos (se os vêem) como espíritos; já os animais (predadores) e os espíritos vêem os humanos como animais (de presa), ao passo que os animais (de presa) vêem os humanos como espíritos ou como animais (predadores). Em troca, os animais e espíritos se vêem como humanos: apreendem-se como (ou se tornam) antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 117).

concernentes ao meio natural e suas manifestações, também expõem o conflito interno travado primeiramente por Marcovaldo e, posteriormente, por sua esposa e filhos, no que tange à morte do animal para abastecer a família de alimento. Seria de interesse observar que essas tensões, expostas pelas escolhas narrativas que propulsionam o delineamento de novos matizes na obra, podem, igualmente, simbolizar inquietação no que diz respeito a prosseguir (ou não) com padrões modernizatórios impostos pela sociedade de consumo, como o encorajamento e manutenção das dietas alimentares baseadas na ingestão de carne animal, do mesmo modo que o alheamento da mulher e do homem no que toca aos animais, advindos da configuração das cidades, contribuem para a alienação da população acerca dos processos de alimentação<sup>77</sup>.

É possível serem observadas as mesmas características narrativas expostas em OCV no décimo nono conto da coletânea, *O jardim dos gatos obstinados* (OJDGO) que, além de levantar questões concernentes à natureza espacialmente modificada, trazendo à discussão transformações profundas do espaço geográfico e da verticalização das cidades, também constrói um discurso focado na figura do animal felino, paulatinamente distanciando de uma convivência anteriormente possível: “Poucos gatos lembram o tempo em que não havia diferença: as ruas e as praças dos homens eram também ruas e praças dos gatos, e os gramados, e as sacadas e as fontes” (CALVINO, 2015 [1963], p. 115). Mantendo a característica de onisciência da narração e tratando os felinos em terceira pessoa, esse distanciamento ainda faz-se tênue devido à escolha lexical do verbo “lembrar”, que atribui ao gato uma senciência não explorada pelo autor-modelo em outras narrativas que retratam figuras animais. O movimento de aproximação, porém, torna-se mais eficaz ainda no mesmo parágrafo do trecho citado, quando a onisciência cede lugar ao discurso indireto livre, em que não há nenhuma marcação explícita de pronomes ou desinências verbais que possam fazer menção essencialmente à figura do gato, permitindo, então, a mescla de vozes entre a narração e o próprio (e atento) olhar felino sobre as novas aparências da urbe:

---

<sup>77</sup> Para ilustrar, o *Innovation Center for U.S. Dairy* (Centro de Inovação para os lácteos nos Estados Unidos) organizou, no ano de 2017, uma pesquisa online para a coleta de dados sobre o pensamento do cidadão estadunidense em relação aos seus hábitos alimentares conscientes. 48% das 1000 pessoas que responderam à questão “De onde vêm os leites achocolatados?” afirmaram que a bebida láctea é proveniente de vacas marrons. Os números só fazem reiterar, portanto, o afastamento de mulheres e homens modernos em relação aos processos de produção de alimentos, suas composições e ciclos.

As ruas são ininterruptamente percorridas pelo tráfego mortal dos carros trucidagatos; em cada metro quadrado de terreno onde se abria um jardim ou uma área livre ou as ruínas de uma velha demolição agora imperam condomínios, habitações populares, arranha-céus novos e faiscentes; todo corredor fica apinhado de carros estacionados; os pátios são recobertos um a um por toldos e transformados em garagens, ou em cinemas, ou em depósitos de mercadorias, ou em oficinas. E, onde se estendia um altiplano ondulante de telhados baixos, cimalhas, mirantes, caixas-d'água, sacadas, claraboias, alpendres de zinco, agora se ergue a edificação generalizada de andares em cada vão edificável: desaparecem os desníveis intermediários entre o ínfimo solo viário e o céu exclusivo das supercoberturas (CALVINO, 2015 [1963], p. 115).

### 5.1 NATUREZA MODIFICADA E O *FLÂNEUR ÀS AVESSAS*<sup>78</sup>

Assumindo uma existência instável pela sua condição de classe, Marcovaldo não se reconhece em seus semelhantes, não encontra alívio nas turbulências do dia a dia e nem mesmo nas majestosas vitrines das lojas ou nos letreiros coloridos das ruas. É somente no contato com a natureza – já modificada pela ação humana<sup>79</sup> – que Marcovaldo aquieta um pouco todas as massivas dúvidas do indivíduo fragmentado: prefere o silêncio à multidão, a introspecção à realidade do cotidiano:

Oh, quem me dera acordar uma vez com o chilrear dos passarinhos e não com o estrilo do despertador, os berros do recém-nascido Paolino e as reclamações da minha mulher Domitilla! (...) Oh, quem me dera dormir aqui, sozinho em meio a este verde tão fresco, e não naquele quarto baixo e quente; aqui no silêncio, não entre os roncões e conversas durante o sono de toda a família e correria de bonde na rua; aqui na escuridão natural da noite, não naquela artificial das persianas fechadas, cortadas em listras pelo reflexo dos faróis; oh, quem me dera ver folhas e céu ao abrir os olhos! (CALVINO, 2015 [1963], p. 11).

É em suas andanças pela cidade que Marcovaldo procura alento nas manifestações naturais. Do canto dos pássaros ao encontro da praça, o protagonista exerce uma forma de resistência, de negação escapista de sua realidade e da “miséria de sua existência”

---

<sup>78</sup> É sabido que o *flâneur* proposto por Baudelaire admite características de herói maldito, sendo a sua *flânerie* distante da vivida por Marcovaldo na obra em questão, visto que o texto literário de Calvino, diferente do autor francês, é carregado de uma ironia que se aproxima do personagem bufo-melancólico e se afasta da carga lúgubre desempenhada pelos termos *flânerie* e *flâneur*. Portanto, é sugerido o uso do termo *flâneur às avessas* não só para indicar outro tom no que tange às andanças de Marcovaldo, mas igualmente para salientar a sua *flânerie* em meio a uma modernidade já instalada, diferentemente da proposta por Baudelaire na segunda metade do século XIX.

<sup>79</sup> Um exemplo claro da ação do homem sobre a natureza pode ser visto em *Férias num banco de praça*: “Indo a pé todas as manhãs para o trabalho, Marcovaldo passava sob o verde de uma praça arborizada, um quadrilátero de jardim público recortado no meio de quatro ruas” (CALVINO, 2015 [1963], p. 11).

(CALVINO, 2015 [1963], p. 7). Nesse contexto, há pontos de contato e distanciamento de Marcovaldo no que diz respeito à figura do *flâneur* de Baudelaire, “um observador apaixonado” (BAUDELAIRE<sup>80</sup>, 1996 [1869], p. 18). Diferentemente do *flâneur* do poeta francês, o anti-herói proletário não encontra alívio na multidão, não se sente confortável em meio à balbúrdia dos passantes, e assume, portanto, um caráter “imbecil e desprezível” (BENJAMIN, 2000, p. 35), conforme as palavras de Constantin Guys recuperadas por Baudelaire.

É sabido, porém, que a imbecilidade de Marcovaldo em negar as multidões nada tem de estúpida. A sua forma de ver o mundo, de lançar um olhar estético para a cidade em busca de resquícios naturais, é um privilégio para “Poucos homens [que] são dotados da faculdade de ver” (BAUDELAIRE, 1996 [1869], p. 21), uma forma de impor-se e, mesmo que de maneira inconsciente, negar as tantas exigências das sociedades modernas e capitalistas por meio da exploração da subjetividade, um dos três registros ecosófico que Félix Guattari propõe como rearticulação para solucionar a “progressiva deterioração” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 7) dos modos de vida individuais e coletivos. A *flânerie* de Marcovaldo – que, diferentemente da de Baudelaire, ocorria somente em seu breve repouso (como em *Ar puro*, em que o passeio se dá numa tarde de sábado e estende-se até a noite) ou no caminho para o trabalho (como em *Férias num banco de praça*) – não se desenvolve “entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo” (BENJAMIN, 2000, p. 35), demarcando a grande oposição existente entre os dois *flâneurs*:

Para o trabalhador, o prazer de ficar quieto é esgotante. Mesmo que a casa em que habite sob um céu sem nuvens seja guarneçada de verdes, perfumada de flores e animada pelo gorjeio dos pássaros, se ele está ocioso, permanece inacessível aos encantos da solidão. Mas, se por acaso, o som ou o apito agudo de uma fábrica distante atinge o seu ouvido; se simplesmente ouve o estalido monótono dos trituradores de uma manufatura, logo sua fonte se ilumina... Já não sente o perfume requintado das flores (FOUCAULT *apud* BENJAMIN, 2000, p. 36).

A *flânerie* de Marcovaldo se assemelha àquela descrita por Baudelaire no que tange à constante necessidade de preencher o desespero causado pela nova ordem urbanizatória e, conseqüentemente, social. Para este, o júbilo era encontrado na

---

<sup>80</sup> A obra *Sobre a Modernidade*, de Charles Baudelaire, é composta por um conjunto de ensaios, e, originalmente, fora intitulada *Le Peintre de la vie moderne* (O pintor da vida moderna) e publicada em periódico em 1863. Posteriormente, foi publicada em formato de livro (em 1869).



eletricidade da multidão; para aquele, na calmaria da natureza em meio à cidade ou nos arredores dela, locais onde “estavam o frescor e a paz” (CALVINO, 2015 [1963], p. 12), onde poderia provar os encantos da solidão, que não apeterceriam aos demais trabalhadores. Outra semelhança possível de se estabelecer entre os apaixonados observadores é a aproximação tanto do artista como do homem comum à figura da criança, que se utiliza de sua curiosidade como ponto de partida para significar o novo

A criança vê tudo como novidade; ela sempre está inebriada. Nada se parece tanto com o que chamamos inspiração quanto a alegria com que a criança absorve a forma e a cor. Ousaria ir mais longe: afirmo que a inspiração tem alguma relação com a congestão, e que todo pensamento sublime é acompanhado de um estremecimento nervoso, mais ou menos intenso, que repercute até no cerebelo. O homem de gênio tem nervos sólidos; na criança, eles são fracos. Naquele, a razão ganhou um lugar considerável; nesta, a sensibilidade ocupa quase todo o seu ser (...) É a curiosidade profunda e alegre que se deve atribuir o olhar fixo e animalmente estático das crianças diante do novo, seja o que for, rosto ou paisagem, luz, brilhos, cores, tecidos cintilantes, fascínio da beleza realçada pelo traje (BAUDELAIRE, 1996 [1869], p. 18).

Nesse caso, Marcovaldo demonstra curiosidade infantil por sua extrema ingenuidade, característica de sua personalidade. O novo, nesse ponto, não está relacionado às inovações da grande metrópole, “em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades” (BERMAN, 1986 [1982], p. 21): a novidade é encontrar vestígios (mesmo que mínimos) de uma natureza resiliente a essas transformações. Nem sempre fora assim. Marcovaldo, que, quando jovem, “chegara à cidade e se sentia atraído por aquelas ruas, por aquelas luzes, como se esperasse sabe-se lá o quê” (CALVINO, 2015 [1963], p. 51), hoje se observa desgastado pela urbe fascinante de outrora. Para ele, portanto, o novo pressupõe um retorno ao natural, à vida que possuía antes do êxodo rural.

Assim como o *flâneur* delineado por Baudelaire, que ao final da boemia assume a modernidade como sendo um caminho sem volta, o protagonista toma consciência desse fato, sem aceitá-lo completamente. É então, em sua *flânerie* diária, que Marcovaldo resiste e insiste em olhar ao redor com uma subjetividade que propõe um retorno àquele mundo de outrora, recheado não somente das vicissitudes dilacerantes do cotidiano, mas também de grandes e pequenos eventos que correspondam “também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo” (GUATTARI, 2006 [1989], p. 9), tão incansavelmente buscados pelo trabalhador nas pequenas oportunidades do dia.

Destarte, considera-se primordial reiterar as ponderações expostas neste capítulo, concernentes às questões de mudança de sensibilidade em relação à natureza, suas manifestações, plantas e animais. A partir do texto literário, essas discussões acerca da importância ecosófica de retorno ao meio natural (seja pelas andanças do *flâneur* às avessas, seja pelas possibilidades despertadas em meio à vida moderna) fazem-se contundentes, assim como demonstram uma possibilidade desse retorno mesmo estando, no caso, Marcovaldo e a família assujeitados pelas tradições modernas e capitalistas de alienação de processos, aqui, validados às voltas das relações da mulher e do homem com os animais e as plantas. Mais uma vez, reforça-se a importância de estabelecer um olhar crítico e formativo no que tange a essas questões tão fundamentais sobre a natureza e sua exaltação, para que, de fato, o início de uma virada ontológica possa ocorrer e possa ser fomentada a partir da Literatura, atrelada à Filosofia, à Sociologia e à Antropologia.

## 6 NATUREZA CONSUMISTA

*Fecharam-me todas as portas abstractas e necessárias.  
Correram cortinas de todas as hipóteses que eu poderia ver da rua.  
Não há na travessa achada o número da porta que me deram.  
Álvaro de Campos*

A partir da leitura de *A marmita* (sétima narrativa da obra em questão - outono), *Lua e GNAC* (décima quarta narrativa - verão), *Marcovaldo no supermercado* (décimo sexto conto - inverno) e *Os filhos de Papai Noel* (vigésima narrativa - inverno)<sup>81</sup>, é possível serem estabelecidos alguns parâmetros congêneres de apreciação, que perpassam os textos elegidos. Faz-se interessante notar como Marcovaldo, a partir, principalmente, de sua questão de classe, é corriqueiramente atizado a participar do mesmo universo que promove a sua exclusão. Essas questões ambivalentes, comuns aos sujeitos modernos, permeiam o cotidiano de Marcovaldo e de sua família, afetados pelo incômodo da fome, mas distantes de assumirem uma reflexão acerca das arbitrariedades impostas a eles por uma conjuntura de trabalho opressora e descomedida, como fica bem claro em *Os filhos de Papai Noel*, por exemplo. Mesmo sendo desafiado, diariamente, em sua vontade de viver com um pouco mais de conforto, Marcovaldo ainda consegue assentar seu olhar relativamente às possibilidades advindas do próprio contexto urbano, capitalista e excludente: é a partir da comparação de elementos da urbe com outros ligados à natureza que o protagonista tem a sua desolação um pouco mais atenuada, mesmo que, em determinadas situações, seja absorvido por nuances melancólicas projetadas pela publicidade e pela efervescência do mercado consumidor. É sob a perspectiva do descomedimento das imposições advindas desse contexto, assim como da percepção de Marcovaldo e sua família a respeito dessa conjuntura, que a análise das narrativas selecionadas nessa seção irá desdobrar-se.

Em *Lua e GNAC* (LEG), o protagonista, Marcovaldo, sente-se frustrado na tentativa de exemplificar aos filhos, através da janela da mansarda em que habitam, as constelações visíveis num céu de verão. É impedido por uma inscrição publicitária, pertencente à empresa SPAAK-COGNAC, instalada em frente à sua janela e “que ficava vinte segundos acesa e vinte apagada, e quando estava acesa não se via mais nada” (CALVINO, 2015 [1963], p.83); ou seja, a luz artificial emanada do anúncio luminoso

---

<sup>81</sup> Os contos aqui estão enumerados de acordo com sua ordem de aparição na obra. No entanto, a análise não segue a ordem mencionada.

sobrepõe-se à luz natural das estrelas e da lua. Daí o intenso descontentamento de Marcovaldo; o proletário, diferentemente dos filhos, e tão alheio às mudanças citadinas bruscas, recebe com espanto seus comentários naturalizados ao ambiente urbano, vertical e elétrico: os descendentes, diferentemente do pai, haviam nascido e crescido em meio à realidade da urbe, enquanto que Marcovaldo “chegara à cidade e se sentira atraído por aquelas ruas, por aquelas luzes” (CALVINO, 2015 [1963], p. 51) somente num passado distante, pertencente à sua juventude.

A naturalização dos processos de modernização (“processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser” (BERMAN, 1996[1982], p.16)) à qual os filhos de Marcovaldo estão submetidos pode amplamente ser difundida pelos instrumentos de mídia, pela introjeção de anúncios publicitários nos espaços públicos e pela nova ordem de mercado. A partir da atuação conjunta desses fatores, a sociedade experiencia, de modo mais contundente, a formação de uma cultura não mais fronteiriça, mas global, direcionada e reduzida aos interesses dos meios de comunicação e da expoente cultura de consumo. Ambas (a cultura da mídia e a de consumo) “atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes” (KELLNER, 2011, p.11), assujeitando, portanto, os indivíduos a uma lógica por vezes alienante e reducionista, direcionada tão-somente ao dispêndio incessante de bens de consumo e serviços.

É a partir de movimentos de resistência iniciados na década de 60 que uma nova perspectiva de pesquisa foi alçada na esfera acadêmica: a de olhar (e perceber) os indivíduos que estavam à margem da sociedade moderna - “os explorados e perseguidos por outras raças e outras cores, os desempregados e os inempregáveis” (MARCUSE *apud* BERMAN, 1996 [1982], p. 28). Esse movimento, que pode ser reconhecido como poética da alteridade, assume que o “vir-a-ser, do indivíduo e do sentido, está fundado na diferença” (SOBRAL, 2007, p. 106). Destarte, essas dessemelhanças dos sujeitos são atenuadas a partir da modernidade e do processo de modernização, que intensificam o surgimento (como proposto por Stuart Hall) dos sujeitos descentralizados que vivenciam mudanças estruturais sociais no que tange à “classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” (HALL, 2015, p.10). Essa transformação da própria experiência da modernidade é retratada, em *LEG*, principalmente quando pontua a relação do pai, Marcovaldo, com a nova geração de filhos, habituados ao concreto, à luz néon dos anúncios luminosos e aos espaços da urbe rapidamente modificados e (re)organizados pelo mercado:

O mercado reorganiza o mundo público como palco de consumo e dramatização dos signos de status. As ruas tornam-se saturadas de carros, de pessoas apressadas para cumprir obrigações profissionais ou para desfrutar uma diversão programada quase conforme a renda econômica (CANCLINI, 2013, p.288).

Retidos na moradia por questão econômica frágil, resta a Marcovaldo, à esposa e aos filhos, à vista disso, contemplar os corpos celestes da minúscula janela da modesta morada como forma de entretenimento. A trama de LEG torna-se conflituosa quanto mais o protagonista indigna-se com a alienação dos filhos em relação à composição do mundo, especificamente quando o piscar incessante do letreiro luminoso fazia “os astros de Marcovaldo confundir-se com o comércio terrestre” (CALVINO, 2015 [1963], p. 85) ou quando um dos menores indaga ao pai qual fora a empresa responsável por colocar a lua no céu, já que esta, assim como a publicidade da empresa SPAAK, também se encontra suspensa no alto. Pasmado com tal colocação, num primeiro momento, Marcovaldo insiste na batalha de diferenciação da propaganda (e dos meios de produção) e dos elementos naturais aos filhos, interessados em compreender qual é, de fato, a função da publicidade luminosa, que estorva não somente o vislumbrar do céu pela família do trabalhador e protagonista, mas também as possibilidades de um sono restaurador possibilitado pela ausência completa de luz.

Essa situação adversa soa absurda, mas, como na experiência da modernidade “nada é chocante, porque todos se acostumam a tudo” (ROUSSEAU *apud* BERMAN, 1996 [1982], p. 17), o letreiro luminoso permaneceu no prédio à frente, intacto e piscante, até a tomada de decisão de Michelino, um dos filhos menores, de pôr fim à parte da imposição luminosa antinatural, com o intuito de observar as constelações de Leão e Gêmeos. Na tentativa de corromper a “cultura de imagem, que explora visão e audição” (KELLNER, 2011, p.6), Michelino ataca a publicidade com pedras e estilingue, estabelecendo, mesmo que simbolicamente, uma quebra da imposição constante do processo de modernização na vida social, e permitindo à família, principalmente a Marcovaldo, apreciar a abóbada celeste distante do mundo lá em baixo:

Deste mundo só chegava lá em cima uma fosforescência difusa, vaga como fumaça. E, ao se levantar o olhar não mais ofuscado, abria-se a perspectiva dos espaços, as constelações se dilatavam em profundidade, o firmamento rodava em todas as direções, esfera que contém tudo e não é contida por nenhum limite, e somente um diluir de sua trama,

como uma brecha, abria no rumo de Vênus para fazê-la ressaltar sozinha sobre a moldura da terra, em sua imóvel punctura de luz explodida e concentrada num ponto (CALVINO, 2015 [1963], p. 86).

Extasiada pelo feito do moleque, a família só se dá conta das possíveis consequências do ato de Michelino no dia seguinte, confirmando a contradição estabelecida pela modernidade em que “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventuras, poder, alegria, autotransformação e transformação das coisas ao redor— mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 1996 [1982], p.15). Ao ser interpelado por um “agente de publicidade luminosa”, o núcleo familiar inquieta-se ao supor ser responsabilizado pelo apagamento do letreiro piscante. Logo, Marcovaldo é informado que o agente pertence a outra companhia, a COGNAC TOMAWAK, e que este tem o intuito de substituir o letreiro da SPAAK-COGNAC, em declarada falência, por uma publicidade maior e mais luminosa da empresa a qual ele representa, em ascensão. A celeridade com que o anúncio é substituído reitera o pressuposto apresentado no parágrafo de abertura deste capítulo sobre a atuação conjunta da cultura da mídia aliada à de consumo, característica tocante à modernidade:

O dinamismo inato da economia moderna e da cultura que nasce dessa economia aniquila tudo aquilo que cria — ambientes físicos, instituições sociais, ideias metafísicas, visões artísticas, valores morais — a fim de criar mais, de continuar infindavelmente criando o mundo de outra forma. Esse impulso atrai para sua órbita todos os homens e mulheres modernos e nos força a enfrentar a questão do que é essencial, significativo, real no torvelinho dentro do qual vivemos e nos movimentamos (BERMAN, 1996 [1982], p. 273).

*LEG*, como obra estética, denuncia e expõe os paradoxos de se viver na modernidade. Confrontado com o alheamento dos filhos advindo da naturalização dos processos de modernização e das intensas transformações da realidade experienciada por eles na cidade, Marcovaldo sente-se grandemente invadido quando, por mais uma vez, é acometido pela imposição da modernidade através da mídia (simbolizada pela publicidade luminosa) bem em frente à sua janela - esta, uma das únicas possibilidades de entretenimento concedidas ao homem e à sua família. Ao ser analisado o impacto do efeito da naturalização desses processos advindos da modernidade diante dos personagens e de suas posturas perante a situação adversa imposta, faz-se interessante destacar o

intuito do *autor-modelo* de tecer críticas (não somente em *LEG*, mas igualmente nas próximas narrativas que aqui virão) no que tange, principalmente, ao drama paradoxal da modernidade, que

constitui-se precisamente no choque que interrompe o fluxo da experiência tradicional, na destruição sistemática desses espaços-tempos insulados, no esquecimento produzido pelo desencontro de linguagens, na lógica desestruturante das identidades comunitárias, na violência como apanágio legal do Estado (HARDMAN, 1992, p. 68).

A tentativa de Marcovaldo e sua família de libertarem-se da imposição luminosa da publicidade torna-se falha num segundo momento, o que reforça a velocidade da destruição criadora comum às cidades e a sua lógica de mercado, despertando nos indivíduos, portanto, um sentimento de não pertencimento a essa conjuntura, paralelamente à qual se alastram a cultura da mídia e a de mercado.

Em *O bosque na rodovia* (OBNR), a publicidade é apresentada, diferentemente de *LEG*, como uma resolução dos problemas da família de Marcovaldo: subvertendo-se a sua função, os anúncios publicitários tornam-se, no segundo conto representante do inverno na coletânea, um meio de subsistência que não o propagado pela noção essencial da publicidade. Utilizados para, numa noite de inverno, sustentarem o fogo aceso na pequena casa do trabalhador e da família, os anúncios têm retiradas as suas estruturas de madeira para serem levadas, portanto, à casa gélida. É possível observar na narrativa questões já tratadas em análises anteriores: assim como em AP, a inocência dos filhos de Marcovaldo em relação ao meio natural é bastante evidente, assim como igualmente ocorre em *LEG*. A alienação presente na vida dos filhos do protagonista também já foi temática discutida anteriormente quanto ao afastamento e à aproximação de mulheres e homens para com a natureza. Portanto, essas proposições são retomadas em *OBNR*, a fim de repetir, mais contundentemente, os processos de alienação sofridos não só pelas crianças da família, que já nasceram afastadas, de fato, dos contextos do campo e da natureza, mas também concernentes às próprias vivências de Marcovaldo e sua esposa, Domitilla, na urbe.

OBNR é entrecortado por informações que apresentam a questão de classe do protagonista e sua família: algumas delas, já no início da narrativa, fornecem detalhes acerca da veste do trabalhador, insuficiente para o frio pelo qual é acometido ao sair de casa em busca de lenha. Para aliviá-lo, “pôs quatro ou cinco folhas

de jornal entre a jaqueta e a camisa à guisa de couraça contra os golpes de vento” (CALVINO, 2015 [1963], p.45); outras corroboram as questões de reumatismo sofrido por Marcovaldo e alguns entes de sua família, como retratado, anteriormente, em TCV:

Na casa de Marcovaldo, naquela noite, haviam terminado os últimos gravetos, e a família, toda encapotada, observava as brasas empalidecendo na estufa, e as nuvenzinhas saindo de suas bocas a cada respiração. Não diziam nada; as nuvenzinhas falavam por eles: a mulher as expelia longas como suspiros, os filhos extasiados, sopravam-nas como clarões de gênio que logo se desvanecem (CALVINO, 2015 [1963], p. 45).

Retomando as questões relativas à alienação dos filhos de Marcovaldo, pode-se observar como Michelino acaba por comparar os anúncios publicitários com árvores num bosque: o tom ingênuo e distanciado do menino soa absurdo e atribui à narrativa um tom cômico, como de costume na obra como um todo:

Tinham os troncos finos, finos, retos ou oblíquos; e copas achatadas e amplas, com formas as mais estranhas e as mais estranhas cores, quando um carro passou e iluminou-as com os faróis. Ramos em forma de dentifrício, de rosto, de queijo, de mão, de navalha, de garrafa, de vaca, de pneu, constelados por folhagens de letras do alfabeto (CALVINO, 2015 [1963], p. 46).

A utilização dos anúncios publicitários para outro fim, assim como o tom jocoso conferido pelo oitavo conto, ao mostrar Marcovaldo e os filhos perseguidos pelo míope agente Astolfo (e sendo tomados como parte da própria publicidade ali exposta, na área próxima à rodovia), contribuem para a denúncia refletida por essa narrativa: na mesma cidade em que muitos têm poder aquisitivo para deleitarem-se com as facilidades dos produtos ali anunciados, outros tantos ainda veem-se obrigados a morar, viver e existir de forma desconfortável e, por vezes, insalubre. Trazendo à luz o pensamento de Pasolini (1978,1997), eis, à vista disso, como a nova lógica consumista, que permite o acesso às mais variadas possibilidades de produtos, acaba por enquadrar os cidadãos (comuns ou não) em um padrão pré-estabelecido pela indústria, pela moda, pelas estratégias de *marketing* e de dominação das massas, pelas tendências disseminadas através da televisão, das vitrines, das revistas, e que perpassa todo o comportamento social limitado a tornar-se consumidor no seio familiar em que, como já visto anteriormente (pensando no contexto italiano de publicação desta obra), acolheu o ideal consumista direcionado à figura da esposa e das crianças instruídas por ela.



É sabido que essas questões, motivadas pelo consumo exacerbado e pela — definida por Pasolini — mutação antropológica, são sensíveis em todas as narrativas que compõem a seleção desta análise; porém, antes de serem iniciados os desdobramentos relativos a *A marmitta* (AM), *Marcovaldo no supermercado* (MNS), *Os filhos de papai Noel* (OFDPN) e *Fumaça, vento e bolhas de sabão* (FVEBDS), faz-se imprescindível pontuar que, apesar de Marcovaldo estar configurado como sujeito moderno, atribulado com suas inquietudes e contradições, é somente em *MNS* e *OFDPN* que o protagonista sente-se, de forma veemente, tentado a pertencer ao mesmo mundo que o exclui. É fato que, como anteriormente discutido, o trabalhador não possui, por motivos óbvios, oriundos da própria estrutura excludente da sociedade, uma consciência de classe que o faça, além de compreender a situação à qual está assujeitado, quiçá desenvolver ainda mais o seu lado escapista e estimular o próprio movimento de aproximação com a natureza. Isto também se dá devido a sua enorme responsabilidade de manter alimentados os filhos e a esposa, contexto esse que o impede, de maneira total, de focar suas atenções nos céus e nas coisas pequenas e do chão.

Em *OFDPN*, a aproximação instigada — e milimetricamente arquitetada — pelas empresas e seus tantos departamentos (Pessoal, Recursos Humanos, Comercial, Marketing), primazia do consumo exacerbado (e que beira a esquizofrenia), baseia-se essencialmente em firmar a data comemorativa do Natal pelo único e possível viés da compra, incitada pela ideia de troca de presentes. Já no início da narrativa, nos é apresentada a conjuntura que permeia as festas e todo o cenário despertado e por elas movimentado: “Não existe época do ano mais agradável e produtiva, para o mundo da indústria e do comércio, que o Natal e as semanas que o antecedem” (CALVINO, 2015 [1963], p. 127). Ainda, por vários momentos durante todo o conto, a urbe é exibida iluminada, moldando-se para atender às demandas preconizadas por uma “atmosfera alegre e cordial que se expandia pela cidade festiva e produtiva” (CALVINO, 2015 [1963], p. 128). É interessante notarmos a escolha proferida pelo *autor-modelo* nessa passagem: a festividade citadina parece ser corroborada exatamente pela seleção do léxico que sucede a palavra “festiva”: não existe, como reiterado durante toda a construção da narrativa, uma comemoração que seja passível de ocorrer desvinculada da exacerbação do consumo, pois, “nada mais bonito que sentir passar por perto o fluxo dos bens materiais ao mesmo tempo do bem que cada um quer aos outros” (CALVINO, 2015 [1963], p. 128).

Essas liberdades condicionadas, como bem expõe Adorno (1995) ao tratar de tempo livre<sup>82</sup>, podem ser transportadas para a realidade consumista presente especialmente no Natal, mas não somente nesta data comemorativa (quase todas — senão todas — foram direcionadas a alimentar o comércio). Deve-se observar como, a partir da possibilidade de ganhar uma renda extra no final do mês ao ser escalado como entregador da empresa em que é funcionário, a SBAAV, Marcovaldo fantasia poder participar da movimentação social impulsionada pela época do ano e, assim como grande parte da população, anseia pertencer a essa celebração: “Com aquele dinheiro, ele também poderia correr para as lojas, comprar comprar comprar para presentear presentear presentear, como *impunham os seus mais sinceros sentimentos e os interesses gerais da indústria e do comércio*” (CALVINO, 2015 [1963], p. 129, — grifo nosso). Essa imposição, citada no trecho, é reiterada a partir da repetição dos termos “comprar” e “presentear”, no infinitivo, como forma de destacá-los como palavras-chave desse período. Explicitamente, os atos impositivos são atribuídos, na última parte do trecho, às ambições da indústria; há que se destacar também a imposição advinda da carga semântica do dinheiro, que mescla-se com a própria vontade do trabalhador de pertencer a toda essa efervescência iluminada e natalina. Nota-se que a estrutura de repetição de termos no trecho destacado acima não é uma escolha constante do autor-modelo dentro da obra: podem ser vistas apenas algumas ocorrências de repetições seguidas de termos, como em FNBDP e LEG. Na primeira, a repetição da palavra “amarelo” para referir-se à luz emitida pelo semáforo também dá-se por três vezes, como se para marcar a insistência da emissão artificial de iluminação. Nessa situação, porém, diferentemente da repetição pontuada em FNBDP, a estrutura obedece às regras da língua padrão e utiliza-se de virgulação entre os termos repetidos. Temos, portanto, “semáforo que continuava a arregalar seu amarelo, amarelo, amarelo” (CALVINO, 2015 [1963], p. 13). A outra ocorrência observada em LEG, já ao final da narrativa, também faz menção à luminosidade: neste caso, o que pisca não é a luz do semáforo, mas sim, o anúncio luminoso da empresa COGNAC TOMAWAK, a ser hasteado no alto de um prédio, à vista de Marcovaldo e sua família. Assim como em LEG, a repetição do nome da companhia de conhaque ocorre por três vezes, mas devidamente separada por vírgula: “e não havia mais lua nem firmamento nem céu nem noite, somente COGNAC TOMAKAK,

---

<sup>82</sup> Essas questões foram brevemente examinadas em *Natureza Idealizada*, ao ser analisado o conto ACTPE.

COGNAC TOMAWAK, COGNAC TOMAWAK” (CALVINO, 2015 [1963], p. 88). A reiteração das conjunções aditivas “nem”, no trecho referido, segue o mesmo padrão das ocorridas em OFDPN: a falta de vírgula, nas estruturas, permite aos textos adquirirem nuances mais diretas e rápidas, exatamente para estabelecerem uma correspondência com a temática que tangencia as duas narrativas - a questão do anúncio publicitário incitando o consumo. Essa estrutura também pode ser encontrada em outro trecho de OFDPN que assinala o auge da exposição de ações descomedidas, impulsionadas exatamente pelo contexto de consumo exacerbado natalino e de ações frenéticas de compra e venda de símbolos que marcam o Natal:

Marcovaldo voltou para a rua iluminada como se fosse noite, apinhada de mães e crianças e tios e avós e embrulhos e bolas e cavalos de balanço e árvores de Natal e Papais Noéis e frangos e perus e panetones e garrafas e gaiteiros e limpadores de chaminés e vendedoras de castanhas assadas que faziam saltar paneladas de castanhas no ardente fogareiro preto e redondo (CALVINO, 2015 [1963], p. 135 — grifo nosso).

Outra característica extremamente relevante às análises ecocríticas de *Marcovaldo ou as estações na cidade*, mais especificamente nos contos mencionados, dá-se quando, ao serem observadas essas estruturas de repetição, não se faz possível vincular nenhuma delas à natureza, seus processos e manifestações: é como se o ritmo acelerado e a recorrência de determinados padrões só pudesse ocorrer em ambiente urbano ou artificial, reiterando, de fato, a crítica aos modelos já calcados numa sociedade freneticamente consumista.

Marcovaldo, ao ser escalado por sua empresa para, vestido de Papai Noel, fazer entrega de brindes, dá-se por contente por ter a possibilidade de ser ganhador do prêmio especial ofertado pela SBAAV. A situação é imposta e anunciada pelo chefe do Departamento Pessoal que, ao vislumbrar Marcovaldo vestido com os trajes do bom velhinho, refere-se a ele como “O Natal é você” (CALVINO, 2015 [1963], p. 129). Essa afirmação é desconstruída ao longo de toda a narrativa: mesmo o Natal estando representado na figura do trabalhador, em nenhum momento ele pode acompanhar todas as facilidades provenientes do contexto natalino e sua representação comercial. Ao contrário, Marcovaldo é informado que somente receberá a bonificação prometida pelo líder do Departamento Pessoal mediante o cumprimento da cota de cinquenta entregas diárias, enquanto

o único pensamento dos conselhos de administração é o de dar alegria ao próximo, mandando presentes acompanhados de mensagens de boas-festas tanto a empresas associadas quanto a clientes; cada empresa se sente no dever de comprar um grande estoque de produtos de uma segunda empresa para oferecer os seus presentes às outras empresas; estas empresas por sua vez compram de uma outra estoques de presentes para as outras ainda. (CALVINO, 2015 [1963], p. 127)

Esse encadeamento de entregas, motivado pela frenética onda consumista que toma a época do ano, assim como o exagero, utilizado como recurso em muitas partes da narrativa, dão visibilidade ao grande número de informações adicionais, pontuadas durante o conto, sobre a questão de classe de Marcovaldo e de sua família. É sabido que, ao longo de toda a coletânea, são tecidas referências acerca de sua casa, do trabalho e de suas vestimentas que reafirmam sua condição social. Ao encaminhar-se ao encontro dos filhos vestido de Papai Noel, em meio às demandas de seu primeiro dia como entregador da empresa SBAAV, Marcovaldo depara-se com uma grande quantidade de pessoas também vestidas da mesma forma (vide a contratação de “desempregados, aposentados, vendedores ambulantes” (CALVINO, 2015 [1963], p. 130) para também executarem entregas). Logo, ao não se mostrarem surpreendidas pelo pai e seu traje tipicamente natalino, as crianças acabam por revelar a Marcovaldo o plano de encontrar uma criança pobre, para entregar a ela um presente de Natal<sup>83</sup>. Desconcertado,

Marcovaldo estava para dizer: “Vocês é que são os meninos pobres!”, mas durante aquela semana havia se persuadido de tal modo a se considerar um habitante do País das Maravilhas, onde todos compravam, desfrutavam e trocavam presentes, que não lhe parecia de bom-tom falar em pobreza (CALVINO, 2015 [1963], p. 130).

Essa passagem sublinha sobremaneira a problemática de classe da família, um tanto quanto amenizada pela ingenuidade dos filhos. A crítica a esses padrões de consumo é marcada ao longo de toda a narrativa, como anteriormente mencionado; porém, o exagero das situações demarca grandemente a denúncia da conjuntura social despertada pela incumbência de se atender a expectativas impulsionadas pelo próprio mercado

---

<sup>83</sup> É a segunda ocorrência da presença de livro infantil entre os filhos do trabalhador: em *OBNR*, Michelino, um dos filhos de Marcovaldo, mostra-se interessado pela leitura de um livro emprestado da biblioteca da escola; já em *OFDPN*, o livro de leitura sugere a procura de um menino pobre para ser presenteado na ocasião festiva.

consumidor. Ao acompanhar o pai em suas funções como carregador, Michelino, enfim, encontra o menino pobre que necessita ser presenteado: filho do presidente da União para o Incremento das Vendas Natalinas, Gianfranco mostra-se uma criança apática e entediada com a repetição insistente do ritual de entrega de presentes, mesmo vivendo rodeado deles, em uma casa luxuosa. Michelino, então, julga ser necessário presentear-lo, visto que Gianfranco era “Aquele que estava tão triste... aquele da vila com a árvore de Natal...” (CALVINO, 2015 [1963], p. 133). É significativo observar como o *autor-modelo* trabalha com as oposições a partir desse ponto na narrativa: o detalhamento acerca do ambiente em que o menino encontra-se é tal exatamente com vistas a romper a expectativa do leitor de que ele seria, em razão da quantidade de bens materiais, uma criança feliz e satisfeita. No entanto, informações pormenorizadas acerca da árvore de Natal da casa, “iluminada com bolas de vidro de todas as cores, e em seus ramos estavam pendurados presentes e doces de todos os tipos” (CALVINO, 2015 [1963], p. 132) e sobre os brinquedos, “espalhados em cima de um grande tapete, eram tantos como numa loja de brinquedos, sobretudo complicados engenhos eletrônicos e modelos de aeronaves” (CALVINO, 2015 [1963], p. 132) só auxiliam na apresentação inesperada de Gianfranco que, “num canto livre, encontrava-se (...) deitado, de bruços, aparentando nove anos, com uma expressão amuada e entediada” (CALVINO, 2015 [1963], p. 132), rompendo, portanto, com a noção de completude advinda da acumulação de bens materiais, ideia esta que sustenta condutas descomedidas das empresas e da população, ao tentarem enquadrar-se em um padrão único de comportamento (PASOLINI, 1997) (“Pelas ruas da cidade Marcovaldo só encontrava outros Papais Noéis vermelhos e brancos, iguaizinhos a ele” (CALVINO, 2015 [1963], p. 131); “Marcovaldo voltou para a rua iluminada como se fosse noite, apinhada de mães e crianças e tios e avós e embrulhos e bolas e cavalos (...)” (CALVINO, 2015 [1963], p. 135)).

Michelino, ao decidir, juntamente dos irmãos, presentear Gianfranco, retorna à casa luxuosa e entrega ao menino itens que a família tem à mão, como um martelo, um estilingue e uma caixa de fósforos. Segundo a descrição das crianças a Marcovaldo, o menino ficara extremamente contente: “Quebrou todos os brinquedos! E todos os cristais!” (CALVINO, 2015 [1963], p. 133); “Quebrou todas as bolas de vidro da árvore de Natal. Depois passou para os lustres...” (CALVINO, 2015 [1963], p. 134); “Fósforos, não me deixam nem chegar perto deles... começou a riscá-los e (...) pôs fogo em tudo!” (CALVINO, 2015 [1963], p. 134). Ao temer uma represália da empresa em que trabalha, pois foram os próprios filhos a incitar a destruição da casa do presidente da União para o

Incremento das Vendas Natalinas, Marcovaldo, no entanto, é surpreendido por uma reposição dos pacotes que deveria entregar: os brindes teriam de ser substituídos pelo Presente Destrutivo, uma descoberta inesperada, que havia proporcionado diversão garantida para Gianfranco, pela primeira vez. O Presente Destrutivo, na verdade, tratava-se de uma incorporação empresarial do gesto de empatia dos filhos de Marcovaldo para com o menino considerado pobre por eles. No entanto, a atitude sofre ressignificação e assume uma finalidade voltada às premências do mercado: tudo é passível de se tornar estetizável, segundo as regras do capitalismo artista<sup>84</sup>. Nesse sentido, o Presente Destrutivo

(...) serve para destruir artigos de todo o gênero: era isso o que faltava para acelerar o ritmo de consumo e reativar o mercado... Tudo num tempo muito curto e ao alcance de uma criança... O Presidente da União viu abrir-se um novo horizonte, está no sétimo céu do entusiasmo... (CALVINO, 2015[1963], p. 135).

Isto posto, é possível encarar as oposições adotadas na narrativa, mencionadas neste estudo, como uma força motriz que instaura e denuncia não somente os exageros advindos do funcionamento de mercado das sociedades capitalistas modernas, como também sua estrutura excludente e desigual. Apontar Gianfranco como um menino pobre, ao passo que os verdadeiros necessitados são os que, curiosamente, nutrem sentimentos de solidariedade e empatia ao próximo (e desconhecido), permite que o tom da leitura torne-se mais crítico e voltado, de fato, à realidade de Marcovaldo e sua família: apesar de haver esse trânsito entre o mundo exploratório e comercial, a narrativa sempre retoma o foco na figura do trabalhador, em seu ponto de vista e sua forma de ressignificar o próprio entorno. A isso, cabe a menção à ecosofia social, de Guattari (2006 [1989]), que sugere a necessidade de rearticulação sistemática dos regimes econômicos, políticos e sociais, calcados na obtenção de lucro e conquista de bens materiais. O retorno a parâmetros legitimamente solidários e coletivos permitiria, portanto, um melhor aproveitamento das vivências sociais de um compartilhamento que respeite as diferenças e acolha, de forma verdadeiramente empática, a todas e todos.

---

<sup>84</sup> Para o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2015, p. 48-49), “O capitalismo artista é o sistema em que são desestabilizadas as antigas hierarquias artísticas e culturais, ao mesmo tempo que as esferas artísticas, econômicas e financeiras se interpenetram (...) O capitalismo artista forjou uma economia emocional de sedução assim como *um consumidor louco por novidades permanentes* e desculpabilizado quanto à ideia de aproveitar ao máximo a vida aqui e agora”. Grifo nosso.

Em seguida à descrição da urbe em polvorosa, revelando, em sua definição, o ápice do descomedimento despertado na cidade e em sua população ((...) a rua iluminada como se fosse noite, apinhada de mães e crianças e tios e avós e embrulhos e bolas e cavalos de balanço e árvores de Natal (CALVINO, 2015 [1963], p. 135)), a narrativa, já se encaminhando para o seu desfecho, experiencia uma enérgica quebra e mudança de tom: ao experimentar colorações frenéticas e cidadinas, o conto detém seu foco externamente à figura da cidade e sua luminosidade, e debruça o olhar sobre figuras como a neve, o bosque, a escuridão, o lobo e a lebre. Essa mudança de perspectiva altera, igualmente, o ritmo da narrativa, anteriormente frenético. Ao expor o jogo de encaixe entre o lobo e a lebre, ambos em seus respectivos ambientes, a neve e a escuridão, o conto assume um compasso menos alvoroçado e mais paciente: em apenas seis parágrafos, o cerne da narrativa é totalmente modificado e amansado. É como se, diante dos acontecimentos festivos pertencentes à cidade, concentrados “numa redoma luminosa” (CALVINO, 2015 [1963], p. 135), tal qual um globo de cristal utilizado como ornamento nas festas natalinas, pudesse o acontecimento da vida ser verificado em seu ritmo natural, experienciando o seu próprio tempo — distanciado do cronológico e acelerado —, o ecológico:

Saiu uma lebre, branca, na neve, mexeu as orelhas, correu sob a lua, mas era branca e não dava para vê-la, como se ela não estivesse ali. Somente as patinhas deixavam uma leve pegada na neve, como folíolos de trevo. Nem o lobo dava para ver, porque era negro e estava na negra escuridão do bosque. Só quando abria a boca dava para ver os dentes brancos e afiados (...) O lobo via as pegadas da lebre sobre a neve e as seguia, porém se mantinha sempre do lado negro para não ser visto. No ponto em que as pegadas cessavam devia estar a lebre, e o lobo saiu do lado negro, escancarou a goela vermelha e os dentes afiados, e mordeu o vento. (CALVINO, 2015 [1963], p. 135)

Faz-se relevante observar que OFDPN é o conto que fecha *Marcovaldo ou as estações na cidade*, ou seja, é a vigésima narrativa presente na obra. Portanto, a quebra da narrativa vertiginosa e a alteração de perspectiva para a natureza e suas manifestações só faz reiterar a importância do que o *autor-modelo* tende a retomar ao final de todos os contos presentes na coletânea: a necessidade da ressignificação de espaços, padrões e pensamentos engendrados e pré-determinados pelos discursos hegemônicos que recortam as sociedades modernas. Outro fator importante é que, em OFDPN, há igualmente um

rompimento no que diz respeito aos desfechos de todas as narrativas presentes na obra em questão: o vigésimo conto, pela primeira vez, recebe um foco diferenciado ao final - não em Marcovaldo e em suas experiências de nuances melancólicas ou cômicas, mas sim em dinâmicas que envolvem animais silvestres, breves descrições de suas experiências momentâneas, envoltas por um tom meditativo e etéreo (“A lebre estava um pouco adiante, invisível; coçou a orelha com a pata, e fugiu saltando. Está aqui? está lá? não, está um pouquinho adiante? Só se via a imensidão de neve branca como esta página” (CALVINO, 2015 [1963], p. 136)), configurando, portanto, um olhar ecocrítico que se opõe à narratividade precedente do texto, calcada, como já mencionado, no centro da iluminada cidade e do mercado consumidor.

Em MNS, a temática do consumismo desenfreado mantém-se: na décima sexta narrativa da obra, o protagonista e a família dirigem-se a um supermercado das redondezas para, simplesmente, simular a ação de comprar a portas fechadas, visto que não podem adquirir os produtos do local: “Estando sem dinheiro, o passeio deles era olhar os outros fazerem compras; pois o dinheiro, quanto mais circula, mais é esperado por quem não o tem” (CALVINO, 2015 [1963], p. 98). Assim como em OFDPN, a questão de classe, nesse conto, é bastante abordada e desenvolvida, já desde início, sempre acompanhada por discussões acerca da efervescência consumista na cidade:

Às seis da tarde, a cidade caía nas mãos dos consumidores. O dia inteiro, a grande tarefa da população produtiva era produzir: produziam bens de consumo. Numa determinada hora, como se um interruptor fosse acionado, cessavam a produção, e rua! Lançavam-se todos a consumir (CALVINO, 2015 [1963], p. 97).

De imediato, o começo do conto, transposto no trecho acima, alude a questões significativas no que tange à importância das temáticas anteriormente citadas: a objetividade das sentenças iniciais, como em “produziam bens de consumo” determina uma condição de produção/consumo que parece já, por estar incorporada à cidade e a sua população, ditar o ritmo dos acontecimentos. A escolha da palavra “interruptor”, que assinala o início das atividades de compra, exatamente às 18 horas, sugere uma movimentação automatizada da ação de consumir, exatamente por, como anteriormente citado, estarem integradas ao compasso citadino, definindo, portanto, o *status quo* da grande maioria dos centros capitalistas urbanos. Ainda sobre escolhas lexicais, é interessante notar a seleção de “inflorescência”, “impetuosa” e “desabrochar”, ainda no



primeiro parágrafo da narrativa: “Todos os dias uma inflorescência impetuosa mal tinha tempo de desabrochar atrás das vitrines iluminadas (...)” (CALVINO, 2015 [1963], p. 97). Ao estabelecer uma comparação possível entre o desabrochar de produtos a serem expostos nas vitrines, e ao afirmar que tal exibição ocorre de maneira rápida e intensa, o *autor-modelo* efetua uma aproximação de elementos da natureza com aqueles que são efeito da modernidade, como as vitrines. Essa comparação continua em seguida, após o ritmo da narrativa ser acelerado a partir da palavra “impetuosa” e tecidos serem assemelhados a caudas de pavão:

os salames vermelhos balançando, as torres de pratos de porcelana erguendo-se até o teto, as peças de tecido desdobrando drapeados como caudas de pavão, e eis que já irrompia a multidão consumidora para dismantelar corroer apalpar roubar (CALVINO, 2015 [1963], p. 97).

Além da aproximação do mundo natural ao universo consumidor, estabelecido pela comparação entre tecidos e caudas de pavão, faz-se pertinente observar a repetição de uma estrutura anteriormente analisada em OFDPN e LEG: trata-se da falta de vírgulas para indicar a separação de termos, questão essa que ocorre em “dismantelar corroer apalpar roubar”. Essa característica permite que o texto ganhe matizes mais rápidos e objetivos, justamente por exemplificar a questão da efervescência do consumo e estar diretamente associada à dinâmica da multidão<sup>85</sup>. Essa estrutura é retomada ainda no primeiro parágrafo do conto, logo após a repetição (que ocorre por três vezes) do termo “consumam”, em “ E rapidamente embrulhos pacotes pacotinhos bolsas bolsinhas redemoinhavam em volta do caixa num engarrafamento” (CALVINO, 2015 [1963], p. 97-98)). É de proveito perceber que, nesse trecho, iniciado na primeira ocorrência do imperativo “consumam!”, há pouquíssimas marcas de pontuação (resumidas em pontos de exclamação, ponto e vírgulas e somente duas vírgulas), e recorrência do uso da conjunção aditiva “e”<sup>86</sup>, contribuindo, assim, para definir um ritmo mais apressado e de

---

<sup>85</sup> A multidão é referenciada em *MNS* por ainda mais duas vezes. A segunda, sendo comparada a uma floresta (“em meio a uma floresta de pernas desconhecidas” (CALVINO, 2015 [1963], p.98)), relação anteriormente analisada no que se refere à aproximação de elementos naturais a outros do cotidiano; na terceira ocorrência, já no ambiente do supermercado, quando salames e queijos são comparados, por Marcovaldo e sua família, com amigos e conhecidos (“mostrando uns aos outros salames e queijos e chamando-os de pelos nomes, como se reconhecessem na multidão rostos de amigos, ou pelo menos conhecidos” (CALVINO, 2015 [1963], p. 98)). É, portanto, inevitável a retomada do texto de Edgar Allan Poe, *O homem da multidão* (1840).

<sup>86</sup> A repetição dessa estrutura ocorre ainda mais uma vez, com Marcovaldo e a família no interior do supermercado. No entanto, a conjunção aditiva utilizada na passagem é substituída por “ou”

entroncamento de ações, simbolizando a própria conjuntura da rua após as 18 horas, em constante movimento:

*Consumam!* E tocavam nas mercadorias e voltavam a colocá-las no lugar e as retomavam e as arrancavam das mãos uns dos outros; *consumam!* E obrigavam as pálidas vendedoras a estender no balcão roupa branca e roupa branca; *consumam!* E os rolos de barbante colorido giravam como piões; as folhas de papel florido frufrulhavam frenéticas, envolvendo as compras em pacotinhos e os pacotinhos em pacotes e os pacotes em embrulhos, cada um amarrado com seu laço de fita (CALVINO, 2015 [1963], p. 97— grifo nosso).

Já estando no ambiente interno do supermercado, planejado para acolher o consumidor com a oferta de, além de incontáveis opções de compra, música ambiente (“os alto-falantes difundiam musiquinhas alegres” (CALVINO, 2015 [1963], p. 99)) e iluminação artificial (“De repente, o corredor acabava e havia um grande espaço vazio e deserto com luzes de néon que faziam brilhar os ladrilhos” (CALVINO, 2015 [1963], p. 100)) que impedem constatar-se a real passagem do tempo, Marcovaldo e a família decidem por munirem-se de carrinhos para dar início à “procissão” (CALVINO, 2015 [1963], p. 98). Apesar de estarem em um ambiente de compras, a instrução dada por Marcovaldo aos filhos e à esposa é clara: “Para trás, rápido, longe do caixa!” (Calvino, 2015 [1963], p. 100), reiterando, à vista disso, a impossibilidade de adquirirem qualquer provisão disponibilizada pelo supermercado, como já observado na página 98 da obra. A questão de classe do protagonista e de sua família é reafirmada quanto mais tempo é passado por eles no ambiente de compra, progressivamente ao aumento dos desejos da família por se apossar dos mantimentos:

Em resumo, se o seu carrinho está vazio e o dos outros cheio, dá para aguentar até um certo ponto, depois você é dominado pela inveja, pelo desgosto e não resiste mais. Então, Marcovaldo, depois de ter recomendado à mulher e aos filhos não tocar em nada, virou rápido numa travessa entre as gôndolas, esquivou-se da vista da família e, pegando uma caixa de tâmaras de uma prateleira, depositou-a no

---

ao invés de “e”: “os produtos com nomes cada vez menos decifráveis estavam fechados em caixas com figuras que não esclareciam se se tratava de adubo para alface ou de semente de alface ou de alface propriamente ou de veneno para as lagartas da alface ou de comida para atrair os pássaros que comem aquelas lagartas, ou ainda de tempero para salada ou para pássaros assados” (CALVINO, 2015 [1963], p. 99-100). Essa estrutura, aliada aos exageros expostos acerca da oferta de produtos tão diversificada, reitera, mais uma vez, a crítica do texto —em nível semântico e formal—, ao consumo exacerbado.

*carrinho. Só queria sentir o prazer de carregá-la por dez minutos, exibir também ele suas compras como os outros, e depois recolocá-la onde a retirara (...) Marcovaldo estava certo de que, fazendo com cuidado, podia desfrutar pelo menos por quinze minutos do prazer de quem sabe escolher o produto, sem ter que pagar nem um centavo (CALVINO, 2015 [1963], p. 99, grifo nosso).*

Essa ânsia de Marcovaldo por experimentar novos sabores pode ser vista também em *AM*: farto de alimentar-se, pelo quarto dia consecutivo, de linguiça e nabo, comida preparada pela esposa, Domitilla, o protagonista vê a chance de ingerir algo diferente ao ser interpelado por um menino no segundo andar de uma rica mansão, sobre a possibilidade de trocarem as refeições. Feita a substituição, o trabalhador, então, começa a desfrutar de “uma fritada de miolos macios e encrespados como cúmulos” (CALVINO, 2015 [1963], p. 43). De volta a MNS, quando Marcovaldo, a esposa e os filhos se reencontram, todos providos de carrinhos abarrotados de produtos, a problemática de classe é ainda mais acentuada na narrativa. Além de o protagonista chegar a cogitar sair do estabelecimento sem pagar pelos alimentos selecionados, Michelino indaga ao pai se por acaso eles teriam ficado ricos e terão comida por um ano, ao observar os carrinhos tomados por uma centena de diferentes produtos: “Com tantas provisões à disposição, Marcovaldo e os familiares poderiam passar o inverno inteiro sem sair” (CALVINO, 2015 [1963], p. 100) do espaço labiríntico que é o supermercado. Ao ser anunciado pelos mesmos alto-falantes que reproduzem músicas alegres que as portas do estabelecimento fechariam em exatos quinze minutos, o trabalhador e a família, envoltos por uma multidão “tomada por uma fúria frenética, como se fossem os últimos minutos do último supermercado do mundo” (CALVINO, 2015 [1963], p. 101), também foram invadidos por uma premência em livrarem-se de todas as provisões que não poderiam adquirir, apressados por “um caixa de sentinela [que] apontava máquinas calculadoras crepitantes como uma metralhadora contra todos aqueles que faziam menção de sair” (CALVINO, 2015 [1963], p. 101). A comparação de “máquinas calculadoras” com “metralhadoras” só confirma o sentimento de receio, exposto por Marcovaldo, ao estar cometendo um crime caso saísse do supermercado sem efetivar o pagamento referente às compras, reiterando o aspecto desigual de acesso aos bens de consumo, aprisionando-os em uma realidade que, ao mesmo tempo em que os incita a fazerem parte do modelo único de comportamento, difundido socialmente, os excluem devido à classe à qual pertencem:

Isso de privar-se das coisas sem tê-las nem ao menos provado era um sofrimento que arrancava lágrimas (...) O rodeio de Marcovaldo e família se assemelhava cada vez mais ao de animais em jaulas ou de prisioneiros num cárcere iluminado com paredes de painéis coloridos (CALVINO, 2015 [1963], p. 101).

Em seu desfecho, MNS oferece um panorama da situação da família de Marcovaldo: aflitos por terem de se livrar dos produtos contidos nos carrinhos antes de deixarem o supermercado, o trabalhador, a esposa e os filhos, adentrando lugares desconhecidos no emaranhado de caminhos do supermercado, têm acesso a uma área que, pela descrição, parece estar sofrendo reforma; ao acessarem a zona escura, “encontravam-se numa armação de tábuas, na altura de um prédio de sete andares” (CALVINO, 2015 [1963], p. 102). Ao se darem conta da presença de um guindaste, na altura em que se localizavam, começam, então, a depositar ali todas as provisões coletadas anteriormente. Faz-se interessante perceber a descrição da cidade e seu aspecto já noturno, reiterando a noção de tempo transcorrido no interior do prédio, uma vez que a família adentrara o supermercado, assim como a maioria dos consumidores, às seis horas da tarde. É igualmente relevante perceber como a cidade, para além do aspecto do cair da noite, é retratada e percebida do alto. Suas características expõem a quantidade de signos pertencentes à modernidade e à configuração do urbano civilizado, assim como a presença constante (anteriormente assinalada em outras narrativas da obra em questão) da propaganda publicitária e da luminosidade peculiar à urbe, traços que, do mesmo modo, pertencem ao moderno:

A cidade abria-se embaixo deles num cintilar luminoso de janelas e painéis de publicidade e lampejos elétricos das antenas dos bondes; mais acima, o céu estrelado e pequenas lâmpadas vermelhas de estações de rádio (...). Embaixo se acendiam e rodavam as inscrições luminosas multicoloridas que convidavam a comprar os produtos à venda no grande supermercado (CALVINO, 2015 [1963], p. 102).

Assim como em LEG e OBNR, *Fumaça, vento e bolhas de sabão* (FVEBDS) também trata de questões relacionadas a anúncios publicitários e à efervescência do mercado consumidor. Na décima sétima narrativa, a empresa Blancasol, de sabão em pó, lança uma campanha de publicidade por todo o bairro em que Marcovaldo e a família residem. A empresa promete oferecer, a quem se apresentasse com um folheto amarelo e azul (que afirma que o produto é o melhor em circulação no mercado), uma amostra grátis do produto para teste. Entusiasmados com a oportunidade de colecionar a publicidade e

trocá-la por sabão em pó, Michelino, Pietruccio e Filippeto, filhos do protagonista, entulham “os dois pobres cômodos de Marcovaldo” (CALVINO, 2015 [1963], p. 104) de folhetos Blancasol. A novidade atende às necessidades advindas dos modernos bens de consumo, como a máquina de lavar roupa, possibilitada pelo contexto histórico italiano da época, como anteriormente visto, na época do milagre econômico do país:

Naquela ocasião, o mundo da produção de sabões em pó fervia. A campanha publicitária de Blancasol pusera em alarme as empresas concorrentes. Para o lançamento de seus produtos, elas distribuíam em todas as caixas postais da cidade aqueles cupons que davam direito a amostras grátis cada vez maiores (...). Cada manhã as caixas do correio floresciam como árvores de pêssego na primavera: folhetos com desenhos verdes rosa azuis laranja prometiam roupas novas a quem usasse Spumador ou Lavolux ou Saponalba ou Limpialin (CALVINO, 2015 [1963], p. 104).

Note-se no trecho transcrito acima algumas estruturas anteriormente observadas em outras narrativas como OFDPN e MNS: além da ausência de vírgulas para isolar todos os itens que compõem a listagem de cores relacionadas aos anúncios publicitários de diversas marcas de sabão em pó, característica que, como já explorado previamente, propõe uma leitura um pouco mais acelerada da passagem, estabelecendo uma alusão às temáticas discutidas nos textos em questão, há também a comparação de elementos urbanos e pertencentes ao tumulto consumista com manifestações naturais (“Cada manhã as caixas de correio floresciam como árvores de pêssego na primavera” (CALVINO, 2015 [1963], p. 104) e “A publicidade, como as flores e os frutos, muda com a estação. Após algumas semanas, a estação dos sabões acabou” (CALVINO, 2015 [1963], p. 105)). Essa estratégia está relacionada à tentativa de aproximar da natureza as possibilidades oriundas do meio urbano, com o intuito de, como também discutido em *Natureza Modificada*, propor ressignificações acerca da cidade a partir do olhar de Marcovaldo.

Os filhos de Marcovaldo, mancomunados com outros meninos do bairro, se dispuseram a caçar os folhetos promocionais e a seguir até as lojas indicadas para a troca por produtos. No entanto, “as coisas se complicavam quando, como acontecia em muitas lojas, as amostras grátis só eram entregues a quem fizesse compras” (CALVINO, 2015 [1963], p. 106). Com o intuito de obter fundos para a troca da grande quantidade de cupons recolhidos, os moleques decidem vender as amostras já recolhidas de casa em casa, mas sem muito sucesso, pois, sendo os produtos gratuitos, a população abordada recusava-se a pagá-los. Farto de ter a casa como depósito, Marcovaldo ordena aos filhos

que se desfaçam de todas as amostras de sabão em pó: tendo acatado o pedido do pai, Michelino, Pietruccio e Filipetto deslocam-se para a ponte do rio que corta a cidade, bem de manhãzinha e, de lá, descarregam os miriagramas de produto que tinham acumulado. Com isso, “o rio transbordava de espuma de sabão nos cais” (CALVINO, 2015 [1963], p. 108), mas logo as bolhas começam a desprender-se da água e a incorporar fios de vento que tomam a cidade:

As bolhas voavam seguindo os trilhos invisíveis das correntes de ar pela cidade, desembocavam nas ruas à altura dos telhados, sempre evitando aflorar arestas e calhas. Agora as bolhas voavam por conta própria; cada uma, tomando uma rota diferente pela altitude, rapidez e traçado, vagava a meia altura. Poderíamos dizer que tinham se multiplicado; ou melhor, era isso mesmo, pois o rio continuava a transbordar de espuma leiteira no fogo. E o vento, o vento levava guirlandas irisadas (os raios de sol oblíquo, superados os telhados, já se haviam apossado da cidade e do rio) e invadiam o céu acima dos fios e das antenas (CALVINO, 2015 [1963], p. 108).

É evidente que os transeuntes, ao repararem as bolhas de sabão que encobriam o céu, sentem-se surpresos e curiosos, e iniciam especulações que perpassam indagações acerca da procedência do feito; uns acreditam serem bolhas radioativas; outros, que são iguais às de crianças. É relevante notar, já ao desfecho da narrativa, a aproximação estabelecida pelas pessoas que estavam em meio à rua ao tentarem atribuir, juntas, sentido à estranha aparição. Tendo a cidade sido ressignificada por breves momentos de estranhamento, causado pelas bolhas de sabão (antes de ser tomada, novamente, pela fumaça negra das fábricas em ação), não somente em relação ao espaço, modificado pela atmosfera colorida e rosácea, mas também pela harmonização da população, faz-se possível, portanto, ser desenvolvida uma leitura ecosófica deste momento do conto em que a população geral da cidade, geralmente alheia às relações com o próximo, congrega-se entre si, propiciando uma quebra da organização hegemônica da urbe, assim como uma aproximação a partir dos pressupostos de Guattari (2006 [1989]) e de sua ecosofia social:

“Que radioativas que nada! É sabão! Bolhas de sabão como das crianças!”, e uma alegria frenética se apoderou de todos. “Vejam aquela! E aquela! E aquela!”, porque viam voar algumas enormes, de dimensões incríveis, e ao se tocarem as bolhas se fundiam, duplicavam e triplicavam, e o céu, os telhados, os arranha-céus através daquelas cúpulas transparentes se vestiam de formas e cores nunca antes vistas (CALVINO, 2015 [1963], p. 109).

Todo esse cenário de aproximação e afinidade entre as pessoas é rompido pela reinstauração do ambiente urbano e prevalecente, movido pela potência das fábricas e suas espessas fumaças: “Até um certo ponto Marcovaldo procura procura no céu e não consegue mais ver as bolhas mas apenas fumaça fumaça fumaça” (CALVINO, 2015 [1963], p. 109). Como já citado no início da investigação acerca de FVEBDS, a repetição dos termos “procura” e “fumaça”, indicados acima, sugerem uma aceleração do ritmo da narrativa, antes menos apressado e até mesmo envolto por uma aura idílica e infantil, já que as bolhas de sabão, uma atividade essencialmente voltada ao entretenimento das crianças, atingira o interesse de um contingente maior de pessoas. Além disso, a retomada dessa estrutura de recorrência de palavras indica, igualmente, o retorno do ambiente em estranhamento ao seu contexto normalizante movido pelas fábricas, a avivar e estimular a conjuntura efervescente do mercado consumidor. É significativo perceber como a repetição de termos, nas narrativas que tratam com mais veemência de questões concernentes ao mercado consumidor e seus descomedimentos, presentes em *Natureza Modificada*, torna-se uma estrutura característica no que tange à crítica formal tecida pelo autor-modelo ao longo dos textos aqui citados, assim como a aproximação de signos do moderno com elementos naturais. Essas questões principais corroboram as temáticas expostas nesta última seção de análise, contribuindo, portanto, para a importância de serem estabelecidas leituras ecocríticas e ecosófica das narrativas aqui mencionadas como forma de reavaliar e refletir, a partir do texto estético, os padrões difundidos por um sistema sócio-político-econômico excludente e massificador.

## 7 (des)CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do olhar crítico dedicado a *Marcovaldo ou as estações na cidade*, algumas grandes temáticas puderam ser incorporadas à leitura da obra para compor a análise sugerida por essa pesquisa. A modernidade, a ecocrítica, a ecosofia, o ecologismo dos pobres, a mutação antropológica e suas articulações, aliadas a uma personagem extremamente potente engendrada por Italo Calvino, contribuíram sobremaneira no que tange à reflexão crítica acerca dos contextos estabelecidos pelo texto estético, principalmente os que dizem respeito a um estreitamento de laços entre a natureza, a mulher e o homem, e a importância que essa aproximação vem alçando nas conjunturas hodiernas de violência, individualismo e aniquilação da consciência criteriosa e engajada, que perpassa cenários do inconsciente e do subjetivo. Para além dessas questões, a contemplação da obra incita reposicionamentos individuais acerca do sistema sócio-político-econômico vigente, arquitetado e preservado sob as bases da segregação — seja ela racial, social, econômica ou de gênero — e de discursos massificadores, promovidos por uma mídia e propaganda tendenciosas. Essas proposições, conduzidas ora sutil, ora acidamente por um texto repleto de cargas semânticas e formais pungentes, fazem de *Marcovaldo ou as estações na cidade* um objeto *sui generis*, posto a sua relevância como texto literário. Como bem coloca Antônio Candido (2011[1988], p. 175):

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.

Destarte, a intenção dessa investigação alicerçou-se nas diferentes colorações assumidas pelos vinte contos ao longo da obra e suas negações, denúncias e combates, envoltos pela carga simbólica do ser humano moderno, suas contradições e apelos - veredas as quais essa pesquisa assumiu como um de seus motes. A partir do desconforto do sujeito Marcovaldo e de todas as implicaturas sofridas por ele, principalmente devido à sua condição de classe, a veia escapista da personagem pôde, assim como seu tratamento por vezes idealizado da natureza, ser observada mais detalhadamente no primeiro capítulo de análise desse texto autoral; o olhar do protagonista para o *locus amoenus* de um meio



natural já constantemente perpassado pela influência civilizatória e urbana faz-se completamente possível, mesmo que essa visão de mundo, por diversas vezes, irrompa da realidade impositiva e excludente de um padrão único de comportamento, como sugerido por Pier Paolo Pasolini (1978, 1997). Além disso, em *Natureza Idealizada*, fez-se propósito analisar as ressignificações projetadas por Marcovaldo em relação ao espaço urbano modificado pela interferência de manifestações naturais, como a neve e a neblina, por exemplo. À vista disso, aproximações acerca da ecosofia, proposta por Félix Guattari (2006 [1989]), foram estabelecidas a partir da leitura das pequenas narrativas que tentam sugerir, em suas composições, saídas e vivências possíveis, desamarradas dos contextos unicamente citadinos, ainda que o meio natural, por muitas vezes, seja pensado e reconhecido como idealizado, permitindo, portanto, a retomada de conceitos propostos por Keith Thomas (2010[1983]).

É certo que a questão de classe, amplamente discutida e retomada pelos vinte contos presentes em *Marcovaldo ou as estações na cidade*, é assaz entrecortada por questões concernentes ao pensamento de Joan Martínez Alier (2014), o ecologismo dos pobres, e pressupostos acerca do tempo ecológico e das acelerações advindas dos processos de modernização e da consolidação das sociedades capitalistas modernas, assim como atam-se, igualmente, a investigações preconizadas por Leonardo Boff (1995). Desse modo, ao refletir sobre questões que dizem respeito à configuração das cidades e suas implicações, temos *Natureza Modificada*, que propõe uma leitura, a partir dos contos selecionados, da dificuldade que a mulher e o homem modernos inseridos em sociedades tardiamente modernas (como o caso italiano, por exemplo) têm para aproximarem-se genuinamente da natureza, assim como de suas plantas, animais, ervas e seus respectivos ciclos, cuidados e necessidades. Os efeitos dessa complicação são reiteradamente entrecortados por pressupostos provenientes da ecocrítica e sua postura face ao texto literário, uma vez que

À medida que os ecocríticos procuram oferecer um discurso verdadeiramente transformador, que nos permita analisar e criticar o mundo em que vivemos, dá-se cada vez mais atenção à ampla gama de processos e produtos culturais nos quais e por meio dos quais ocorrem as complexas negociações entre a natureza e a cultura (GARRARD, 2006, p.16).

Já em *Natureza Consumista*, entrecortada por questões relevantes aos pressupostos de Marshall Berman (1996[1982]) sobre a modernidade e suas

configurações, a leitura proposta aos contos selecionados é a de explorar símbolos pertencentes a essa modernidade ainda em expansão e consolidação na Itália do início dos anos 60, aberta às possibilidades de crescimento econômico pelo capital estrangeiro, e rapidamente entregue aos deslumbramentos dos bens de consumo. A publicidade e seus anúncios, constantemente presentes nessa seção, reiteram características de alienação frente a uma realidade já em meio a um processo de corromper-se pelos paraísos artificiais ofertados pelo dinheiro. Além das questões envolvendo a mídia publicitária, a análise formal de elementos textuais torna-se fundamental para a compreensão acerca dos descomedimentos advindos dos meios urbanos e seus desdobramentos industriais, explicitados com base na aceleração do ritmo das narrativas a partir de repetições de termos e estruturas lexicais.

Ainda faz-se necessário destacar a importância do estudo do texto literário para refletir, compreender e conectar os entremeios que nos cercam. A partir do olhar ecocrítico instaurado na obra em questão, tornou-se possível explorar veredas urgentes no que tange às questões ambientais, ecológicas, climáticas e de preservação da vida (humana e não-humana), atreladas a discussões incitadas a partir do recorte de classe proposto tanto no âmbito semântico do texto narrativo quanto na leitura crítica desenvolvida durante essa pesquisa. Portanto, torna-se igualmente importante destacar a relevância do papel da literatura como ferramenta de formação, inclusão e reflexão crítica, assim como alavanca propulsora em relação, a partir da poética da alteridade e do movimento de olhar e perceber o outro, talvez distante de sua realidade, à possibilidade de rompimento com discursos hegemônicos pré-estabelecidos socialmente, assim como desmistificar enunciados que contribuem para a perpetuação de preconceitos que permeiam — de forma violenta ou sutil — todos os níveis das sociedades modernas capitalistas contemporâneas.

É premente reafirmar o valor contido em *Marcovaldo ou as estações na cidade* e que, por mais que sugira ter-se obtido o resultado prenunciado, essa pesquisa de forma alguma esgota as possibilidades de leitura da obra, tanto ecocríticas como de qualquer outro âmbito ou perspectiva que se articule às discussões retratadas e propostas pela obra, como a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia, a Biologia ou outras ciências que apresentem complementaridade à linha de pensamento cá proposta. Neste sentido, a obra expande-se para a reflexão a partir dos vieses sugeridos sob o olhar das *epistemologias ecológicas*, antropologias, etnografias e ontologias, assumindo um caráter outro, mas de igual ou maior relevância.

**REFERÊNCIAS**

- ADORNO, Theodor W. Tempo livre. In: *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ALIER, Joan Martínez. *O ecologismo dos pobres*. São Paulo: Contexto, 2014.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 [1985]. p. 90-180.
- ARMSTRONG, Karen. *Breve História do Mito*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail O problema do texto na linguística, na filosofia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015 [1979], p. 307-335.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 [1869].
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1982].
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- CALVINO, Italo. *Marcivaldo ou As estações na cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1963].
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011 [1988].
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2013.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*. Mana, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, Oct. 1996. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131996000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005&lng=en&nrm=iso)>. access on 12 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005>.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

CLEMES, Jonatã Vieira. *Estudo da relação homem/natureza através da análise da sensibilidade ambiental expressa na obra literária “Marcovaldo ou as estações na cidade” de Ítalo Calvino*. Revista Iniciação Científica, Criciúma, v. 11, n. 1, p.65-78, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/iniciacaocientifica/article/view/1624>>. Acesso em: 15 maio 2017.

\_\_\_\_\_. *“Um bom selvagem exilado na sociedade industrial”*: A sensibilidade ambiental expressa na obra marcovaldo ou as estações na cidade de ítalo calvino. 2011. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

CULLER, Jonathan. Teoria Literária hoje. In: CECCHINEL, André. *O lugar da teoria literária*. Florianópolis e Criciúma: EdUFSC e Ediunesc, 2016.

DESCOLA Philippe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.

ECO, Umberto. Entrando no bosque. In: *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos AEL*: v. 10, n. 18/19 (2003), 17-41. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2510>. Acesso em: 20 Ago. 2017

FERNANDES, Valdir; RAUEN, William Bonino. *Sustainability: an interdisciplinary field*. In: *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* • <http://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/v.5,n.3,jul.-dez.2016> • p. 188-204.

FERRAZ, Bruna Fontes. *As estações de Marcovaldo: relação entre cidade e natureza a partir da obra Marcovaldo ou As estações na cidade, de Italo Calvino*. Cadernos Benjaminianos, Belo Horizonte, v. 3, p.34-42, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/5322>>. Acesso em: 15 maio 2017.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1930].

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora UNB, 2006.

GINSBORG, Paul. *A History of Contemporary Italy: society and politics 1943-1988*. New York: St Martin's Press, 2003.

GRINSPUN, Mirian P. S. Z. Educação tecnológica. In: GRINSPUN, Mirian P. S. Z. (Org.) *Educação tecnológica: desafios e perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. (p. 21-103).

GRUNER, Clóvis & SEREZA, Luiz Carlos. *Monstruosidades sedutoras: as novellas paranaenses e a invenção do urbano*. In: GRUNER, Clóvis & DENIPOTI, Claudio (orgs.). *Nas tramas da ficção - história, literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. São Paulo: Papyrus, 2006 [1989].

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015 [1992].

HARDMAN, Francisco Foot. *Antigos Mapas gizados à ventura*. Campinas: Remate de Males, (12): 65-78, 1992.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HONORÉ, Carl. *Devagar: Como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade*. 5ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2007.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2011. (p.25 - 74).

LIPOVETSKY, Gilles. O estado estético do consumo. In: *A estetização do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

MARCUSE, Herbert. *A Dimensão Estética*. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2007 [1977].

MARX, K. Manuscritos econômicos e filosóficos, primeiro manuscrito. In: FERNANDES, F. (Org.). *Marx/Engels história*. São Paulo: Ática, 1983. p.146-180.

MENEZES, Marco Antônio de. *A dessacralização da vida e da arte no século XIX*. História: Questões e debates, Curitiba, n.39, p.221-253, 2003. Editora UFPR.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 3, n. 17, p.621-626, 2012.

NAZÁRIO, Luiz. *Orfeu na sociedade Industrial*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PASOLINI, Pier Paolo. *Cartas Luteranas*. 1997. Disponível em: <<https://seminarioeuraca.files.wordpress.com/2013/04/pier-paolo-pasolini-cartas-luteranas.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2017.

\_\_\_\_\_. *Escritos Corsários*. Caracas: Monte Avália Editores, 1978. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/216425237/Escritos-Corsarios-Pier-Paolo-Pasolini>>. Acesso em: 28 set. 2017.

PIEROBON, Camila. *Cidade, natureza e ilusão: Ítalo Calvino e a épica moderna nas desventuras de Marcovaldo ou As estações na cidade*. **Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 3, p.96-111, 2012. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/277033038\\_Cidade\\_natureza\\_e\\_ilusao\\_Italo\\_Calvino\\_e\\_a\\_epica\\_moderna\\_nas\\_desventuras\\_de\\_Marcovaldo\\_ou\\_As\\_estacoes\\_na\\_cidade](https://www.researchgate.net/publication/277033038_Cidade_natureza_e_ilusao_Italo_Calvino_e_a_epica_moderna_nas_desventuras_de_Marcovaldo_ou_As_estacoes_na_cidade)>. Acesso em: 15 maio 2017.

PIGA, Talita Ravagnã; MANSANO, Sonia Regina Vargas. *Sustentabilidade Ambiental e História: Uma Análise Crítica*. In: Revista Perspectivas Contemporâneas, v. 10, n. 2, p. 174-195, mai./ago. 2015. Disponível em: <http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas>. Acesso em: 17 jan. 2018

POE, T. Marshall. *A History of Communication: Media and Society from the Evolution of Speech to the Internet*. Cambridge University Press, 2011.

ROCHA, Ethel Menezes. Animais, homens e sensações segundo Descartes. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 45, n. 110, p. 350-364, Dec. 2004. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2004000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2004000200008&lng=en&nrm=iso)>. Access on 12 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2004000200008>.

RÜDIGER, Francisco. O Ocidente e a técnica: estágios reflexivos do pensamento tecnológico. In: *As teorias da Cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2010.

SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SERRES, Michel. *O contrato natural*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SENETT, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988 [1974].

SOBRAL, Adail. Ético e estético. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007. (p. 105-120).

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: Mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500- 1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1983].

VARGAS, Milton. Prefácio. In: VARGAS, Milton. *Educação Tecnológica: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2009. p. (07-19).